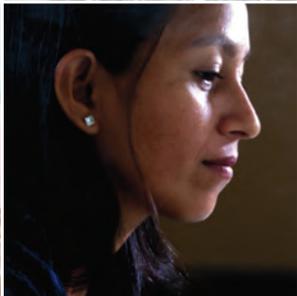




Criança Esperança
 30
 anos,
 30
 histórias



Criança Esperança: 30 anos, 30 histórias

Há 30 anos ativando a esperança



Rio de Janeiro
2015

© 2015 TV Globo
Todos os direitos reservados

Realização: TV Globo

Cooperação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

Idealização: Marlova Jovchelovitch Noletto e Rosana Sperandio Pereira

Textos: Somma Comunicações – Gabriela Athias (coordenação editorial, texto final e edição),
Maria Pia Sica Palermo (edição), com reportagem de Julia Duque Estrada

Revisão técnica: Setor de Ciências Humanas e Sociais da Representação da UNESCO no Brasil

Revisão ortográfica, gramatical e editorial: Unidade de Comunicação, Informação Pública e Publicações
da Representação da UNESCO no Brasil

Projeto gráfico: Unidade de Comunicação, Informação Pública e Publicações da
Representação da UNESCO no Brasil

Fotografia: Mila Petrillo e Rayssa Coe

Criança Esperança: 30 anos, 30 histórias; há 30 anos ativando a esperança. -- Rio de Janeiro: TV Globo, 2015.

232p.; il.

ISBN: 978-85-98273-02-0

1. Transformação social. 2. Crianças desfavorecidas 3. Juventude desfavorecida.
4. Atividades extracurriculares 5. Cultura de paz. 6. Violência. 7. Pobreza
8. Participação social 9. Programas sociais 10. Programas educacionais.
11. Brasil. I. TV Globo II. UNESCO

CDU 301.162.2:37(81)

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do Criança Esperança, um programa de mobilização social que busca transformar o futuro de crianças e jovens vulneráveis. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO e da TV Globo a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. Os autores são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO ou as da TV Globo, nem comprometem as Organizações.



EXPEDIENTE

Globo

Carlos Henrique Schroder, *diretor-geral*

Comunicação

Sérgio Valente, *diretor*

Beatriz Azeredo, *diretora de Responsabilidade Social*

Raphael Vandystadt, *gerente de Responsabilidade Social*

Rafael Marques Cavalcante, *supervisor de Responsabilidade Social*

Yasmim Alves, *analista de Responsabilidade Social*

UNESCO

Lucien Muñoz, *representante da UNESCO no Brasil*

Marlova Jovchelovitch Noletto, *diretora da Área Programática*

Setor de Ciências Humanas e Sociais / Equipe Criança Esperança

Rosana Sperandio Pereira, *oficial de projetos/coordenadora da equipe*

Luciana Amorim, *oficial de projetos*

Soleny Hamú, *oficial de projetos*

Christiane Silva, *assistente de projetos*

Mônica Scarambone, *assistente de projetos*

João Ferreira da Costa, *assistente de projetos*



SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação.....	9
A força da esperança	11
Introdução.....	13
30 anos, 30 histórias	16
1. Teia mágica da mudança.....	18
2. Menino rei.....	24
3. A menina do oboé.....	30
4. Bordando a história	36
5. Passo firme	42
6. Navegando no sertão	48
7. Crianças aladas.....	54
8. Amor a toda prova	62
9. Alô, alô, periferia.....	68
10. A favor da maré.....	74
11. Abraço solidário.....	80
12. Vencendo Golias.....	86
13. Vida de campeão.....	92
14. Contador de histórias	98
15. Cinderela da vida real.....	104
16. Palco da vida	110
17. Senhora do mar.....	116
18. Acordes da esperança	122
19. Ultrapassando fronteiras.....	128
20. Sapatilhas mágicas.....	134
21. Menino luz.....	140
22. Crescendo junto.....	146
23. Portas abertas.....	154
24. Celebração da vida.....	160
25. Menino mestre	166
Nosso reconhecimento	172
26. Reescrevendo vidas (Região Sudeste).....	174
27. Partilhando sonhos, garantindo direitos (Região Norte)	180
28. Atletas cidadãos (Região Sul)	188
29. O mago da flauta (Região Centro-Oeste)	194
30. O mais belo dos axés (Região Nordeste)	200
Linha do tempo	208
Bibliografia	226



A união de forças no Criança Esperança: uma parceria de sucesso

Em 70 anos no Brasil, a UNESCO construiu parcerias que contribuíram para o desenvolvimento social no país, em projetos de cooperação técnica com governos, organizações da sociedade civil e iniciativa privada, especialmente nas áreas da educação, das ciências e da cultura.

Esse é o caso do Programa Criança Esperança. Criado em 1986, em um momento em que pouco se falava sobre política de responsabilidade social corporativa, o Criança Esperança materializa a preocupação de uma das maiores empresas de comunicação do mundo, a TV Globo, com a qualidade de vida e o bem-estar dos brasileiros. O Programa é, hoje, a maior iniciativa de mobilização social do país e uma das mais longevas do mundo.

No marco dos seus 30 anos, o Criança Esperança reafirma sua importância histórica para o Brasil, uma nação que conseguiu muitos avanços, mas que continua a demandar a atenção e o envolvimento do Estado, da sociedade e da iniciativa privada, em um esforço conjunto para superar os desafios que ainda dificultam a conquista da cidadania, a efetivação de direitos e o desenvolvimento humano.

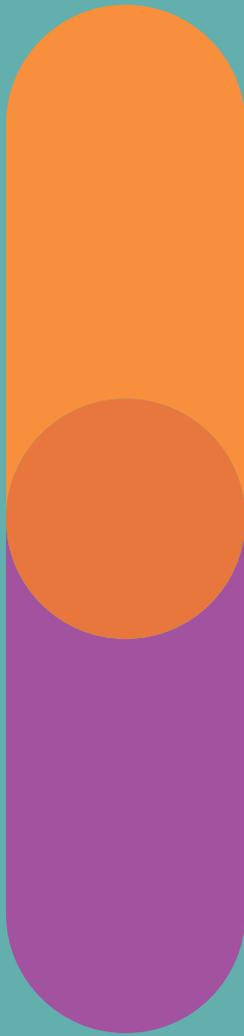
O Programa está em pleno processo de renovação, em diferentes dimensões, de modo a reafirmar sua relevância, sobretudo para localidades mais vulneráveis e distantes, e se fazer presente em cidades e regiões nas quais, por exemplo, a inclusão digital, uma realidade mundial, caminha a passos lentos.

No ano em que comemora sete décadas de existência, a UNESCO reafirma o orgulho de ter entre seus parceiros a TV Globo. As ações que a Organização realiza com a emissora, em especial no Programa Criança Esperança, fazem com que a UNESCO esteja ainda mais próxima dos brasileiros e coloque em prática sua *expertise* em áreas fundamentais para o desenvolvimento. Por outro lado, tais ações permitem que esse esforço conjunto empodere pessoas, crie oportunidades e transforme vidas em todas as regiões de um país continental como o Brasil.

A celebração de datas tão importantes para a UNESCO e para a TV Globo em 2015 é motivo não apenas para comemorações, mas, principalmente, marca o compromisso de continuar trabalhando juntas pelo desenvolvimento social do país e pela garantia dos direitos humanos, sobretudo de crianças, adolescentes e jovens brasileiros.

Lucien Muñoz

Representante da UNESCO no Brasil



O círculo da esperança

Uma marca se constrói com o que ela é, com o que faz e com a forma pela qual se conecta com a sociedade onde atua. Há 50 anos, estamos todos os dias na casa de milhões de brasileiros, de várias formas, com várias marcas. O Criança Esperança é uma delas, uma que enche de orgulho todos na Globo. Não apenas por ser efetivamente uma marca de mobilização pelo bem comum, mas pelos resultados práticos que tem em sua história, por sua abrangência e pela transformação de vidas que realiza.

Desde 1986, em uma mobilização anual sem precedentes mundiais, o nosso elenco, além de músicos, atletas e empresários, participam voluntariamente de um esforço que envolve o Brasil na defesa dos direitos dos mais vulneráveis. É uma mobilização que invade a nossa programação de forma transversal: nos nossos intervalos comerciais, no nosso jornalismo e no nosso entretenimento. Dessa forma, envolve a participação de milhões de brasileiros.

O Criança Esperança tem sido, há 30 anos, uma onda de bem-querer e bem comum. Esse é um programa que vale a pena fazer e do qual podemos nos orgulhar.

O Criança Esperança jamais chegaria aos 30 anos com essa vitalidade sem a parceria fundamental com a UNESCO, que traz conhecimento técnico e capacidade de gestão social para selecionar e acompanhar cada um dos projetos apoiados anualmente. Com a autoridade de ser a agência da ONU para assuntos de educação, ciência e cultura, a UNESCO busca os parceiros mais qualificados, que aplicam sua capacidade técnica na condução dos projetos escolhidos, enquanto nós da Globo nos dedicamos ao que sabemos: comunicar, mobilizar, envolver e informar.

Além de ser uma aposta no futuro do país, a aliança entre a Globo e a UNESCO é um exemplo de como um grupo de mídia nacional e um organismo multilateral mundial podem se unir em torno de temas centrais da infância e da juventude: saúde, direito à aprendizagem, qualidade de vida, esporte e lazer. Assim, o nosso desafio é tornar essa união cada vez mais eficiente e sintonizada com as prioridades nacionais, por muitos anos mais.

Reunidos no Criança Esperança, o poder de mobilização social da Globo, bem como a qualidade técnica e a transparência na gestão de recursos da UNESCO já foram capazes de levar as doações de milhares de brasileiros a todos os estados do país, de modo a beneficiar milhões de crianças e adolescentes, que encontraram em centenas de projetos sociais a chance de transformar

suas vidas. É um círculo virtuoso alimentado por contribuições anônimas, que chegam diretamente a organizações que desempenham um papel social importante na melhoria da vida de quem mais necessita.

Convido você a descobrir, nas próximas páginas, a parte mais importante desse círculo – meninos e meninas que tiveram suas vidas transformadas – e a se emocionar com as histórias de transformação.

Se, ao final deste livro, você se sentir motivado, lembre-se de que as doações para o Criança Esperança estão abertas o ano inteiro, pelo *site* <www.criancaesperanca.com.br>. Você vai se sentir muito melhor se doar. Afinal, quem recebe, ganha. E quem doa também.

Carlos Henrique Schroder

Diretor-geral – Globo

Doador do Criança Esperança



A força da esperança

Estamos todos em festa, celebrando os 30 anos do Criança Esperança, um programa da TV Globo e da UNESCO em parceria com milhões de brasileiros.

Quando o Programa nasceu, ainda não havia a atual Constituição Federal nem o Estatuto da Criança e do Adolescente, e praticamente não existia, de forma sistêmica no mundo corporativo, a preocupação com as questões sociais. O Criança Esperança surgiu, então, como uma estratégia inovadora de conscientização e mobilização, e caracterizou-se como um movimento precursor da responsabilidade social empresarial.

Nestes 30 anos, são muitas histórias para contar, histórias bem-sucedidas de pessoas e organizações que tiveram suas trajetórias transformadas, o que também teve impacto nas comunidades. Tudo isso foi possível com a participação solidária do povo brasileiro e também das empresas amigas da criança.

Não foi fácil fazer a seleção das histórias para serem contadas neste livro. Em um universo de mais de 5 mil projetos sociais apoiados, que receberam recursos doados pela sociedade, era de se esperar que escolher as que fariam parte desta publicação seria uma tarefa difícil, já que centenas delas mereceriam estar retratadas aqui. Porém, muito mais do que apresentar números, o que queremos neste momento é compartilhar com os leitores algumas dessas histórias.

Selecionamos 30 histórias em diferentes regiões do Brasil, procurando contemplar sua riqueza e diversidade cultural, bem como evidenciar a importância que o apoio do Criança Esperança teve na vida de pessoas, comunidades e das próprias organizações apoiadas. A força dessas organizações e o impacto dos projetos que desenvolvem, em todo o Brasil, vão muito além do que se pode quantificar. Possibilitar intervenções que criem oportunidades e transformem vidas tem sido o principal objetivo do Criança Esperança, ao longo de suas três décadas de existência.

Anualmente, cerca de mil organizações da sociedade civil participam do processo seletivo, buscando o apoio do Programa Criança Esperança para colocar em prática seus projetos, que reúnem experiência, capital humano e compromisso em benefício de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade por todo o país.

Juntos, a solidariedade do povo brasileiro, a força de um veículo de comunicação e o conhecimento técnico de uma agência das Nações Unidas são capazes de impactar vidas, criar oportunidades e transformar a realidade, especialmente de crianças, adolescentes e jovens.

A UNESCO agradece a confiança dos milhões de brasileiros que, ao doar, têm participação efetiva nos resultados obtidos pelo Programa. É assim, com a união de esforços, que o Criança Esperança supera o desafio de permanecer atual e se fortalece como o maior programa de mobilização social do Brasil.

A parceria de sucesso com a TV Globo é motivo de orgulho para a UNESCO. Tem sido enriquecedor trabalhar com uma empresa comprometida com a responsabilidade social e que utiliza, nesta área, o mesmo padrão de qualidade já conhecido e respeitado de sua programação: o *padrão Globo de qualidade*. Na UNESCO, procuramos corresponder, com a utilização do nosso conhecimento técnico, para que o Criança Esperança continue sendo referência no Brasil, criando capacidades nas organizações sociais e empoderando crianças e jovens.

Agradeço aos profissionais da TV Globo, assim como aos colegas da UNESCO, que partilham do entusiasmo de trabalhar no Criança Esperança. As equipes multidisciplinares empregam talento e energia nesta corrente de solidariedade, para que resultados como os publicados neste livro sejam possíveis.

Nosso desejo é que, ao conhecer cada uma dessas histórias, você se emocione tanto quanto nós, que trabalhamos para que elas se tornem realidade. Estamos certos de que o poder mobilizador do Criança Esperança e da rede de organizações apoiadas por ele continuará transformando positivamente a vida de muitos brasileiros.

Que venham os próximos 30 anos!

Marlova Jovchelovitch Noletto

Diretora da Área Programática da UNESCO no Brasil



30 anos, 30 histórias

Este é um livro de histórias de vida. Ele traz depoimentos de 30 pessoas com trajetórias singulares, que tiveram a oportunidade de reescrever seu destino e ir além das previsões iniciais mais otimistas.

Muitas dessas pessoas abraçaram projetos de música, dança, educação, saúde ou geração de renda. Assim, driblaram as estatísticas e romperam o ciclo de pobreza e violência que ronda as famílias que vivem em comunidades, morros e favelas Brasil afora.

Este livro apresenta histórias como as de Giácomo, o garoto gaúcho que ficou paraplégico aos 6 anos e que hoje é campeão paralímpico de basquete; de Marcos, que desafiou as regras impostas pelos traficantes das favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas, no Rio de Janeiro, e cruzou a fronteira de uma para a outra com o objetivo de aprender música; ou ainda de Elizeu, o rapaz que conectou os habitantes da pequena Tejuçuoca, no sertão do Ceará, à internet; sem falar de Jizele, uma garota da periferia de Cuiabá que engravidou aos 14 anos e que, hoje, toca oboé profissionalmente.

Zenaide, Toninha, Marília, Raimundo e tantos outros personagens retratados neste livro nunca se viram. No entanto, têm em comum a força para superar adversidades e influenciar positivamente as comunidades em que vivem. Além disso, são pessoas que contam as histórias mais surpreendentes de um ponto de vista valioso: o da simplicidade. Todos fazem parte da rede tecida pelas oportunidades surgidas a partir dos projetos apoiados pelo Programa Criança Esperança em parceria com a sociedade brasileira.

Entre 1986 e 2015, foram apoiados mais de 5 mil projetos sociais, que atenderam mais de 4 milhões de pessoas. O desafio inicial deste livro foi selecionar, em todo esse universo, histórias capazes de retratar a diversidade dos projetos e as particularidades regionais do país, bem como contar a história de brasileiros que se aventuram diariamente na reinvenção da própria realidade.

Como ponto de partida, a coordenação do Programa Criança Esperança na UNESCO realizou uma pré-seleção de organizações que trabalham com diversas ferramentas para promover a inclusão social do público atendido, de acordo com a realidade local. Era preciso, ainda, assegurar que todas as regiões brasileiras fossem retratadas, bem como pessoas com diversos perfis e idades, uma vez que o Criança Esperança beneficia indiretamente comunidades inteiras – é o caso da dona Zenaide, testemunha ativa das profundas mudanças ocorridas no Pântano do Sul, distrito no extremo sul de Florianópolis, Santa Catarina, desde a criação da organização Ilhas do Brasil, há dez anos.

Assim, foi elaborada uma lista inicial com 124 pessoas, que foram pré-entrevistadas pela equipe do livro. Desse primeiro filtro, foram selecionados 25 personagens que participaram de alguma forma de projetos apoiados pelo Criança Esperança. As outras cinco histórias foram contadas por coordenadores de projetos sociais – um em cada região do país – que advogam causas relevantes para os direitos da infância e da juventude. Por meio da atuação dessas pessoas, esses temas ultrapassaram as fronteiras da sua região e ganharam repercussão nacional e visibilidade na mídia.

Para contar todas essas histórias, foram visitadas 15 cidades, em 11 estados de todas as regiões do país, em um percurso total de 9.592 quilômetros.

Certamente, são pessoas como as apresentadas aqui que fazem a diferença muitas vezes de forma anônima –, em um país que tem a desigualdade social como uma de suas marcas mais profundas. Agora, nesse projeto de “30 anos, 30 histórias”, damos voz a essa gente. Uma gente que se transforma pela própria força e que conta com o apoio e com a solidariedade dos milhões de brasileiros que doam anualmente ao Programa Criança Esperança.

Gabriela Athias

Editora



30

A teal-colored silhouette of a person with their arms and legs spread wide, standing on a red background. The person's head is a solid circle, and their torso is a simple rectangular shape. The text "30 ANOS," is written in white, sans-serif font across the chest area.

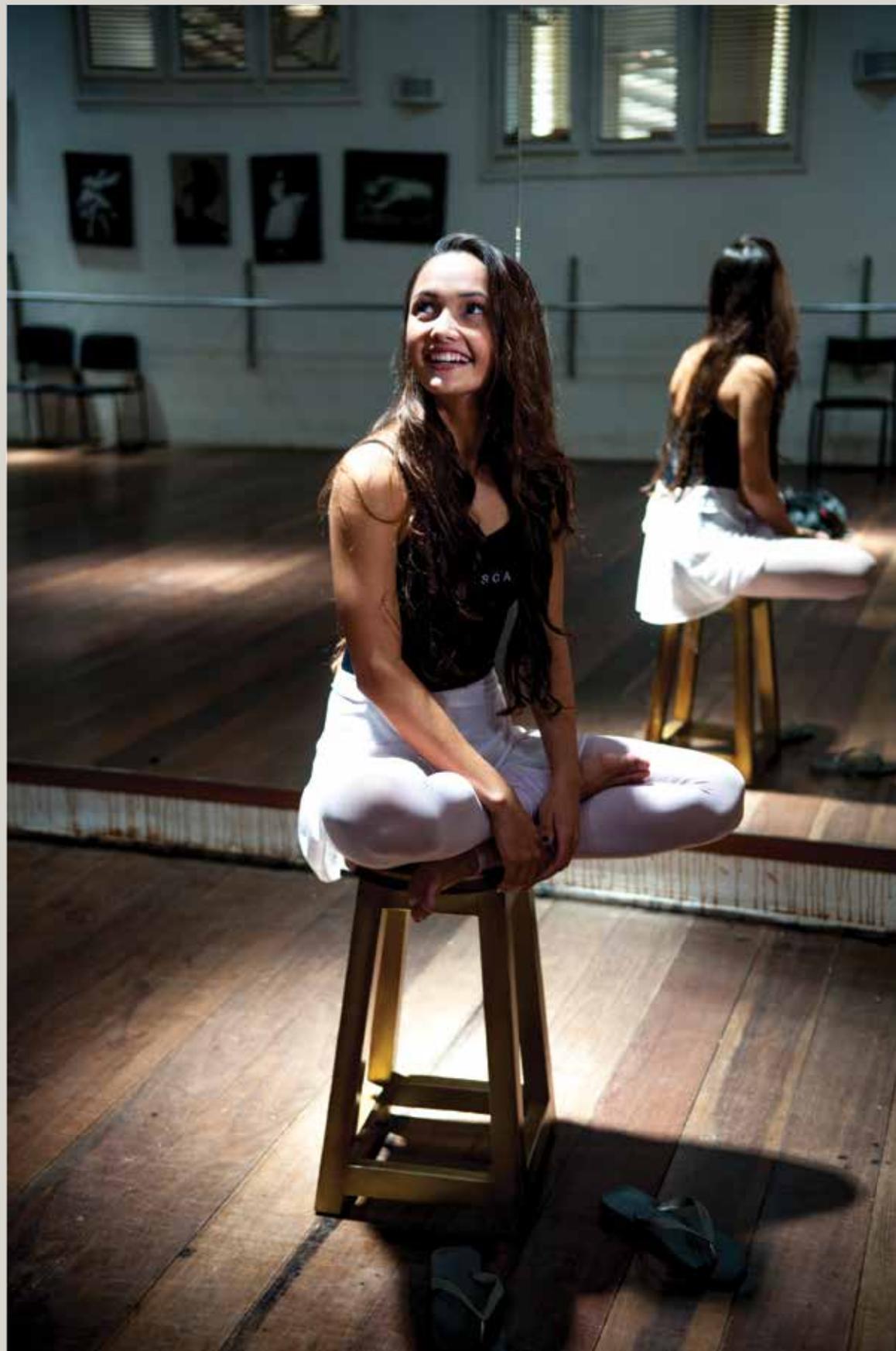
30 ANOS,

A red silhouette of a girl with her arms and legs spread wide, standing on a green background. The text "30 HISTÓRIAS" is written in white across the girl's chest.

30 HISTÓRIAS

EDISCA –
ESCOLA DE
DANÇA E
INTEGRAÇÃO
SOCIAL PARA
CRIANÇA E
ADOLESCENTE
FORTALEZA - CE

JAMILA LOPES





TEIA MÁGICA DA MUDANÇA

AOS 8 ANOS, JAMILA LOPES FOI LEVADA PELA MÃE, DONA SOCORRO, PARA REALIZAR UM TESTE DE BALÉ NA ESCOLA DE DANÇA (EDISCA), UM PROJETO QUE TRANSFORMA MENINAS VULNERÁVEIS EM BAILARINAS CIDADÃS. NAQUELE DIA, SEGUNDO ELA, UMA “TEIA MÁGICA” COMEÇAVA A SER TECIDA. A MENINA JAMILA FOI APROVADA, TORNOU-SE BAILARINA E FEZ SUA ESTREIA EM UMA APRESENTAÇÃO NA SEDE DA UNESCO, EM PARIS, NA FRANÇA.

HOJE, AOS 22 ANOS, JAMILA É PROFESSORA DE BALÉ E ALUNA DO CURSO DE DIREITO. PRETENDE FAZER DA PRÁTICA PROFISSIONAL UM INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO. “POSSO IR ALÉM DA DANÇA”, DIZ ELA.

Criada há 21 anos, a Edisca apresenta o mundo da dança a meninas e meninos pobres das periferias de Fortaleza, capital do Ceará. Lá, eles têm aulas de antropologia da dança e... dançam. Além disso, encantam plateias exigentes mundo afora. Beleza e harmonia surgem de movimentos bem ensaiados que, passo a passo, vão mudando o ritmo da vida dessas crianças e jovens, que reescrevem o próprio futuro.

Na comunidade onde mora com os pais, um lugar violento na Praia do Futuro, em Fortaleza, Jamila e sua atuação na Edisca inspiram muitas crianças a acreditar na dança e na mudança. "Não é a nossa condição social, mas o que trazemos no peito que ajuda a abrir caminhos", diz Jamila, ao contar sua história.



"A professora dizia: plié, estica a pontinha do pé, agora faz pé de palhaço. E eu achando o máximo, sorrindo para todo mundo. Aquilo para mim era uma brincadeira. Nem sabia que estava fazendo um teste. Minha mãe levou a gente, eu com 8 anos, e minhas duas irmãs mais velhas. Cheguei na Escola de Dança (Edisca), num mundo tão diferente. Eu vinha do interior do Ceará, imagina! Não sabia nem o que era balé.

Nasci em Icapuí, uma cidade muito pequena no litoral, na divisa com o Rio Grande do Norte, que tem a pesca da lagosta como principal meio de vida. Meu pai, Marcos, era pescador, e minha mãe, dona Socorro, costureira. Minha mãe teve problemas no parto da minha irmã, ficou cega do olho direito, por isso parou de exercer a profissão. Meus pais sempre pensavam em como dariam outro rumo para as filhas. Por isso, quando eu tinha 5 anos, migramos para a capital.



Viemos passar as férias na casa de uma tia e não voltamos mais. Em Fortaleza, meu pai não conseguiu ser pescador e passou a vender lanches pela cidade. Fomos morar na Praia do Futuro, numa comunidade das mais violentas, chamada Vicente Pinzon. Meu pai construiu nossa casa com material de entulho. Foi um período bastante sofrido. Icapuí virou um sonho, uma cidade em que eu pegava caju no pé da árvore e passeava de barco.

Em Vicente Pinzon, ficava muito assustada de ver gente com armas, acordava de noite chorando com o som de tiros. Meus pais pensaram várias vezes em voltar para o interior. Criar três meninas numa favela não é fácil. Eles tinham medo de bala perdida e das influências da rua. Várias crianças que brincavam com a gente hoje vivem a realidade das drogas – usam, vendem – e da prostituição, ou não estão mais neste mundo.





Uma vez, na favela, minha mãe viu meninas uniformizadas, usando saia, sapatilha, coque; então, acho que ela pensou que essa era a saída. A partir de então, tudo foi se transformando. Eu vivia em dois mundos: de manhã, na realidade do meu bairro, estudando, e de tarde, nas aulas de balé, com direito a transporte, alimentação, consulta com psicólogo, dentista e apoio ao ensino formal. Aos 9 anos, eu estava no Corpo de Baile, que representa a Edisca dentro e fora do Brasil. Minha primeira apresentação foi em Paris, no Teatro da UNESCO. O espetáculo falava da seca, do êxodo rural. Na despedida, minha mãe disse que uma lágrima era de tristeza, e a outra, de alegria.

Minha vida mudou muito. Meus pais só estudaram até a 4ª série, mas sabiam que os estudos podem mudar a vida da gente. Por isso, nos incentivavam muito na escola. Sempre gostei de estudar e mantinha as médias altas. Por meio de uma parceria da Edisca com as melhores



“É como uma teia mágica: a gente vê o início, mas não consegue ver o final, porque a transformação não acaba. Nunca pensei que tudo isso fosse possível”.

Jamila Lopes



escolas particulares de Fortaleza, acabei ganhando uma bolsa de estudo para o ensino médio. Aos 14 anos, eu sabia por que estava ali e o que isso representava em termos de oportunidades. Como meu ensino fundamental foi precário, no início senti dificuldade, mas continuei passando por média e ficando entre os três primeiros da sala. Até ganhei um computador na Edisca, por causa das notas.

No ano do meu vestibular, abri a Faculdade de Dança no Ceará. Quando entrei na Universidade Federal, foi um grande alívio. Logo fui convidada a dar aulas na Edisca. Tem sido maravilhoso poder dividir com as meninas o que recebi, ver nas crianças os mesmos olhos de esperança que eu tinha quando entrei.

No ano passado, entrei numa faculdade particular de direito, tranquei o curso de dança e pago as aulas com o meu salário de professora de balé. Hoje, vejo que minha missão pode ser maior do que a dança. Os palcos me realizaram demais, mas quero trabalhar na Defensoria Pública. Já me vejo, futuramente, defendendo causas.

Ainda moro na mesma comunidade, mas quero dar a meus pais um lugar melhor. Digo para os meus alunos que o lugar onde moramos não tem nada a ver com o que podemos e com o que somos. Não é a nossa condição social, mas o que trazemos no peito que ajuda a abrir caminhos.

É como uma teia mágica: a gente vê o início, mas não consegue ver o final, porque a transformação não acaba. Nunca pensei que tudo isso fosse possível”.



Instituição: Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente (Edisca)
Local: Água Fria, Fortaleza (CE)
Ano de criação: 1991
Atendimentos: 300 crianças e jovens por ano
Projeto apoiado: Passaporte para o Futuro



Objetivo: empoderamento de adolescentes e jovens por meio do acesso a tecnologias de informática e comunicação, produção e troca de conhecimentos, criação e compartilhamento de vídeos com temáticas relacionadas a direitos e juventude.



INSTITUTO
LENON JOEL
PELA PAZ
SÃO LEOPOLDO - RS



LUAN LUCAS



MENINO REI

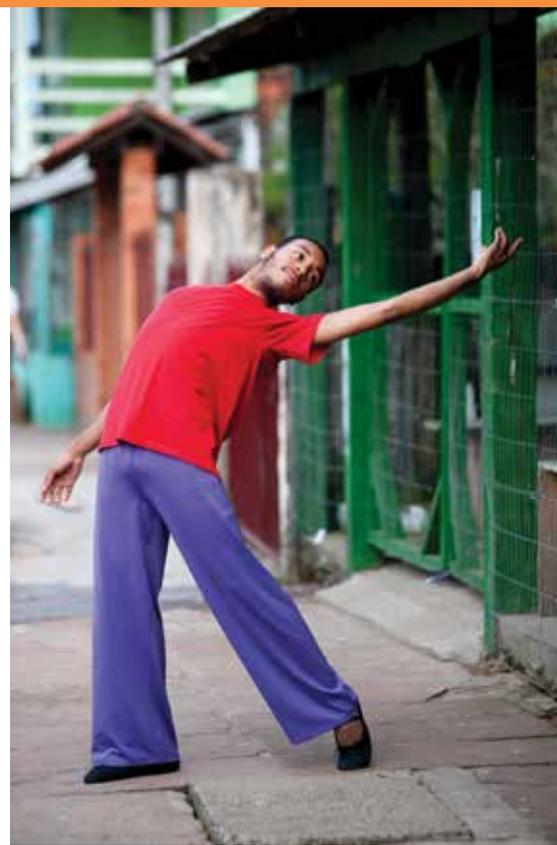
SEGUNDA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 2006. O RELÓGIO MARCA APROXIMADAMENTE 21 HORAS, QUANDO UM JOVEM ARMADO ASSALTA A CASA DA FAMÍLIA BACKES, EM SÃO MIGUEL, PERIFERIA DE SÃO LEOPOLDO, REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. MATA COM UM TIRO NA CABEÇA O GAROTO LENON, DE 16 ANOS. OS PAIS PRESENCIAM A MORTE DO ÚNICO FILHO. O ASSASSINATO DE LENON FOI NOTÍCIA EM JORNAIS E NOTICIÁRIOS DE TV. A POPULAÇÃO DO BAIRRO FOI ÀS RUAS PROTESTAR CONTRA A VIOLÊNCIA. CONTUDO, O QUE POUCO SE SABE É QUE A TRAGÉDIA FOI O PONTAPÉ INICIAL DE UMA NOVA VIDA PARA CENTENAS DE ADOLESCENTES DE SÃO LEOPOLDO. A FAMÍLIA CRIOU O INSTITUTO LENON PELA PAZ, QUE TEM COMO PRINCIPAL OBJETIVO OFERECER AOS JOVENS ALTERNATIVAS À REALIDADE VIOLENTA DO BAIRRO, AJUDANDO-OS A ROMPER O CICLO DA VIOLÊNCIA.

“Todos os meses morre um jovem ou dois aqui em São Miguel”, relata Fernanda Appelt, 33 anos, gestora de projetos do Instituto. “Os que mais morrem são os garotos que ficam nas esquinas passando drogas. Na disputa por território, eles morrem e matam entre si. É um verdadeiro extermínio”, classifica ela.

A virada do Instituto, segundo Fernanda, ocorreu com os cursos profissionalizantes. São oficinas que possibilitam retorno financeiro quase imediato para quem tem a partir de 14 anos de idade. Secretariado, manicure-pedicure-maquagem e conserto de bicicletas são algumas das opções. “É nessa fase que os meninos querem comprar um tênis ou ter um pouco de dinheiro no bolso”, conta. “Se não têm dinheiro ou trabalho, acabam vendendo drogas”, resume Fernanda.

As estatísticas do Lenon revelam que nenhum dos participantes abandonou qualquer atividade do instituto para entrar no tráfico, o que é uma vitória. “O apoio do Criança Esperança é absolutamente fundamental para o resgate desses jovens. Eles aprendem que há um jeito diferente de conseguir as coisas”, diz a gestora, que se prepara para ampliar a oferta de cursos. “A experiência desses cursos e o sucesso dos meninos mostram que o nosso trabalho vale muito a pena”, resume Fernanda.

Quebrar o ciclo de violência: a filosofia que norteia as ações do Lenon é ainda mais genuína pelo fato de o Instituto ter sido criado por uma família que foi vítima de violência cometida justamente por um jovem. Durante muitos anos, o Instituto atendeu os primos do jovem assassino. “Ele não entrou para matar. Foi mais uma vítima da falta de perspectiva e das drogas”, lembra Fernanda. O trabalho do Lenon é uma lição de tolerância em uma sociedade marcada pela violência.





“Meu nome é Luan e tenho 16 anos. Cresci num bairro violento, dominado pelo tráfico. Eu tinha um grupo de cinco amigos que andava sempre junto. A gente jogava futebol nos mesmos times desde os 10 anos. Sou o único que está vivo e que não deve nada à Justiça. Três dos meninos foram assassinados com 16, 17 anos. Um está na cadeia, e o outro, menor de idade, faz serviço comunitário para ‘pagar’ medida socioeducativa.

Minha vida mudou por causa do Instituto Lenon. Hoje, quando vejo o pessoal do tráfico na comunidade, passo reto. Eu mesmo nunca usei drogas, mas ficava muito na rua e acabei fazendo muita besteira. Fui preso por vandalismo aos 12 anos, por quebrar os vidros de um barco. Só fui solto porque minha mãe assinou um termo de



responsabilidade para que a medida socioeducativa fosse cumprida na comunidade.

Eu só queria saber da gurizada. A gente ia 'dar uma banda' no centro, dizendo que era para ver as gurias. Mas não tinha guria nenhuma. Era só mesmo pra fazer bagunça. A gente tacava pedra nas casas; de noite, botava fogo em lixeira, pichava e 'fazia bonde', que é quando um monte de guris de uma vila se junta pra brigar com os de outra vila. Sempre saía alguém machucado.

Hoje, eu acho que fazia isso para me sentir valentão.

Minha mãe vivia apavorada. Depois que fui parar na delegacia, ela procurou de novo o Instituto Lenon, para pedir ajuda. Nenhum dos meus irmãos fazia coisa errada. Meu pai, que é pedreiro, conversou comigo e disse que não queria me ver atrás das grades. Meu padrasto também falou para eu não ir para o mau caminho.



“Cresci num bairro violento, dominado pelo tráfico. Eu tinha um grupo de cinco amigos que andava sempre junto. Sou o único que está vivo e que não deve nada à Justiça”.

Luan Lucas



No Instituto, entrei para um curso de manutenção de computadores. Achei que ficariam toda hora em cima, dizendo que eu tinha que fazer isso e aquilo. A minha mãe falou que, se eu ficasse um mês no profissionalizante, depois podia fazer a aula de futebol. Então, gostei. Fui conhecendo gente, me afinando bem com o grupo.

No ano de 2011, quase toda semana morria adolescente assassinado na comunidade. Um ano depois, o Wagner, meu melhor amigo, foi assassinado. Aquilo me doeu muito. Ele roubava, ficava com a mulher de outro cara, fumava maconha. Sempre quiseram que eu experimentasse, mas nunca usei. Mas acho que mataram meu amigo porque ele ficou com a mulher errada.

Comecei a entender cada vez mais a importância do Instituto. O tempo ia passando, eu fui me dando mais aqui no Instituto, e os que ficaram fora se afundaram cada vez mais. Em 2014, fui convidado para ser monitor no Instituto, com a condição de que eu fosse para a escola. Voltei para o 1º ano do ensino médio, mas já estava quase reprovando por falta.

Hoje, ajudo em todas as atividades, mas gosto mesmo é da oficina de futebol. Aprendo bastante. Quero fazer faculdade de educação física e continuar treinando a gurizada daqui. Com o dinheiro que ganho como monitor, ajudo em casa e compro presentes pra minha namorada, Aline, que conheci aqui mesmo no Lenon.

Minha mãe está orgulhosa. Ela sabe que pode contar comigo. Muitas vezes, ela não comia para deixar para mim e para os meus irmãos. Hoje, estou fazendo por ela. Na rua, a gurizada me pergunta como faz para ser monitor. Eu digo a eles: tem que participar das oficinas”.



Instituição: Instituto Lenon Joel pela Paz
Local: São Miguel, São Leopoldo (RS)
Ano de criação: 2006
Atendimentos: 90 crianças e jovens por ano



Projeto apoiado: Espaço Profissionalizante Pró-Esperança
Objetivo: despertar o protagonismo de crianças e adolescentes e prepará-los para o mercado de trabalho.



São Leopoldo (RS)

INSTITUTO
CIRANDA –
MÚSICA E
CIDADANIA

CUIABÁ-MT

JIZELE FERREIRA
SOBRINHO





A MENINA DO OBOÉ

O AMOR PELA MÚSICA CONDUZIU JIZELE FERREIRA SOBRINHO AO SELETO GRUPO DE INSTRUMENTISTAS DE OBOÉ QUE EXISTE EM CUIABÁ E NO BRASIL. ELA COMEÇOU TOCANDO CLARINETE, AOS 8 ANOS DE IDADE, E SEU CONTATO COM O OBOÉ OCORREU POR ACASO.

O INSTRUMENTO É CARO E NÃO É DE APRENDIZADO SIMPLES, MAS O QUE PARECIA SER UMA IMPOSSIBILIDADE, TORNOU-SE UMA OPORTUNIDADE PARA A MENINA, NASCIDA EM VÁRZEA GRANDE, UMA DAS REGIÕES MAIS POBRES DA REGIÃO METROPOLITANA DE CUIABÁ (MT).

Aos 14 anos, quando descobriu que estava grávida, como tantas meninas que enfrentam a gravidez na adolescência, Jizele pensou em largar tudo, até mesmo a música, já prevendo as dificuldades que teria pela frente.

A gravidez na adolescência é um dos graves problemas de saúde pública do país. No início da década, cerca de 750 mil adolescentes foram mães no país, de acordo com o Ministério da Saúde. Esse número vem se reduzindo, mas ainda é considerado alto pelos especialistas.

Quando isso ocorre, a tendência é que as meninas grávidas se afastem da escola. Longe do ambiente escolar, elas tendem a engravidar outras vezes. Por outro lado, o bebê fica entregue aos cuidados de terceiros e raramente tem condições de desenvolvimento adequado.

Jizele contrariou as estatísticas e construiu uma nova vida.

Hoje, aos 20 anos, a jovem – que se revelou uma guerreira – ensaia, dá aulas e integra a Orquestra do Instituto Ciranda. Jizele ainda tem tempo para cursar música, na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e se dedicar ao filho, Gabriel, que já tem 6 anos.



“Eu comecei a estudar música na Igreja. Desde os 8 anos, tocava clarinete. Meu irmão e meu pai, saxofone. Tive uma adolescência meio bagunçada e me desviei da música. Meu pai é religioso e falava que a música prejudicaria os meus estudos. Quase desisti com medo de perder tempo, atrasar os estudos e não conseguir me sustentar.

Talvez por machismo, o meu pai me prendia muito. Dizia que eu era muito nova para a música e muito pequena para sair. Virei rebelde e caí na gandaia. Aos 14 anos, descobri que estava grávida. Depois que fiz o teste, decidi falar abertamente. Nunca me preocupei muito com a reação dos outros.



Meu pai brigou comigo. Durante uma semana, ficou meio depressivo. Ele conhecia o Willian, pai do bebê, que tinha 19 anos, estava fazendo faculdade e não trabalhava.

O pai do meu filho me propôs casamento, mas eu não quis. Quando o Gabriel nasceu, meu pai queria resolver todos os problemas. Ameaçava o Willian quando ele atrasava a pensão. Meu pai vendia pamonhas na rua. Fui vendo que a pedreira era grande.

Minha mãe, que é dona de casa, reagiu com mais tranquilidade. Meu pai e ela me ajudaram muito, mas comecei a resolver sozinha as minhas questões. Não parei de estudar e concluí o ensino médio. O Willian passou a trabalhar com o pai dele, numa loja de refrigeração, e visitava o Gabriel lá em casa.

Nessa época, meu irmão mais velho já tinha aulas de saxofone no Instituto Ciranda. Ele ia de carona com o Murilo, diretor do Instituto, que se tornou amigo da minha família. Lembro deles entrando no carro, e eu olhando, como se dissesse: 'Me levam também?'.



O Gabriel já estava com 2 anos. Eu precisava de um incentivo, tinha vontade de ensaiar, mas tinha dúvidas se a música ainda servia para mim. O Murilo foi meu 'pai' na musicalização. Talvez notando o meu olhar de 'me leva', um dia ele perguntou se eu gostaria de ensaiar no Ciranda. Como já existiam muitos clarinetistas, fui apresentada ao oboé, um instrumento mais caro e mais difícil.

Foi a minha oportunidade.

Eu não fazia a mínima ideia de como aquilo funcionava. A diferença para o clarinete é que eu precisava fazer mais pressão para assoprar. Fui incentivada a estudar, pesquisar e ensaiar, e acabei ganhando o instrumento. Para me aprofundar nos estudos, o Instituto Ciranda trouxe professores de fora do estado, já que eu era a única instrumentista de oboé em Mato Grosso. O desafio me animava.

Logo entrei para a Orquestra e fiz minha primeira viagem de avião, para o Rio de Janeiro. Já tocamos em um teatro bem legal em São Paulo, e eu viajei para fazer aulas em Brasília, onde o meu irmão mais velho mora. Ele é instrumentista da banda militar e diz ter o maior orgulho de mim.

Quando comecei a ter aulas no Ciranda, estava na época do pré-vestibular. Estudei teoria musical, o que me ajudou muito na prova de habilidades específicas. Passei de primeira no curso de licenciatura em música, da Universidade Federal de Mato Grosso.

Amo a música – é o meu prazer, é o que me segura. Hoje em dia, também dou aulas particulares, mas a metade do meu salário vai para a manutenção do instrumento. Tenho três alunos e a missão de transmitir a eles o que aprendi. Chegam querendo tocar outros instrumentos, mas então apresentamos o oboé. Ensinar é mais difícil do que tocar.

Daqui para frente, quero terminar a faculdade e fazer bacharelado em oboé. A ideia é, depois, passar num concurso e ser instrumentista de orquestra. Minhas amigas dizem que eu mudei. Me elogiam,



“É na dificuldade que a gente aprende. Só precisamos ter apoio e incentivo. Com isso, o que parece quase impossível se torna até mesmo fácil”.

Jizele Ferreira Sobrinho

dizem que sou guerreira por ganhar o meu salário, cuidar do meu filho e fazer faculdade. Muitas ainda estão no ensino médio. Perguntam como foi possível conseguir isso tudo.

É na dificuldade que a gente aprende. Só precisamos ter apoio e incentivo. Com isso, o que parece quase impossível se torna até mesmo fácil”.



Instituição: Instituto Ciranda – Música e Cidadania
Local: Dom Aquino, Cuiabá (MT)
Ano de criação: 2003
Atendimentos: 1.500 crianças e jovens por ano



Projeto apoiado: Instituto Ciranda – Música e Cidadania
Objetivo: criar oportunidades de desenvolvimento pleno, por meio do ensino e da difusão da arte musical para crianças e jovens em Mato Grosso.



● Cuiabá (MT)

INSTITUTO
PROEZA
BRASÍLIA - DF



ANTÔNIA
FERNANDES
CARDOSO



BORDANDO A HISTÓRIA

APOENA É UMA PALAVRA QUE SIGNIFICA “AQUELA QUE ENXERGA LONGE” EM TUPI-GUARANI. A MARCA, CRIADA PELO INSTITUTO PRÓ-EDUCAÇÃO E SAÚDE (PROEZA), NO RECANTO DAS EMAS, REGIÃO ADMINISTRATIVA DE BRASÍLIA, DE FATO GANHOU O MUNDO: É VENDIDA PELA INTERNET E NAS PRINCIPAIS LOJAS MULTIMARCAS DO PAÍS. ESTÁ PRESENTE, AINDA, EM DESFILES NAS SEMANAS DE MODA, TEVE PEÇAS DE FIGURINO USADAS EM NOVELAS, VENDE NO EXTERIOR E, EM 2012, TEVE SEU TRABALHO DE CAPACITAÇÃO DE MULHERES RECONHECIDO POR HILLARY CLINTON, ENTÃO SECRETÁRIA DE ESTADO NORTE-AMERICANA.

No entanto, o projeto Meninas e Mulheres, uma das ações do Proeza, vai além da confecção de roupas que encantam: ele transforma a vida de meninas e mulheres nascidas em famílias pobres, vítimas da exclusão social, oferecendo acompanhamento escolar, atividades culturais e uma alternativa sólida de geração de renda para as de mais idade.

“As meninas desenvolvem autoconfiança e ganham novo entusiasmo; as mulheres mais velhas chegam quase sempre muito quietas, caladas, e depois vão se soltando”, descreve Kátia Ferreira, presidente do Instituto. A sala de costura é permanentemente tomada por vozes e risos que fortalecem as amizades tecidas entre linhas, bordados e o barulho das máquinas.

Um dos focos do Proeza é a prevenção ao trabalho infantil doméstico. Embora ainda seja comum em algumas regiões do Brasil, essa condição integra a lista da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que tipifica as piores formas de trabalho infantil. No Brasil, há 250 mil pequenos trabalhadores domésticos – e cerca de 90% deles são meninas.

A presidente do Proeza lembra que são comuns os casos de meninas que, desde muito pequenas, realizam trabalhos domésticos em troca de educação, comida e roupas. “A desculpa cruel é a de que, se ficarem na rua, podem engravidar e fazer coisas erradas”, diz Kátia. “Na verdade, aos 14 anos, elas já estão sujeitas a todo tipo de dificuldade e violações”.

Antônia Fernandes Cardoso, a dona Toninha, 49 anos, já foi uma dessas meninas. Ela saiu de Encanto, no Rio Grande do Norte, e foi para Brasília; tinha 10 anos e não escapou do trabalho como doméstica. “Quando vejo as meninas nas aulas de balé aqui do Proeza, penso que terão uma história de vida bonita para contar porque estudam, dançam e estão sendo crianças”, diz Toninha, ao fazer um relato da sua infância de menina trabalhadora.





“Minha mãe teve 24 filhos, mas sobreviveram apenas sete. A vida na roça era muito dura, e meu pai morreu quando éramos pequenos. Eu cuidava dos meus irmãos e cozinhava. Um dia, eu estava na roça, apanhando algodão, quando chegou um rapaz dizendo para minha mãe que ia levar um dos filhos dela para morar com a nossa prima, em Ceilândia, perto de Brasília. Para mim, na época, com mais ou menos 10 anos, parecia a salvação. O pessoal dizia que Brasília era uma cidade muito boa. Não falei nem com a minha mãe: peguei a roupa e fui de ônibus com o rapaz. Uma viagem de um dia, de Encanto a Brasília.”



Na casa da minha prima moravam, além dela, o marido e dois filhos pequenos. Ela me ensinou a fazer comida e a cuidar da casa. Eu estava acostumada com tudo mais fácil – só colocava o feijão no fogão a lenha e preparava qualquer coisa. Na casa dela, eu tinha de comprar pão, fazer café e depois o almoço. Se não estivesse pronto na hora, ela brigava.

Eu pensava: ‘Meu Deus, por que deixei minha família?’. Eu era muito criança, bobinha mesmo. Cuidava dos filhos e da casa todinha, e recebia roupa e comida. Dormia no sofá, só podia almoçar depois deles e só saía de casa acompanhada.

Um dia, minha prima disse que eu já poderia ir à padaria sozinha. Eu me perdi. Não sabia ler. Fiquei andando sozinha, procurando, perguntando se alguém conhecia o endereço. Passava na frente da casa e não reconhecia. Eu gaguejava muito, era muito tímida. Fui encontrada ao meio-dia, no meio da rua, com o pão e o leite na mão. Depois disso, ela tentou me ensinar a ler. Mas eu não me interessei – queria ir para o colégio, não estudar em casa. Não gostava da casa, mas não queria voltar pra roça.

Um dia, já aos 14 anos, estava limpando a garagem quando um rapaz assobiou. Assim conheci meu marido, Damião. Namoramos escondidos por quase dois anos, até ele pedir a permissão da minha prima. Mas era tudo difícil, e mal conseguíamos nos encontrar. Nessa época, eu já andava cansada da vida e resolvi fazer besteira. Fiquei grávida aos 15 anos e logo da primeira vez. Apanhei muito, com a mão e de chinelo. Fiquei revoltada. Ela dizia que ia me mandar para a casa do pai dela, e que ele seria mais duro comigo.

Damião convenceu um padre a nos casar na Igreja, mesmo eu sendo menor de idade.

Foi muito lindo. Só nós dois, a mãe e a irmã dele. Aquilo foi a minha liberdade. Damião ganhava uma mixaria, mas conseguimos um lote



“Se antigamente existissem oportunidades como essas e se os pais soubessem como a escola é importante, a minha história e a de um monte de mulheres teria sido muito diferente”.

Antônia Fernandes Cardoso



para morar no bairro da Guariroba, em Ceilândia. Acabei perdendo meu primeiro filho, mas tivemos três: Daniel, Samuel e Ezequiel.

Soube aqui do Proeza por uma cunhada, que ouviu falar das oficinas de bordado. Achava que não tinha jeito com as mãos, mas logo descobri a bordadoterapia e, enquanto bordo, converso e faço amizades. Estou sempre aprendendo. Recebo o pano e a linha, e bordo. Com o dinheiro que ganho, arrumo minhas coisas, vou ao supermercado... Tenho até panela elétrica de arroz.

Muitas amigas que fiz no Instituto Proeza também trabalharam e passaram dificuldade na infância. Hoje, venho aqui com uma amiga, que mora no Recanto das Emas, como eu. Tenho amigas tão próximas que, às vezes, uma começa a bordar uma saia e a outra termina. Nosso ponto é tão parecido que não dá pra saber quem fez o quê.

Em 2008, fui ao Rio de Janeiro ver as minhas roupas nas modelos do Fashion Rio. Deu uma alegria no coração quando vi as peças que eu costurei sendo olhadas por tanta gente. Nunca tinha visto o mar. Aprendi a ficar ‘de banda’ na onda para não ser derrubada por ela. Trouxe duas garrafas de areia da Praia de Copacabana, que guardo até hoje. Também foi no Rio que a Apoena apresentou as peças em homenagem aos 50 anos da Turma da Mônica. Foi a coleção 2013/2014, inspirada nos quadrinhos do Mauricio de Sousa.

Quando vejo essas meninas do projeto vestidas de bailarinas, sorrio por dentro. Penso que, se antigamente existissem oportunidades como essas, e se os pais soubessem como a escola é importante, a minha história e a de um monte de mulheres teria sido muito diferente”.



Instituição: Instituto Proeza
Local: Recanto das Emas, Brasília (DF)
Ano de criação: 2003
Projeto apoiado: Meninas e Mulheres
Atendimentos: 96 meninas de 4 a 14 anos e 112 mulheres e idosas



Objetivo: proporcionar melhor qualidade de vida para meninas e mulheres em situação de vulnerabilidade social, por meio de atividades lúdicas, educativas e de geração de renda.



PROJETO
AXÉ

CENTRO
PROJETO AXÉ
DE DEFESA E
PROTEÇÃO À
CRIANÇA
E AO
ADOLESCENTE

SALVADOR - BA

CRISTIAN
REBOUÇAS





PASSO FIRME

AOS 9 ANOS DE IDADE, QUANDO CONHECEU O PROJETO AXÉ, EM SALVADOR, CRISTIAN REBOUÇAS DA SILVA APRENDEU A DAR PIRUETAS, NO PALCO E NA VIDA. NO INÍCIO, ENTRE AS DIVERSAS ATIVIDADES OFERECIDAS PELO PROJETO, O MENINO SÓ QUERIA SABER DAS OFICINAS DE CAPOEIRA. “BALÉ É COISA DE MULHER”, DIZIA. HOJE, ELE É BAILARINO, JÁ DIVIDIU O TRIO ELÉTRICO COM DANIELA MERCURY E TAMBÉM PARTICIPOU DE GRAVAÇÕES COM IVETE SANGALO E COM O GRUPO TERRA SAMBA.

Na adolescência, teve de superar a morte da mãe, assassinada a tiros em casa, e encontrou no Projeto um ponto de apoio e equilíbrio. Em 2011, foi escolhido entre 300 concorrentes para estudar dança na Itália.

Há 23 anos, o Projeto Axé transforma meninos e meninas que vivem nas ruas de Salvador em músicos, bailarinos, cantores e produtores culturais. Muitos, como Cristian, fazem sucesso no exterior. É uma das primeiras ONGs criadas no país e contribuiu para inserir na agenda nacional a necessidade de se criar políticas públicas capazes de tratar da inclusão socioeconômica dessa parcela marginalizada da população. Além disso, o Projeto mantém um centro de formação de educadores e lideranças sociais que recebe gente de organizações de todo o país.

Convidado a dar aulas de dança no Axé, Cristian conta que se fortalece cada vez mais com o convívio com os alunos, a quem ensina o que aprendeu.

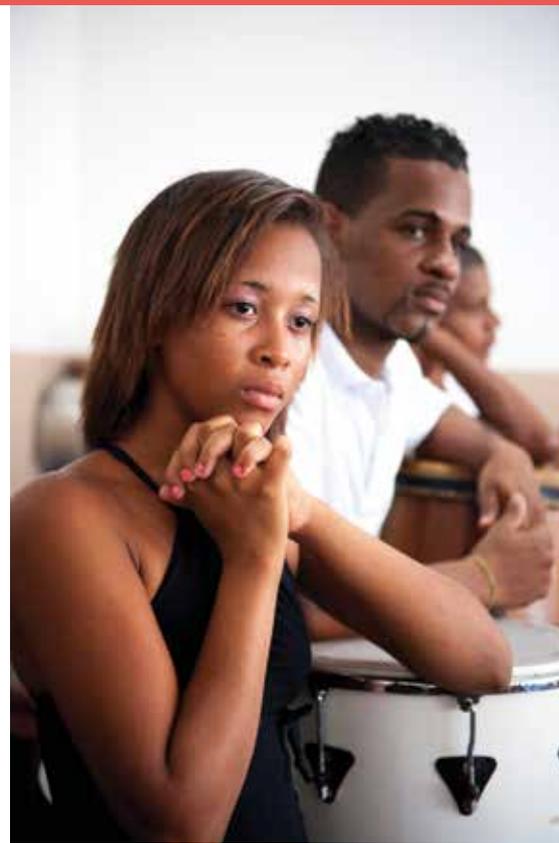
Firme no passo, aos 25 anos, ele se destaca nas coreografias, recebe aplausos nos palcos do Brasil e do exterior e, assim, vai criando oportunidades na vida.



“Quando a minha mãe, Ana Lúcia, foi assassinada, eu tinha 15 anos. Já era bailarino do Projeto Axé. Foi, sem dúvida, o momento mais difícil da minha vida. Meus pais já estavam separados, e eu morava com ela e duas irmãs.

Tenho 12 irmãos, sendo nove por parte de pai. Tinha acabado de voltar da minha primeira viagem internacional, para Florença, na Itália. Lá, apresentamos um espetáculo chamado ‘Pivete’, sobre os meninos que vivem nas ruas, expostos a vários tipos de violência.

Dava para ver a felicidade nos olhos da minha mãe, por presenciar as oportunidades que eu estava tendo no Axé. Fiquei inconformado com a morte dela. A cada dia estávamos mais ligados. Conteí a ela que os



“Meus alunos, com suas histórias, me dão muita força para querer ensinar o que aprendi”.

Cristian Rebouças

italianos ficaram loucos com o espetáculo, e conversamos sobre as outras cidades que visitei lá. Antes de cada apresentação ou teste importante, eu sempre penso na minha mãe e em tudo o que passei. Até hoje me pergunto por que ela morreu daquela forma.

Era sábado, eu cheguei da rua e encontrei a casa toda bagunçada, com marcas de sangue pela parede e no chão. Fiquei desesperado. Minha mãe foi assassinada durante uma briga de uma das minhas irmãs com o namorado, dentro da nossa casa. Foi tudo muito dóido, eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Com a morte dela, só vinha maldade na minha cabeça. Estava prestes a desistir de tudo e fazer uma loucura, mas graças aos educadores do Axé que me acolheram, voltei à realidade.

Nunca imaginei que seria bailarino. Quando eu era pequeno, passava o dia na rua, jogando bola no bairro do Comércio. Meus pais, assim como os de muitos meninos do bairro, trabalhavam de domingo a domingo. Muitos amigos foram para o lado errado e se envolveram com drogas. Um dia, eu tinha uns 9 anos, convidaram a gente para conhecer o Projeto Axé. Adorava as aulas de capoeira, mas odiava o balé clássico. ‘Coisa de mulher’, eu dizia.

Venci o preconceito quando vi uma coreografia de dança moderna feita só de homens, chamada ‘Bangolé’, com movimentos fortes e bem marcados. Desde então, comecei a



fazer aula de dança moderna e contemporânea e, aos 14 anos, percebi que algumas coreografias precisavam da técnica do balé.

Depois da morte da minha mãe, eu não quis voltar para a casa em que morávamos, onde ela havia sido assassinada. O meu pai estava com outra mulher e me deixou morando no depósito do bar em que trabalhava. Não tinha nem colchão – eu dormia em cima de um papelão. Houve um momento em que ele me negou até comida. Muito triste.

Eu economizava o dinheiro do vale-transporte que recebia do Projeto Axé para vender ou trocar por alimentos, para ter o que comer aos sábados e domingos. Durante a semana, almoçava no Projeto, e no colégio tinha merenda. Aos 16 anos, comecei a ganhar uma bolsa de R\$ 170,00 do Projeto. Sabe qual foi a primeira coisa que comprei? Isso mesmo, um colchão.

Eu me empenhava muito nas aulas, para me destacar. Entendi que era uma oportunidade de melhorar de vida. Mas, fora do Axé, as coisas estavam difíceis: morava no depósito e não gostava muito de ir para a escola, mas os educadores pegavam no meu pé para eu estudar – só por isso concluí o ensino médio.

Quando passei no teste para dançar no trio elétrico da Daniela Mercury, no Carnaval de 2007, fiquei famoso no meu bairro e na escola. Depois que gravei o DVD do grupo Terra Samba, fui convidado para entrar na Companhia de Dança Jorge Silva, um grupo baiano criado há mais de 30 anos. As oportunidades continuaram surgindo e, em 2010, fui selecionado entre cerca de 100 bailarinos para a gravação do DVD da Ivete Sangalo no Madison Square Garden, em Nova York.

Uma revolução e tanto!

Em 2011, concorri a uma bolsa para estudar dança por seis meses em Veneza, na Itália. Eram 300 candidatos de todo o Brasil. A seleção aconteceu em São Paulo, e eu fui selecionado com outros quatro. Mal pude acreditar! Minha mãe teria sentido muito orgulho.





Comecei a dar aulas de dança no Axé para crianças que, assim como eu, têm ou tiveram uma infância dura. É muita correria para abrir portas, ter oportunidades. Quando eu penso que já vi tudo, que já passei pelos momentos mais difíceis, a convivência com esses meninos me mostra que ainda não vi nada. Meus alunos, com suas histórias, me dão muita força para querer ensinar o que aprendi.

Tenho três grandes sonhos: fazer parte do Grupo Corpo (Belo Horizonte), passar para o curso de dança na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ver o Projeto Axé fechar suas portas. Sabe por quê?

Quando esse dia chegar, é porque a nossa sociedade terá se tornado mais justa, e não vai mais ser preciso existir projeto social. E esse é o meu maior desejo: que, um dia, não existam tantos meninos e meninas nas ruas precisando de um projeto como o nosso. Digo isso, por mais lindo que seja o Axé”.



Instituição: Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente
Local: Bairro do Comércio, Salvador (BA)
Ano de criação: 1990
Atendimentos: 1.400 crianças e jovens por ano
Projeto apoiado: ArteEducação de Tempo Integral no Projeto Axé



Objetivo: atendimento de crianças, adolescentes e jovens em situação de rua e risco pessoal e social, em Salvador, submetidos à exploração sexual, ao trabalho infantil, à mendicância e ao aliciamento pelo tráfico de drogas, e privados de direitos fundamentais, como convivência familiar e comunitária, educação escolar e formação cidadã.

Salvador (BA)



ADEL –
AGÊNCIA DE
DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO
LOCAL

PENTECOSTE - CE

ELIZEU
MATOS





NAVEGANDO NO SERTÃO

O SERTÃO BRASILEIRO SÓ VIRA MAR NO FAMOSO FORRÓ DE SÁ E GUARABYRA. NO ENTANTO, EM TEJUÇUOCA, NO CEARÁ, AGORA É POSSÍVEL NAVEGAR. COM O REVOLUTION Z, PROJETO DO JOVEM ELIZEU MATOS, A PEQUENA COMUNIDADE DE MENOS DE 70 FAMÍLIAS, LOCALIZADA A 137 QUILOMETROS DA CAPITAL DO ESTADO, JÁ TEM ACESSO À INTERNET. COM O AUXÍLIO DA AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO LOCAL (ADEL), ELIZEU, DE 20 ANOS, MONTOU O ÚNICO SERVIÇO DE INTERNET DA CIDADE, EM UM CÔMODO DE SUA CASA. LÁ, ESTUDANTES FAZEM PESQUISAS PARA A ESCOLA E MORADORES EM GERAL RECEBEM E-MAILS, LEEM NOTÍCIAS E MANTÊM PÁGINAS NAS REDES SOCIAIS.

Antes do Revolution Z, os moradores de Tejuçuoca tinham de se deslocar a outras cidades para falar com parentes que moram longe, por meio de programas de comunicação gratuita. “Muita gente aqui tem parentes em São Paulo. Com a internet, aproximamos as famílias”, diz Elizeu.

Como quase todos os jovens criados na região do Semiárido, Elizeu estudou em escolas precárias. Além disso, enfrentou a seca e driblou a escassez de água para ajudar a família na criação de animais e na manutenção da roça, importantes fontes de sobrevivência na região. Nesse contexto, a Adel atua como uma agência de fomento e ajuda jovens e comunidades a implementar iniciativas capazes de promover o desenvolvimento socioeconômico de uma das regiões mais pobres do país: o Sertão.

A Adel, instituição sem fins lucrativos apoiada pelo Criança Esperança, desenha, em conjunto com a comunidade e com empreendedores, um plano estratégico. Essa plataforma valoriza os saberes locais e agrega tecnologias, de forma a potencializar as oportunidades de geração de renda e melhorar a qualidade de vida das comunidades em que atua.

Entre as prioridades da instituição, está a qualificação de jovens para que aprendam tecnologias capazes de amenizar os efeitos da seca na agricultura familiar e na criação de animais. A ideia, como diz Elizeu, é quebrar o ciclo quase obrigatório que leva as pessoas a migrar do Sertão para regiões mais ricas, em busca de uma vida melhor.



“Éramos 11 em casa, e minha mãe dizia que, se tivéssemos apenas três ovos para comer, dividiríamos por todos. Partilhávamos o pouco que tínhamos, e ninguém passava fome. Venho de uma família de agricultores e tenho oito irmãos. Todos moramos em Tejuçuoca.



As minhas lembranças da infância são relacionadas a essa luta de viver no Sertão. Meus irmãos mais velhos pegaram uma fase ainda mais difícil. Com a seca, não havia alternativas para guardar água. Tinha que buscar de jumento, no açude. Ficávamos esperando a chuva, e quando ela aparecia, tínhamos mais chances com a plantação. Minha mãe fazia artesanato, e as mulheres e os filhos em geral acompanhavam os maridos na roça. Com 8 anos, eu já trabalhava na terra com o meu pai e meus irmãos, mas não faltava às aulas.

Meu pai é analfabeto, e minha mãe estudou até a 5ª série. Eles fizeram questão que estudássemos. Nunca deixaram a gente faltar à escola para pegar no roçado.

No ensino médio, eu ia para a aula no pau de arara, aquele caminhão com bancos na carroceria, e a nossa única fonte de renda era a agricultura.

Hoje, tem água encanada; durante a estiagem, temos a cisterna e, aos poucos, se abrem novas oportunidades. Fiz dois anos de curso técnico em agropecuária, pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), mas não consegui arrumar emprego.



Passei seis meses mandando currículos e indo nas empresas. Fiz um curso de informática e já estava sem perspectivas, quando um amigo me indicou o Programa Jovem Empreendedor Rural, da Adel. A ideia do Programa era manter o jovem trabalhando na sua comunidade, gerando renda para a transformação da região.

Eram umas 100 pessoas concorrendo a 30 vagas. Eu nunca tinha imaginado ser dono do meu próprio negócio, mas os instrutores conversavam muito com a gente, e assim ganhei confiança. O curso durou seis meses e, nesse período, fui incentivado a fazer uma pesquisa de mercado para identificar qual era a demanda dos jovens da minha cidade. Minha ideia inicial era fazer um projeto relacionado à agricultura, mas acabei verificando que muitos sentiam falta de acesso à internet.

Decidi apostar no sonho de montar o Revolution Z. Meu desejo sempre foi ter um computador. Meu apelido é 'Zeu', e 'Revolução' é o nome do grupo de jovens da minha comunidade; por isso, o nome da lan house é esse. Lembro que, aos 14 anos, minha escola ganhou um daqueles computadores grandes. Saí correndo na hora do recreio para aprender a usar. Mal dava tempo de ligar e já tinha que voltar para a aula. Mas peguei gosto.

O que eu achava que era impossível, agora está acontecendo. No início, meu pai duvidou que fosse dar certo. Ele balançava a cabeça, pensativo, enquanto eu montava os cinco computadores em um quarto pequeno da casa. Ainda pago o investimento, mas já consigo oferecer, além de internet, serviços de fotocópia e digitação.

Acompanhado pela Adel, estruturei todo o Projeto: fiz planejamento financeiro, pesquisei preços, e fui para Fortaleza comprar os equipamentos e contratar o sinal de internet, via rádio.

Agora, quero buscar um espaço maior, com mais ventilação, para oferecer jogos para crianças e adolescentes.





“Eu nunca tinha imaginado ser dono do meu próprio negócio, mas os instrutores [da Adel] conversaram muito com a gente, e assim ganhei confiança”. Elizeu Matos



Instituição: Agência de Desenvolvimento Econômico Local (Adel)
Local: Pentecoste (CE)
Ano de criação: 2007
Atendimentos: cerca de 500 jovens de sete municípios do Vale do Curu, Semiárido Cearense
Projeto apoiado: Programa Jovem Empreendedor Rural

Objetivo: contribuir para a inclusão socioproductiva e a permanência no campo dos jovens do território do Médio Curu, para que sejam atores de transformações sociais e econômicas positivas na agricultura familiar e promovam o desenvolvimento local; criar condições adequadas para que possam empreender, difundindo conhecimentos e tecnologias.

Pentecoste (CE)

FUNDAÇÃO
CASA GRANDE

MEMORIAL
DO HOMEM
KARIRI

NOVA OLINDA - CE

HÉLIO
DE SOUZA





CRIANÇAS ALADAS

FRANCISCO NASCEU NO INTERIOR DO CEARÁ, NA REGIÃO DO CARIRI. FILHO DA FAMÍLIA SOUZA LIMA, GANHOU O NOME GRAÇAS À DEVOÇÃO DE UMA TIA A SÃO FRANCISCO. A MÃE, LOUCA POR NOVELAS, INCLUIU ALEMBERG, EM HOMENAGEM A UM PERSONAGEM DA NOVELA “OLHOS QUE AMEI”, TRANSMITIDA PELO RÁDIO EM 1964, ANO EM QUE ELE NASCEU. VIROU ALEMBERG QUINDINS.

POR QUE “QUINDINS”? ESSA PARTE DO NOME VEIO DE UMA BANDA DE MÚSICA QUE FRANCISCO INTEGROU, OS MENINOS DOS QUINDINS, EM UMA REFERÊNCIA A UM LUGAR EXISTENTE NA CIDADE DO CRATO, ONDE NASCEU, DISTANTE 560 QUILOMETROS DA CAPITAL FORTALEZA. LÁ, ELE CRIOU UM PROJETO TÃO SURPREENDENTE QUANTO A SUA PERSONALIDADE: A FUNDAÇÃO CASA GRANDE, MEMORIAL DO HOMEM KARIRI, UM CENTRO CULTURAL FREQUENTADO E DIRIGIDO POR CRIANÇAS.



O Memorial foi criado com a finalidade de preservar a mitologia e a arqueologia das pessoas do Cariri, mas as crianças da cidade foram se aproximando e tomando conta do lugar. Coube a Alemberg distribuir entre elas cargos e funções. Assim, Bruninha, de 10 anos, às vezes atende telefonemas na recepção; Yasmim, de 9 anos, é uma das guias que recebe os visitantes e conta histórias da região.

A meninada do Memorial, além de cuidar da recepção e das visitas guiadas, coordena a Rádio Casa Grande FM – que, no início dos anos 1990, usava o som de um jêgue relinchando para dar a hora certa ao meio-dia. São as crianças que também realizam a gestão cultural do lugar, sob a supervisão de coordenadores que são ex-alunos.





“Na Fundação, aprendemos música, literatura, história, teatro, cinema, rádio, TV, arqueologia, educação patrimonial, fotografia, desenho. Desde pequenos somos responsáveis pelo lugar. E tudo isso que experimentamos na infância pode virar profissão”, diz Francisco Hélio de Souza Filho, o Helinho, hoje com 27 anos e desde os 8 no Memorial.

Helinho, que passou a infância assistindo ao “cinema” feito com latas de querosene, lanternas e lençóis, e também tocou em bandas de lata, hoje é o responsável pelas aulas de fotografia, vídeo, TV, além de administrar a própria produtora de vídeo da Fundação, a Olhares.

A casa de fachada azul e grandes janelas contrasta com a cor marrom do chão de terra batida da cidade. Crianças e jovens falantes, contadores de “causos”, se fundem a uma paisagem semelhante à dos cenários das histórias de Ariano Suassuna. Não por acaso, Alemberg inspirou o ator Selton Mello na interpretação do personagem Chicó em “O auto da Compadecida”, adaptação para o cinema da obra homônima do escritor paraibano.

“Hoje, eu não preciso estar presente no Memorial”, diz Alemberg. “Eu me sinto vivo nos meninos e nas meninas da casa”, afirma o músico, pesquisador e produtor cultural.

A região do Cariri concentra uma enorme riqueza natural, devido ao vasto reservatório de água da Chapada do Araripe – com grutas, fontes e vegetação exuberante –, e cultural, por seus mitos, suas lendas, seus rituais, sua música e sua dança. Habitada desde a pré-história, a região herdou o nome dos índios Kariri e é conhecida internacionalmente por seus fósseis de dinossauros e outros animais muito antigos, que viveram na área há cerca de 110 milhões de anos. As crianças e os adolescentes da Casa Grande fazem arte e cultura com base em todo esse legado.

As oficinas são realizadas no turno oposto ao da escola e abrangem cinco programas: sustentabilidade institucional, educação infantil, profissionalização de jovens, empreendedorismo juvenil e geração de renda familiar.

Ao ouvir os pequenos guias, o visitante percebe a transformação do local, que já foi uma fazenda de gado e hoje tem teatro, cineclubes, gibiteca e biblioteca. As paredes refletem o quanto o projeto ganhou espaço nacional: há fotos dos músicos Gilberto Gil, Arnaldo Antunes, Lobão, Geraldo Azevedo, da atriz Regina Casé, da coreógrafa alemã Pina Bausch, entre tantos outros.



Referência em educação e gestão cultural no sertão, a aprendizagem na Casa tem a marca da liberdade e da autonomia. No lugar, os adultos se tornam crianças, e os pequenos ganham asas de gigante.

Um desses “meninos reis” é Helio de Sousa Filho, o Helinho.



“Quando eu tinha 8 anos, descobri minha segunda família. Praticamente tudo o que vivi, descobri e conheci está relacionado com a Fundação Casa Grande. Convivo mais com os meninos daqui do que com as minhas duas irmãs. Tem noite em que armo uma rede e durmo aqui mesmo.

Meu avô e meu pai foram policiais militares e eles queriam essa carreira pra mim. Mas eu sempre soube que trabalharia com algo ligado às artes.

A Casa Grande é uma criação do Alemberg com as primeiras turmas de crianças que foram chegando. A ideia inicial era fazer um centro cultural, com um museu sobre lendas e histórias da região. Mas, um dia, o Francisco chegou à casa e viu uma criança recepcionando um grupo de visitantes, seguindo o exemplo de dois adultos que tinham sido contratados para fazer essa tarefa. Então, ele decidiu que a casa deveria ser para as crianças.

Nessa época, lembro de ouvir no alto-falante que teríamos o primeiro festival de bandas de lata. Eu tinha uns 8 anos e tocava percussão na Dragões do Forró, a banda da Casa. Quem ganhasse participaria de um show que contaria lendas indígenas da região. Foram escolhidos os meninos que tinham mais ritmo, e eu estava entre eles.

Ficamos um tempão em cartaz, de 1998 a 2006. Naquela época, o Francisco e a mulher dele, Roseana, começaram a estudar música com a gente. Eles nos apresentaram discos de Caetano, Gil. Fizemos campeonatos de futebol, de peteca. Propusemos oficinas de rádio, de TV. Todos os fins de semana, umas 60 crianças se reuniam para ouvir



“Na casa é assim: a gente vai crescendo e passa o que aprende para os mais novos. O meu clipe os ajudou a serem aprovados no edital de um instituto cultural, para tocar em São Paulo. Fiquei muito feliz de ser o passaporte deles. Quando fazemos as coisas com gosto, dá certo”.

Hélio de Souza

novos compositores, causos, lendas, aprender quadrinhos, desenhar, comer pipoca. A meninada dava muitas ideias, e o Alembert corria atrás, buscando recursos em editais para dar vida a tudo isso.

Fizemos nossa primeira viagem de avião em 2000, para São Paulo e Rio, para apresentar os Dragões do Forró com a participação do coreógrafo Ivaldo Bertazzo. Acabamos apresentando a nossa banda de lata com o cantor Zeca Baleiro. Eu cantava, tocava percussão num carrinho de madeira na frente do palco, e fazíamos a coreografia. Ficamos dois meses viajando e percebemos que a comunicação pela música era fácil, fluía bem.





Quando a Regina Casé veio fazer o programa 'Brasil legal' aqui na Casa, vimos um monte de gente trabalhando com câmera e vídeo, e ficamos supercuriosos. Eu tinha 12 anos. Meu pai foi o motorista da equipe de filmagem e transportava todo mundo para as locações. Fui me apaixonando por edição, filmagem, imagem. Gosto de trabalhar com cultura popular, ajudando a divulgar a história, as lendas, os artistas da região do Cariri e de outras cidades também.

O que as crianças aprendem aqui, brincando, pode virar profissão. Temos um canal de rádio, internet (rede de blogueiros), e a nossa produção de vídeo é transmitida pelo YouTube. Também são oferecidas aulas, por exemplo, de recepção e 'guia-mirim'. Para atender à demanda turística e fomentar a geração de renda, a Fundação criou junto às famílias uma cooperativa que dá suporte à hospedagem.

Aqui em Nova Olinda, todo mundo vive de forma simples, mas feliz com o pouco que tem. Não há miséria, tráfico de drogas, essas coisas





de cidade grande. Existe muita amizade e tranquilidade. Conheci Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, mas sempre acho melhor o Cariri. Se eu chegar aqui precisando de qualquer coisa, as pessoas auxiliam. É diferente pedir um copo d'água aqui e na Avenida Paulista.

Meu primeiro trabalho com filmagem foi para divulgar a segunda geração da bandinha de lata. Lembrei de quando eu era menino e estava no lugar deles. Na Casa é assim: a gente vai crescendo e passa o que aprende para os mais novos. O meu clipe os ajudou a serem aprovados no edital de um instituto cultural, para tocar em São Paulo. Fiquei muito feliz de ser o passaporte deles. Quando fazemos as coisas com gosto, dá certo”.



Instituição: Fundação Casa Grande –
Memorial do Homem Kariri
Local: Centro, Nova Olinda (CE)
Ano de criação: 1992
Atendimentos: 50 crianças e jovens por ano
Projetos apoiados: Meninos e Meninas Gestores
Culturais e Blogueiros



Objetivo: com foco na área de comunicação, o projeto conta com laboratórios de conteúdo, como bibliotecas (adulto e infantojuvenil), gibiteca e dvdteca. Meninos e meninas aprendem a perceber e a entender as formas de fazer o mundo. O saber pelo simples saber e o saber para reproduzir o conhecimento estão em pauta nos blogues produzidos pela meninada.



Nova Olinda (CE)

PROJETO
DIFERENTE
FORTALEZA - CE



JOSELITA
RIBEIRO



AMOR A TODA PROVA

DIZ A SABEDORIA POPULAR QUE O AMOR É POSTO À PROVA NO CONVÍVIO COM AS DIFERENÇAS. A RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA RIBEIRO E O JOVEM CÍCERO FELIPE, DE 22 ANOS, ULTRAPASSA QUALQUER CONCEITO – É UMA LIÇÃO SINGULAR DE SOLIDARIEDADE E RESPEITO. AINDA BEBÊ, ELE FOI RESGATADO POR DONA JOSELITA, HOJE SUA AVÓ ADOATIVA, DA CASA DOS PAIS, ONDE SOFRIA DE DESNUTRIÇÃO E MAUS-TRATOS FÍSICOS. A MÃE NÃO ENTENDIA QUAL ERA O PROBLEMA DAQUELA CRIANÇA TÃO DIFERENTE. CÍCERO É MESMO DIFERENTE. É UM RAPAZ AUTISTA, QUE TEVE A SORTE DE PODER REESCREVER SUA HISTÓRIA COM O APOIO DA NOVA FAMÍLIA E DE UM PROJETO QUE NÃO PODERIA TER OUTRO NOME: PROJETO DIFERENTE, EM FORTALEZA.

“Trabalhamos para fortalecer a autonomia de crianças e jovens com diferentes graus de autismo, por meio de atividades lúdicas e educacionais”, explica a diretora Alana Furtado. Com o apoio do Criança Esperança, o Diferente realizará, em 2015, um antigo sonho: “Vamos viabilizar transporte para atividades externas em clubes, praias, praças e universidades”, comemora Alana. Para especialistas, circular pela cidade estimula a inserção dos jovens autistas na sociedade.

No Projeto Diferente, Felipe conheceu uma educação adaptada a suas necessidades, pois o projeto conta com atendimento interdisciplinar: a equipe é formada por pedagogos, psicólogos, professores de educação física e fonoaudiólogos.

Localizada na Aldeota, bairro nobre da capital cearense, a Instituição atende, desde 1989, a toda a região metropolitana da cidade. A cada dois anos, os responsáveis pelas crianças se revezam na direção. Alana, a atual diretora, é irmã de Cícero Felipe.

O Diferente tem contribuído para colocar um sorriso no rosto de muitas crianças, como Rodrigo, da comunidade do Siqueira, uma das mais pobres da cidade. Até os 5 anos de idade, ele não falava – apenas gritava, chorava e se manifestava com agressividade. No Projeto, ele teve acompanhamento médico e psicopedagógico. “Hoje ele fala, está aprendendo a ler e consegue interagir”, conta Alana.

Moradora de Messejana, periferia de Fortaleza, a menina Beatriz, de 7 anos, enfrentava sérias dificuldades para ser aceita na escola, pois, além do autismo acentuado, a menina tem baixa visão e enxerga apenas vultos. “As escolas a rejeitam porque não sabem como lidar com ela”, constata Alana. Para o ano letivo de 2015, o Projeto Diferente conseguiu uma vaga para a pequena Beatriz em uma instituição de ensino para cegos. “Vamos orientar os professores nos aspectos relativos ao autismo e acompanhar o desenvolvimento dela”, diz Alana.





A decisão de acolher um bebê diferente e a convivência com ele, segundo Alana, aprofundaram os laços e fortaleceram os vínculos familiares: “Meu irmão Felipe transformou a vida de todos nós, com toda certeza para melhor, e trabalhar no Projeto é muito, mas muito, gratificante. Ajudamos a melhorar a vida de muitas famílias”.

A história de dona Joselita e Cícero Felipe é uma lição real de amor e solidariedade.



“Passava as férias na casa da minha mãe, em Lavras da Mangabeira, interior do Ceará. Já tinha cinco filhos criados, quatro mulheres e um homem. Foi quando ali, no meio do sertão, apareceu o Felipe. Ele era filho de uma vizinha. Tinha 6 meses, estava desnutrido, raquítico e tinha uma perna quebrada devido aos maus-tratos da mãe. O pai não quis assumir a criança. Vivia numa rede e acabava tendo convulsões, acho que perdia o ar de tanto chorar. Resolvi levá-lo comigo de volta pra casa, em Fortaleza. Pedi para a mãe, e ela o entregou na hora.

Logo na primeira consulta, o médico disse que só faria o tratamento se o bebê ficasse comigo por pelo menos seis meses. Pesava 3,1 quilos, quando meninos dessa idade pesam pelo menos o dobro. Meus filhos, meu marido, todos acharam que era loucura eu ter trazido o bebê. Diziam que eu estava arranjando trabalho e que eu não saberia lidar com ele quando crescesse. Mesmo assim, ficamos com ele e fomos nos apegando.

Eu trabalhava como professora, e meu maior medo era que ele precisasse ficar internado para ganhar peso. Eu não podia passar o dia no hospital. No dia da pesagem, cheguei a colocar uma moeda de 50 centavos dentro de cada meia dele para que o médico o deixasse ir para casa. Com o tempo, ele não precisou mais das moedinhas.

Minhas filhas começaram a ajudar. Levávamos o Felipe para a fisioterapia e repetíamos os exercícios em casa. Quando ele começou a andar, percebemos que ele tinha o lado esquerdo do corpo mais frágil, com os movimentos comprometidos. Era uma má-formação congênita que, provavelmente, havia afetado o cérebro, diziam os médicos.

O diagnóstico de autismo só ficou claro com o passar dos anos. Minha filha Alana, que hoje é a diretora do Projeto Diferente, viu no elevador um cartaz descrevendo os sintomas do autismo: movimentos repetitivos, dificuldade para se entrosar com outras crianças, atraso no aprendizado. Soubemos do Projeto Diferente, o único que atende, aqui em Fortaleza, crianças com autismo, inclusive associado à baixa visão.



“Trabalhamos para fortalecer a autonomia de crianças e jovens com diferentes graus de autismo, por meio de atividades lúdicas e educacionais”.

Alana Furtado

Felipe chegou ao projeto com 10 anos e, em pouco tempo, aprendeu a se alimentar sozinho. Eu ficava pensando: ‘Meu Deus, por que não encontrei esse projeto mais cedo?’. Teria sido muito melhor pra ele!

As crianças são muito bem recebidas e tratadas com respeito, carinho. Os autistas são muito discriminados. Entro no ônibus com o Felipe, e todo mundo se vira para olhar. Na sala de espera do médico, percebo que a presença dele incomoda as pessoas. Acabamos optando por não matriculá-lo na escola regular; ele foi educado no Diferente e se desenvolveu bem. Agora, estamos lutando para que ele possa receber a minha aposentadoria quando eu me for.

Aprendi a me relacionar com ele normalmente. Pergunto: ‘Felipe, vamos passear no interior?’. Na mesma hora, ele diz: ‘Alô, Vicentina!’, o nome da minha irmã que mora lá. Nossa família ajudou muito o Felipe, e a ajuda do Projeto Diferente foi fundamental, mas a verdade é que ele nos trouxe muita coisa boa também”.



Instituição: Projeto Diferente
Local: Aldeota, Fortaleza (CE)
Atendimentos: 56 crianças e jovens a partir de 5 anos



Projetos apoiados: Projeto Diferente – Atendimento a Crianças e Jovens Portadores de Autismo e Movimento e Ação para Pessoas com Espectro do Autismo
Objetivo: promover respeito e aceitação das pessoas com autismo por meio de atividades psicopedagógicas, terapêuticas e de movimentação.



Fortaleza (CE)

PROJETO
ARRASTÃO –
MOVIMENTO
DE PROMOÇÃO
HUMANÁ
SÃO PAULO - SP



TONY
MARLON



ALÔ, ALÔ, PERIFERIA

NASCIDO EM SANTO ANTÔNIO DA ITINGA, UM POVOADO DE 200 HABITANTES NO VALE DO JEQUITINHONHA, NA “PARTE NORDESTINA DE MINAS GERAIS”, DESDE CRIANÇA, TONY MARLON SE HABITUOU A MIGRAR COM A FAMÍLIA PARA FUGIR DA POBREZA E DA SECA. O MINEIRO COM SOTAQUE BAIANO AINDA SE LEMBRA DO DIA EM QUE SAIU DA REGIÃO, CASTIGADA POR ALGUNS DOS PIORES INDICADORES SOCIAIS DO PAÍS.

“DEIXAMOS A NOSSA CASA EM UM CAMINHÃO VERMELHO, PORQUE NA CIDADE NÃO PASSAVA ÔNIBUS. SÓ SABIA QUE ESTÁVAMOS INDO PARA O SUL”, RECORDA TONY. A FAMÍLIA CRUZOU MINAS GERAIS ATÉ CHEGAR A SÃO PAULO, DESTINO QUASE CERTO DE MUITAS FAMÍLIAS QUE BUSCAM OPORTUNIDADES E A TÃO SONHADA “VIDA MELHOR”. TONY A ENCONTROU.

No início dos anos 2000, aos 13 anos, ele foi morar em Campo Limpo, na periferia da Zona Sul da capital paulista. Até hoje, a região apresenta uma das mais altas taxas de homicídios da cidade. Abriga o que ficou conhecido como o “Triângulo da Morte”, a interseção dos bairros Jardim São Luiz, Jardim Ângela e Capão Redondo. Lá, há pouca vegetação, um cenário dominado pelo cinza do cimento aparente das casas. As letras dos Racionais MC’s, um dos principais grupos brasileiros de *rap* e *hip hop*, embalavam – como ainda embalam – os sonhos da garotada e ajudavam a traduzir a realidade em que viviam.

Tony nem suspeitava que, ali, começaria uma nova etapa da sua vida. Caminhando pelo bairro, deu de cara com o prédio do Projeto Arrastão e estranhou o peixe colorido desenhado no muro, que simboliza a filosofia do “ensinar a pescar”.

Fundado há 46 anos, o Arrastão atua em comunidades, escolas e organizações sociais de Campo Limpo e de mais quatro bairros próximos – a região abriga mais de duas centenas de favelas. O Projeto oferece atividades regulares nas áreas de educação, cultura, geração de renda, habitação e qualidade de vida, e atende quase 10 mil pessoas por ano, incluindo os projetos realizados nas escolas públicas. É quase uma agência de fomento da comunidade, como relata Tony.



“Passei a infância mudando de cidade em cidade, acompanhando meus pais, que buscavam uma vida melhor. No Jequitinhonha, eles trabalhavam em plantações de cana-de-açúcar e café, e a vida era bem dura.

Nessas andanças, meu pai chegou a trocar um relógio por um terreno, em Vespasiano, perto de Belo Horizonte. Eu tinha 6 anos, e a minha



irmã era recém-nascida. A casa tinha só um cômodo, e as telhas eram tão finas que o vento levava na hora da chuva. Para nos proteger, precisávamos ficar embaixo da mesa. Não havia luz elétrica.

Dessa época, lembro de uma cena que me acompanhou por toda a vida. Era fim da tarde, e meu pai ouvia as notícias d' 'A voz do Brasil' num rádio de pilha. Eu estava embaixo de um pé de algodão, observando. A pergunta que ficou eternamente na minha cabeça foi: 'O que faz uma pessoa, com a casa destelhada, que mal tem como sustentar os dois filhos e a esposa, se preocupar com notícias?'. Anos depois, entendi que informação é poder. O meu pai só estudou até a 3ª série, mas era bem informado e se comunicava bem.

Uma das nossas paradas foi em Campinas. Eu tinha 10 anos e, na escola, os colegas diziam que a minha família estava ali para tomar o emprego dos pais deles. Era constantemente discriminado por causa do meu sotaque.



Já adolescente, em São Paulo, eu queria morar na Avenida Paulista. Por que eu tinha que viver em Campo Limpo, naquela periferia cinza? As coisas começaram a mudar quando os Racionais surgiram, cantando sobre a nossa realidade. Eu me encontrei no bairro e passei a amá-lo, como amo até hoje.

Entrei no Arrastão aos 16 anos, para fazer um curso de gastronomia, que daria uma bolsa-auxílio de R\$ 50,00 reais. Eu não levava muito jeito para a cozinha, mas me sentia bem lá.

Depois de seis meses no projeto, dei uma entrevista para a TV Cultura, por conta de uma pintura que fizemos nas oficinas de arte. Fiz aulas de cinema, jornalismo, rádio e vídeo.

Em 2013, fui um dos dez selecionados para o Projeto Virada de Futuro, da Fundação Abrinq [Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos]. A ideia era identificar jovens que pudessem interferir no futuro da cidade. Ganhei uma bolsa integral para cursar a universidade da minha escolha. Aos 18 anos, já na faculdade, trabalhei um ano e meio com telemarketing para comprar um computador; quando paguei a última prestação, pedi demissão. Meu pai me cobrava para ter um emprego regular.

Mas meu plano era me aproximar do diretor do curso de jornalismo da faculdade, que trabalhava na rádio dos meus sonhos. Marquei uma conversa com ele, dizendo que era para uma das disciplinas do curso. Disse que adoraria trabalhar na rádio e, três meses depois, fui chamado para ser estagiário em um programa de esportes.

Em 2005, eu e mais nove alunos do Arrastão fomos convidados pela direção do Projeto para reformular o atendimento à juventude. Ajudamos a criar 12 cursos, alguns ligados à cultura hip hop, cinema, artes plásticas... Fizemos uma rede de contatos com os jovens da região, e a média de alunos passou de 45 para mais de 300. Um sucesso!

Em 2010, eu saí do Arrastão junto com dois ex-alunos – Karol Coelho e Kenny Rogers – para criar a Escola de Notícias, um empreendimento





autossustentável de comunicação, que aposta no talento de jovens de Campo Limpo para a geração de renda e a transformação social.

O trabalho usa 15 diferentes metodologias, incluindo os quatro pilares da educação da UNESCO: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver. Em pouco mais de três anos, trabalhamos com mais de 1.700 pessoas. Em 2013, fomos procurados por uma grande marca de roupas para integrar uma campanha nacional.

Meus pais só entenderam o que eu faço quando fomos finalistas do Prêmio Empreendedor Social, do jornal 'Folha de S.Paulo', em 2013, entre 1.700 concorrentes. Eles se emocionaram muito, ao perceber o potencial de transformação comunitária do nosso trabalho.

Os jovens criados na periferia são muito talentosos. Só precisamos de espaço e de impulso”.

“Os jovens criados na periferia são muito talentosos. Só precisamos de espaço e de impulso”.

Tony Marlon

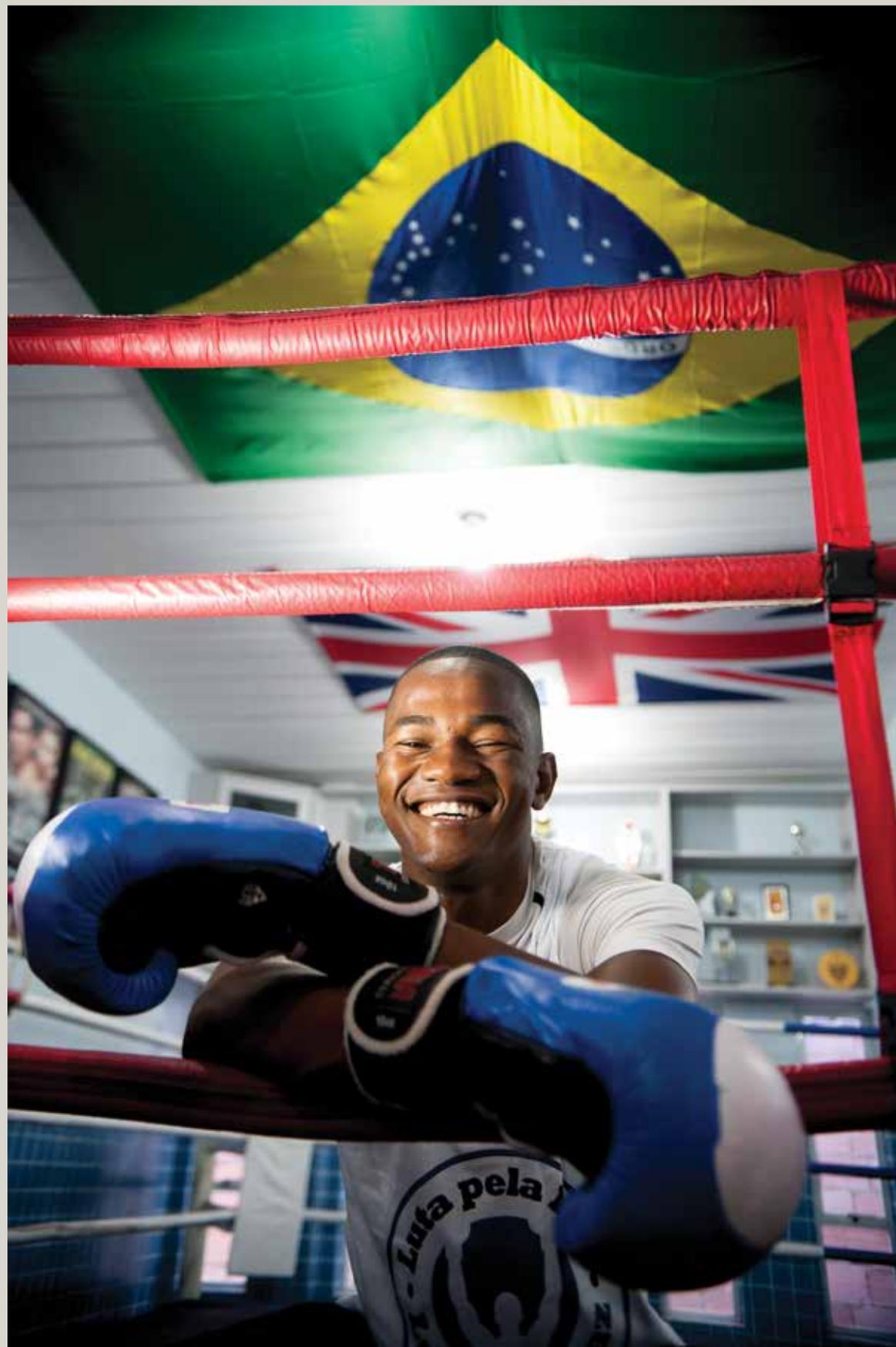


Instituição: Projeto Arrastão –
Movimento de Promoção Humana
Local: Campo Limpo, São Paulo (SP)
Ano de criação: 1968
Atendimentos: 9.056 pessoas
assistidas em 2014

Projeto apoiado: Cozinha Experimental
Objetivo: promover a inclusão social e o protagonismo de jovens em situação de vulnerabilidade, por meio da qualificação social e do aprimoramento profissional.

São Paulo (SP)

ASSOCIAÇÃO
LUTA
PELA PAZ
RIO DE JANEIRO - RJ



ROBERTO
CUSTÓDIO



A FAVOR DA MARÉ

NO FINAL DOS ANOS 1990, O CAMPEÃO MUNDIAL DE BOXE, O NORTE-AMERICANO MIKE TYSON, NOCAUTEAVA SEUS ADVERSÁRIOS. ERA CONSIDERADO IMBATÍVEL E ATRAÍA MILHARES DE FÃS AO REDOR DO MUNDO, QUE NÃO PERDIAM SUAS LUTAS, TRANSMITIDAS AO VIVO. APÓS AS VITÓRIAS, A HISTÓRIA DO MENINO QUE TEVE UMA INFÂNCIA DIFÍCIL, VENCEU NA VIDA E HAVIA SAÍDO HÁ POUCOS ANOS DA CADEIA, POVOAVA O IMAGINÁRIO DE OUTROS TANTOS MENINOS – MUITOS DELES MORADORES DE COMUNIDADES VIOLENTAS. JOVENS NASCIDOS E CRIADOS NA LINHA DE TIRO.

O menino Roberto Custódio de Queiroz, de Nova Holanda, uma das 17 comunidades do Complexo de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro, lembra hoje, aos 27 anos, como sua história também foi escrita com muito suor e força, dentro e fora do ringue.

“O boxe apareceu na minha vida quando eu tinha 14 anos e estava ajudando numa locadora de vídeos. Um rapaz chegou lá para entregar uma fita e me falou da ONG Luta pela Paz, que ficava aqui mesmo na comunidade e oferecia aulas de boxe. Mike Tyson estava no auge, ‘nocauteando geral’, e a gente morava no meio da violência”, recorda.

Um ano depois, aos 15, o pai de Roberto foi morto por traficantes. O jovem também perdeu conhecidos de forma trágica. Então, apoiou-se cada vez mais no Luta pela Paz: treinou, suou e sofreu ao se afastar da família, para ir treinar em São Paulo com a seleção.

Hoje, é campeão pan-americano de boxe (2013), formado e treinado pela equipe da ONG e pela seleção brasileira. Em 2014, ainda ganhou bronze no campeonato sul-americano e, agora, treina para os Jogos Olímpicos de 2016. É um campeão com medalha.

O Complexo da Maré, onde Roberto foi criado, é o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro, com cerca de 130 mil moradores. A região é dominada por três facções rivais de traficantes, que há anos ditam as regras das comunidades. Invasões da polícia, assassinatos e chacinas são parte da rotina.

Em abril de 2014, as Forças Armadas ocuparam o Complexo por um período de um ano, com o objetivo de iniciar a retomada dos territórios e possibilitar a entrada permanente da Polícia Militar. A situação na Maré é tão delicada que a PM somente começou a realizar o policiamento da área, como ocorre em todas as outras favelas “pacíficas” da cidade, oito meses após a chegada do Exército.

“É muito difícil motivar alunos que chegam ao 6º ano sem saber ler, vão à aula drogados ou estão exaustos porque passaram a noite embaixo da mesa se protegendo de tiroteios”, disse uma professora



da Maré, durante um seminário que, há alguns anos, reuniu educadores da região na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

É nesse cenário, hoje atenuado pela presença das forças de segurança, que cresceu Roberto e onde atua, desde o ano 2000, a ONG Luta pela Paz. Criado pelo pesquisador inglês e ex-lutador de boxe Luke Dowdney, o Projeto usa o esporte – mais especificamente o boxe e as artes marciais – como forma de abrir caminhos a meninos e meninas em espaços conflituosos. As lutas, que já fazem parte desse universo, são um ímã: é por meio delas que os jovens vão se familiarizando com regras de disciplina, respeito e autoconfiança. A experiência da inclusão pelo esporte mostra que esses valores acabam sendo aplicados na vida deles.

Abraçado pela população, o Projeto, conta Roberto, se expandiu para outras duas comunidades da Maré. Sua metodologia está sendo replicada por 120 organizações de diversos países. Recentemente, o Comitê Olímpico Internacional (COI) reconheceu o trabalho campeão da ONG e premiou a Instituição.



“Nasci na favela. Mãe faxineira, pai motorista de ônibus. Morávamos todos em Nova Holanda, na Maré. Eu morava com a minha mãe e os meus quatro irmãos; e o meu pai, Nelson, vivia em outra casa com uma mulher e dois filhos. Eu era adolescente quando ele brigou com a mulher, porque ela usava quase todo o dinheiro deles para comprar drogas. Um dia, os dois discutiram e meu pai bateu nela. O pessoal do tráfico interveio, e ele acabou expulso da comunidade.

Ele voltou para a favela depois de a mulher dele ter garantido que o tráfico havia autorizado. Eu costumava encontrar meu pai quase todos os dias. Em um final de tarde, nos encontramos aqui perto de casa, tomamos um refrigerante e combinamos de nos ver no dia seguinte. Fui pra casa e, de repente, chegou a notícia: ‘Pegaram o Nelson’. Minha mãe saiu correndo e viu meu pai morto.

Eu sentia muita revolta e ficava me perguntando quem seria o assassino. Nessa época, eu já fazia aulas de boxe no Luta pela Paz. Minha reação depois da tragédia foi me afastar de tudo. Queria justiça. Aos poucos, fui voltando para o Projeto. A assistente social visitou a minha casa, conversou com minha mãe e disse que as atividades eram importantes pra mim.

Passsei a ter medo de andar na rua e logo pensei no boxe como uma forma de autodefesa. No começo, meu irmão apontava algum lutador nocauteado na televisão e dizia pra nossa mãe: ‘O Roberto vai ficar com a cara assim toda machucada’. Hoje, ela tem orgulho do que faço.

O boxe foi uma busca de respeito e reconhecimento. No Luta pela Paz, aprendemos que a relação entre lutador e treinador é um caminho para alcançar a disciplina e a autoconfiança. Percebi que, na comunidade, o boxe também dava moral, não só o tráfico. Andava orgulhoso pela rua com aquela bandagem e me perguntavam: ‘Machucou a mão?’. Eu respondia, feliz: ‘Não. Tô lutando boxe’.

Enquanto aumentava a minha vontade de virar um lutador, só ouvia notícias do tipo ‘fulano virou bandido’, ‘beltrano virou ladrão’. No





“No Luta pela Paz, aprendemos que a relação entre lutador e treinador é um caminho para alcançar a disciplina e autoconfiança. Percebi que, na comunidade, o boxe também dava moral, não só o tráfico”.

Roberto Custódio

Projeto, reuniam todos os alunos – de boxe, capoeira, luta livre – para falar sobre sexualidade, violência, futuro... Ninguém ficava com a mente vazia.

Acabei largando a cervejinha e o baile funk, e mergulhei nos treinos. No Rio, participei de oito lutas e conquistei oito vitórias. Fiz minha primeira viagem internacional para a Irlanda do Norte.

Em 2008, fiz testes e fui chamado para a seleção brasileira; no ano seguinte, fui vice-campeão brasileiro. Mudei para São Paulo, onde acontecem os treinos da seleção, justamente quando minha mulher teve a nossa primeira filha. A menina se chama Rillary, em homenagem à atriz americana Hilary Swank, que interpretou a pugilista do filme ‘Menina de ouro’, do Clint Eastwood.

Hoje, na rua, me chamam de ‘campeão’, mas não me iludo. Se eu fracassasse, poderia ser chamado de ‘vacilão’. Foram a minha força de vontade, a minha família e o Luta pela Paz que me trouxeram até aqui”.



Instituição: Associação Luta pela Paz
Local: Complexo da Maré, Rio de Janeiro (RJ)
Ano de criação: 2000
Atendimentos: 1.686 crianças e jovens por ano

Projeto apoiado: Atletas da Paz
Objetivo: promover o desenvolvimento de crianças e jovens moradores do Complexo da Maré por meio do esporte como ferramenta para a inclusão social, a educação e a qualificação para o mercado de trabalho.

Rio de Janeiro (RJ)

ASSOCIAÇÃO
LAR DO
NENÉM
RECIFE-PE

MARÍLIA
LORDSLEEM
DE MENDONÇA





ABRAÇO SOLIDÁRIO

“TODAS AS CRIANÇAS SÃO DE TODOS”: ESSE É O LEMA DO LAR DO NENÉM, UMA INSTITUIÇÃO CRIADA HÁ 26 ANOS EM RECIFE, PERNAMBUCO, PARA ATENDER CRIANÇAS DE ATÉ 3 ANOS VÍTIMAS DE ABANDONO, MAUS-TRATOS E VIOLÊNCIA SEXUAL. O ESPAÇO, QUE TRAZ LUZ À TRAJETÓRIA DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE EXTREMO RISCO, REÚNE VOLUNTÁRIOS DEDICADOS, QUE TAMBÉM ABRAÇAM UMA NOVA VIDA AO DAR COLO PARA ESSES BEBÊS.

O LAR DO NENÉM ABRE AS PORTAS PARA FILHOS DE DEPENDENTES DE DROGAS E ÁLCOOL, MORADORES DE RUA E VÍTIMAS DA POBREZA EXTREMA. “MUITAS VEZES, QUEM PRECISA DE CUIDADOS É A MÃE, MAS AS CRIANÇAS ACABAM SENDO AS VÍTIMAS”, AFIRMA A COORDENADORA DO LAR, LUCIANA ANICETO, DE 42 ANOS.

Seguindo a orientação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a equipe do Lar tem como meta reintegrar as crianças a suas famílias biológicas. A adoção é sempre a segunda alternativa, apesar de ser o desfecho mais frequente na vida das crianças da Instituição.

Recentemente, uma história de reencontro familiar emocionou a equipe do Lar: uma menina de 5 anos e seus irmãos, de 3 e 2 anos, voltaram para casa depois de um ano e cinco meses abrigadas. “Eram vítimas da pobreza extrema”, relata Luciana. A casa da família, no bairro de Linha do Tiro, foi alagada por uma enchente que atingiu a cidade, e a família perdeu tudo. A equipe do Lar conseguiu incluir a mãe em programas sociais de renda: ela alugou uma casa, conseguiu vaga em uma creche e recebeu os filhos de volta. “Foi muito emocionante”, diz Luciana.

“As crianças chegam aqui muito assustadas. Vão recebendo amor, carinho e até o semblante delas muda”, conta uma das voluntárias. O Lar atende cerca de 70 crianças por ano, que chegam por determinação judicial ou são encaminhadas pelo Conselho Tutelar.

Marília Lordsleem de Mendonça, de 20 anos, e sua mãe, Luciana, de 48 anos, estão entre as voluntárias do Lar. A jovem, que é cega, nasceu prematura, pesando menos de 1 quilo. Hoje, Marília embala bebês tão pequenos quanto ela própria ao nascer.

Esse contato com crianças em situação de risco ajuda Marília a fortalecer a própria história e a motiva a ajudar o próximo. A jovem decidiu estudar direito, para trabalhar na área de adoção.



“Sempre gostei de trabalhos voluntários. Entregava panfletos nos sinais para ajudar o Núcleo de Apoio a Crianças com Câncer (NACC). O pessoal baixava o vidro para me dar dinheiro, achando que era





para mim, porque sou deficiente visual. Até hoje, o que mais me incomoda é o preconceito.

Há um ano, todos os domingos, minha mãe, Luciana, e eu passamos a tarde no Lar do Neném. Minha mãe, que é funcionária do Metrô, via o Lar na televisão e sempre dizia que gostaria de ajudar aquelas crianças que já nascem marcadas por histórias de vida tão sofridas.

Fizemos o curso preparatório para cuidar de crianças e começamos a trabalhar juntas no Lar. Minha mãe conta que quis vir comigo para dar segurança às pessoas de que eu iria cuidar bem dos bebês, mesmo sendo deficiente visual. Ela sempre me disse: 'Marília, se você quer ajudar os outros, vá em frente. Você tem condições para isso'. Fui muito bem recebida aqui.

O Lar recebe as pessoas de braços abertos – não ficamos perguntando muito sobre a história das crianças que chegam. Tudo corre em segredo de Justiça, para protegê-las, e há o maior cuidado para não expor os bebês e as crianças.



A nossa função, como voluntárias, é dar carinho e amor para as crianças. Elas são tão pequenas e chegam aqui tristes e fechadas. Vamos dando colo, cuidado, abraço... Minha mãe me conta que até a carinha delas vai mudando.

Como tenho bastante sensibilidade com as mãos, pego os bebês no colo, faço carinho e sinto que eles adoram, vão relaxando. Carrego nos braços e canto para eles. Brinco, ajudo a dar comida e a vestir. Só não troco fralda. Alguns chegam aqui com pouco mais de 1 quilo e vão ficando gordinhos... É muito lindo acompanhar isso.

Há mais ou menos dois meses, chegou aqui um garotinho bem pequeno – tinha menos de um mês de vida. Foi encontrado dentro de uma sacola, perto de um riacho, em uma cidade aqui da região metropolitana do Recife. Uns meninos que brincavam lá perto ouviram um choro, foram procurar de onde vinha e deram de cara com o bebê. Ele estava muito magrinho. Pouco tempo depois, ficou saudável e gordinho.



“Esse tipo de trabalho faz muita diferença na minha vida, e mais ainda na vida de muitas famílias”.

Marília Lordsleem de Mendonça



A maior alegria é quando chego aqui e fico sabendo que um bebê, ou todos os irmãos, foram adotados. Minha mãe fica com saudade, mas eu sempre digo a ela para pensar que essas crianças vão receber muito amor na nova família. As ‘laristas’ [funcionárias do Lar] contaram para minha mãe que, muitas vezes, no dia de vir pegar o bebê para adoção, chegam, além do casal, avós e tios. Para mim, é um sinal de que essa criança será muito amada.

Minha tia é amiga de uma família que adotou um bebê daqui. Soubemos que ele mudou de nome – agora tem o mesmo nome do pai que o registrou. É muito emocionante.

Esse trabalho no Lar faz muita diferença na minha vida. Durante a Copa do Mundo, gravei um DVD com uma música religiosa e doei o dinheiro da venda de 700 exemplares para o Lar. Quando terminar a faculdade de direito, quero me dedicar à adoção.

Passei muitos anos da minha vida convivendo em ambientes que não estavam preparados para me receber. Na escola, os professores não sabiam como lidar comigo e me deixavam num canto. Aprendi braille no Instituto dos Cegos, e fiz as provas do ensino médio e o vestibular com o auxílio de uma ferramenta de computador.

Gosto de pensar que, a partir da adoção, posso mudar a história de centenas de crianças. Esse tipo de trabalho faz muita diferença na minha vida, e mais ainda na vida de muitas famílias”.

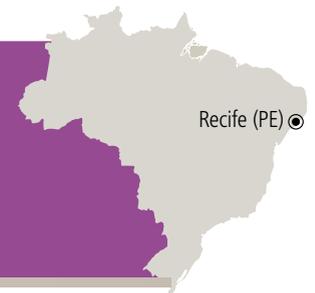
Com exceção da imagem da página 80, todas as fotografias deste capítulo são meramente ilustrativas.



Instituição: Associação Lar do Neném
Local: Madalena, Recife (PE)
Ano de criação: 1978
Atendimentos: 29 crianças e 10 famílias por ano
Projetos apoiados: Todas as Crianças São Crianças de Todos – 2º Momento



Objetivo: assistir integralmente as crianças acolhidas e suas famílias, por meio de atendimento de qualidade, que assegure proteção ao desenvolvimento e à convivência familiar e comunitária.



CASA
PEQUENO
DAVI

JOÃO PESSOA - PB



MOISÉS
NASCIMENTO



VENCENDO GOLIAS

MOISÉS NASCIMENTO, 20 ANOS, FOI CRIADO NO ROGER, BAIRO COM ALGUNS DOS PIORES INDICADORES SOCIAIS DE JOÃO PESSOA, CAPITAL DA PARAÍBA, ONDE SE LOCALIZA UM LIXÃO DESATIVADO E O MAIOR PRESÍDIO DA CIDADE. AOS 13 ANOS, VIU SUA MÃE, REFERÊNCIA E MAIOR AMIGA, MORRER DE CÂNCER NA CABEÇA, E O PAI SE AFUNDAR NO CRACK.

NA CASA PEQUENO DAVI, QUE TRABALHA PARA FORTALECER O POTENCIAL CULTURAL DA REGIÃO – A INSTITUIÇÃO É SEDE DE DUAS ESCOLAS DE SAMBA E DE DIVERSOS GRUPOS FOLCLÓRICOS –, MOISÉS ENCONTROU UM AMBIENTE PARA DESENVOLVER SUA MAIOR PAIXÃO: A MÚSICA. APRENDEU LÍNGUAS, TEVE CONTATO COM NOVOS RITMOS E, ASSIM, MUDOU SUA VIDA: TORNOU-SE ARTE-EDUCADOR E MÚSICO PROFISSIONAL.

Hoje, faz planos de morar na Alemanha, país que admira desde a infância por conta do futebol. Moisés tem nome épico e juntou suas forças com a de outro personagem bíblico, Davi, nome do projeto social que considera sua casa.

O Moisés, do Roger, travou um duelo com seu próprio Golias: a falta de perspectivas. A história do rapaz revela que ele está ganhando a batalha e refazendo sua vida de menino nascido entre o lixo e as grades do presídio.



“Minha mãe morreu de câncer, quando eu tinha 13 anos. Ela teve uma depressão muito forte ao saber que meu pai estava viciado em crack, e aí juntou tudo. No dia do enterro, eu não queria cair na real. Durante a cerimônia, fiquei o maior tempo possível na Casa Pequeno Davi, onde cheguei aos 7 anos e considerava o meu segundo lar.

Meu pai sempre foi um exemplo para mim. Tocava vários instrumentos e se dedicava muito ao trabalho. Quando foi demitido, ficou muito mal. Na rua, eu comecei a ouvir que ele estava andando com gente que fumava maconha. Passou um tempo e ele começou a fumar crack em casa, quando minha mãe não estava. Um dia, achei uma pedra no bolso dele. Pedi para eu não contar nada, que aquele seria um segredo entre a gente. Eu tinha aprendido na escola sobre o crack, mas não imaginava o poder daquela droga.

Enquanto a minha mãe era viva, ele, mesmo usando crack, vendia salgados no bairro. Com a morte da minha mãe, ele se afundou. Trocou minhas roupas, objetos da casa e perfumes por pedras. Com o pouco dinheiro que arrumava, comprava drogas. Eu sofria vendo o meu pai daquele jeito.





O uso da droga cega.

Éramos nós dois, minha avó e minha irmã. Senti que estava sufocando e que precisava encontrar um rumo. Aos 15 anos, fui morar com um casal conhecido, que me acolheu como se eu fosse um filho.

Na minha família, todos cantam ou tocam algum instrumento, e o nosso palco, digamos assim, era a igreja. Eu ficava vidrado vendo o meu pai tocar bateria. Antes de se envolver com crack, ele comprou uma bateria para eu ensaiar. Cheguei a ganhar uns trocados tocando. Aprendi violão, contrabaixo, guitarra e teclado.

Na Casa Pequeno Davi, comecei nas oficinas ludopedagógicas e de futebol, até que abrissem vagas na oficina de música. Mais velho, eles me convidaram para ser educador. Foi a oportunidade da minha vida. Comecei como jovem aprendiz e, aos 18 anos, fui contratado.

A ideia da Casa não é formar músicos, mas usar essa ferramenta como uma forma de melhorar a educação dos meninos e das meninas. Trabalhamos os conceitos de cidadania e fortalecemos, nessas crianças e nesses jovens, a convicção de que eles são cidadãos com direitos e deveres.

É muito emocionante presenciar o poder da música na transformação das crianças. Dei aula para dois irmãos, de 12 e 14 anos, que eram obrigados a trabalhar em feiras livres, catando restos de alimentos para dar à criação de porcos da família. Eles moravam na Comunidade do S, que tem esse nome por causa do esgoto a céu aberto, no formato da letra. Os dois iam às feiras numa carroça puxada por um jumento. Quando estavam em casa, passavam a maior parte do tempo sozinhos.

Quando começaram as oficinas de educação musical, não conseguiam olhar nos olhos de nenhum dos educadores e não se integravam com os colegas. Eram agressivos e tinham dificuldade de concentração. Depois de muitas aulas, oficinas de expressão corporal e acompanhamento da assistente social, eles foram se aproximando dos educadores e dos colegas.



Em abril de 2014, os dois fizeram uma apresentação musical, e foi um grande momento vê-los tocando bateria e percussão, integrados ao grupo, bem mais alegres e confiantes. Cantaram a música do Roberto Carlos 'É preciso saber viver'. Todos se emocionaram.

A Casa trabalha temas como bullying e racismo, muito presentes no dia a dia dos meninos, que são quase todos negros. Uso a minha infância como ponto de partida para conversar com eles. Falo abertamente que também sofro preconceito por ser negro; que, assim como acontece com eles, quando entro num banco, as pessoas olham desconfiadas para o meu cabelo afro.

As crianças da Casa aprendem na pele que racismo é preconceito. Muitas chegam aqui sem saber o próprio nome completo; algumas só conhecem a mãe pelo apelido. Sofrem abusos, e o mais comum é o trabalho infantil.



“A Casa Pequeno Davi não mudou só a minha vida, mas o bairro todo. Se não fosse pelo Projeto, esse lugar seria ainda mais pobre e violento”.

Moisés Nascimento

Desde criança, tenho uma ligação forte com a Alemanha por causa do futebol. Comecei a estudar a língua e, depois, fiz um curso na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Consegui visitar o país com uma ex-namorada alemã.

Um grande sonho? Estudar engenharia de som na Alemanha. Mas, mesmo que conseguisse, depois do curso, voltaria para o Brasil para trabalhar em projetos sociais. A Casa Pequeno Davi não mudou só a minha vida, mudou o bairro todo. Se não fosse pelo Projeto, esse lugar seria ainda mais pobre e violento. E o pior: cheio de crianças e jovens sem nenhuma oportunidade”.



Instituição: Casa Pequeno Davi
Local: Bairro do Roger, João Pessoa (PB)
Ano de criação: 1985
Atendimentos: 320 crianças e adolescentes por ano
Projeto apoiado: Palco Aberto



Objetivo: educar para a cidadania por meio de oficinas temáticas de música, dança, leitura, esporte, recreação, informática e acompanhamento escolar.

João Pessoa (PB) ●

RS
PARADESPORTO
PORTO ALEGRE - RS



GIÁCOMO
BRAGA



VIDA DE CAMPEÃO

UMA DAS DIVERSÕES PREFERIDAS DO MENINO GIÁCOMO BRAGA ERA ANDAR DE BICICLETA, COM O IRMÃO MAIS VELHO E OS AMIGOS, PELOS ARREDORES DO CONDOMÍNIO ONDE MORAVA, EM GRAVATAÍ, NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL.

E NÃO FOI DIFERENTE APÓS O PRIMEIRO DIA DE AULA DO ANO LETIVO DE 2001. 'JÁH' – COMO É CARINHOSAMENTE CHAMADO PELOS AMIGOS – CHEGOU DA ESCOLA, PEGOU A BICICLETA E SAIU PEDALANDO. NÃO REPAROU QUE O CARRO DO VIZINHO VINHA EM SUA DIREÇÃO E FOI ATROPELADO. AOS 6 ANOS DE IDADE, VIU SUA VIDA MUDAR COMPLETAMENTE: O ACIDENTE O DEIXOU PARAPLÉGICO.

Hoje, aos 20 anos, ele lembra que o desafio de se tornar um esportista foi o seu incentivo para ter ânimo de aprender a viver como cadeirante. Uma contribuição importante veio da Associação RS Paradesporto, especializada em treinar esportistas em modalidades paralímpicas para estimulá-los a ter uma vida independente. A Associação, criada em 2005, defende a inclusão dos deficientes de forma plena na sociedade por meio do esporte. O apoio do Criança Esperança contribui para inserir, cada vez mais, os temas de acessibilidade na pauta de debates do Brasil.

Ainda criança, Giácomo embarcou na arte da superação e se tornou um vencedor. É campeão pan-americano de basquete em cadeira de rodas, mas quer muito mais: pretende representar o Brasil em casa, nos Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.



“Logo depois do acidente, eu ficava me perguntando por que aquilo tinha acontecido logo comigo. Gostava tanto de correr, andar de bicicleta, jogar bola... Mas eu era pequeno, minha mãe me abraçava e sentia que tudo iria se resolver. Com o tempo, aprendi a correr e a brincar.

O acidente causou uma lesão na minha medula, que provavelmente se agravou durante o resgate. Uma vizinha que passava no local me viu no chão e se desesperou. Acabou me carregando no colo – sem a técnica correta de transportar feridos – e me botou no carro para me levar para o hospital.

Fiquei em coma por quatro dias e fui para casa de maca. O processo de reaprender a sentar foi lento. Minha família sofreu muito. Do momento do acidente até a saída do hospital, não me lembro de nada. Há pouco, descobri que meu irmão ficou tão nervoso que engordou 10 quilos em quatro dias. Ele viu tudo.



“Posso dizer que, na RS Paradesporto, descobri o verdadeiro valor do esporte. Conheci pessoas e lugares diferentes, e troco experiências com gente que enfrenta as mesmas dificuldades que eu no dia a dia”.

Giácomo Braga

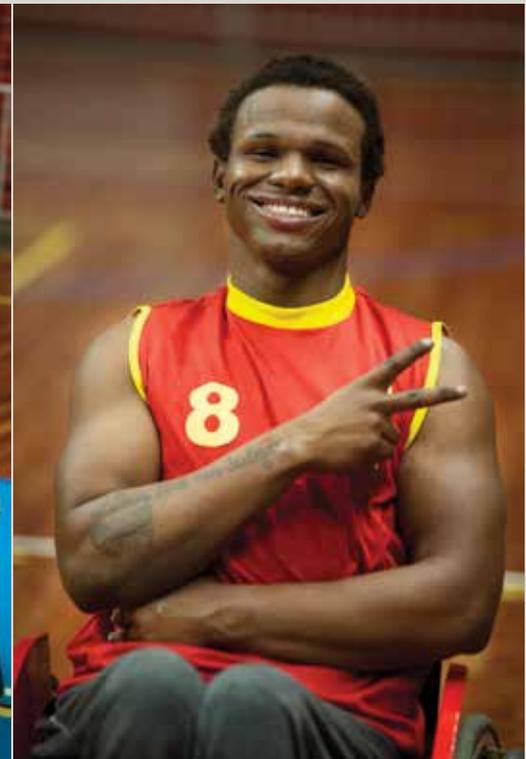
Essa primeira etapa foi a mais dura. Gastos em cima de gastos, com fraldas, remédios e alimentação especial. Todo o meu organismo passou a funcionar de forma diferente. Meu pai tinha acabado de pedir demissão e teve que correr atrás de outro emprego. Minha mãe me carregava até a escola – e ficava lá me acompanhando –, até termos dinheiro para comprar uma cadeira de rodas.

Estudei no mesmo lugar, da pré-escola ao 3º ano do ensino médio. Durante todos esses anos, brigamos, sem sucesso, pela adaptação das instalações. Tinha uma rampa malfeita e um banheiro com a porta larga, que não ajudavam muito.

Minha família encampou a luta pela acessibilidade.

No Fórum, a minha mãe quase foi presa por desacato à autoridade, durante o processo que movemos para que o Estado me fornecesse fraldas gratuitamente. Quando a juíza de Gravataí disse que isso era apenas uma ‘comodidade’, minha mãe se exaltou: ‘A senhora é juíza, certo? Imagina seu filho se sujar e se mijar todo no meio da aula. Isso é comodidade?’.

Não recebi as fraldas. Hoje, tenho uma vida normal.



Durante o meu período de reabilitação no Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília – que é a maior referência do Brasil nesses casos –, tive contato com esportes para cadeirantes. Desde o início, senti que me apaixonaria pelo basquete e que teria a natação como segunda opção.

Aos 10 anos, estava assistindo a um amistoso de basquete em cadeira de rodas na minha cidade e conheci o Luiz Portinho, presidente da Associação RS Paradesporto. Fiquei enlouquecido para jogar, mas ainda não tinha idade, já que era um time de adultos.

Um tempo depois, aos 12 anos, entrei no projeto Piá Basqueteiro, hoje chamado Escola Paralímpica Gaúcha, para crianças e adolescentes. E, no dia do meu aniversário de 15 anos, fui convocado a estreiar com a camisa 10 do RS Paradesporto, no campeonato gaúcho. Foi uma das maiores emoções da minha vida. Pude dar o primeiro grito de guerra com o time: ‘1, 2, 3, os Guerreiros do RS!’.

Hoje, para treinar em Porto Alegre, conto com a ajuda do motorista e do trocador de ônibus de Gravataí. Infelizmente, a maioria dos ônibus não é adaptada, mas vou seguir treinando para representar o Brasil pela seleção, nas Paralimpíadas de 2016.

Mesmo tendo que fazer tratamentos médicos seguidos, passei com média em todas as séries da escola e entrei na faculdade de direito, no ano passado. Quero estudar para ser promotor ou procurador.

Posso dizer que, na RS Paradesporto, descobri o verdadeiro valor do esporte. Conheci pessoas e lugares diferentes, e troco experiências com gente que enfrenta as mesmas dificuldades que eu no dia a dia.

Recentemente, uma equipe de 11 atletas e eu fomos campeões invictos em Buenos Aires, na Argentina. A medalha fica lá na estante do quarto, do lado da minha camisa 10.

É muita alegria”.





Instituição: RS Paradesporto
Local: Centro, Porto Alegre (RS)
Ano de criação: 2005
Atendimentos: 145 crianças e jovens por ano



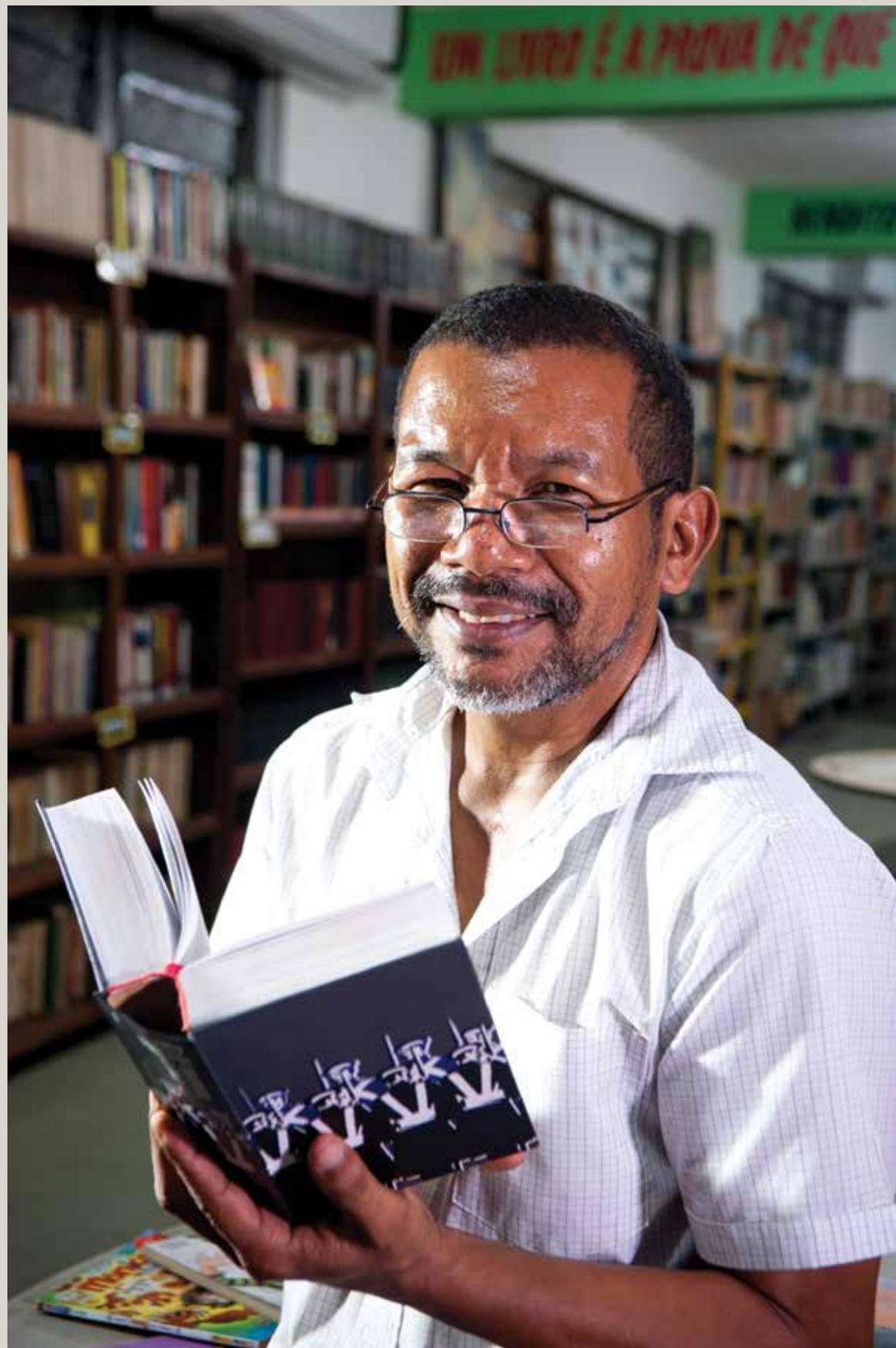
Projeto apoiado: Escola Paralímpica Gaúcha
Objetivo: oferecer atividades com foco no esporte e na educação para os direitos, a saúde e a cidadania dos deficientes físicos.



Porto Alegre (RS)

ESPAÇO
CULTURAL
NOSSA
BIBLIOTECA
BELÉM - PA

RAIMUNDO JOSÉ
DE OLIVEIRA





CONTADOR DE HISTÓRIAS

FIM DO SÉCULO XIX. A REGIÃO NORTE VIVE O AUGE DO CICLO DA BORRACHA. BELÉM DO PARÁ PASSA POR OBRAS DE URBANIZAÇÃO, QUE SEGUEM O RITMO ACELERADO DAS EXPORTAÇÕES DE LÁTEX. A INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA SE DESENVOLVE NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS, E BOA PARTE DA MATÉRIA-PRIMA DOS PNEUS É COMERCIALIZADA A PARTIR DAS CAPITALS AMAZÔNICAS. DESSA ÉPOCA, RESTAM PRÉDIOS DE PADRÃO EUROPEU – POR EXEMPLO, TEATROS E MERCADOS FAMOSOS BRASIL AFORA –, ASSIM COMO MARCAS DAS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS EXISTENTES ATÉ HOJE EM BELÉM, TAMBÉM VISTAS EM OUTRAS CIDADES AMAZÔNICAS.

O bairro do Guamá, um dos mais pobres e populosos da capital paraense, traz um pouco dessa história. Durante o ciclo mais próspero da cidade, recebeu um cemitério e um leprosário. Desde então, virou periferia.

“Conto a história do bairro para os meus alunos, para que eles conheçam suas origens e percebam que as nossas conquistas são fruto de muita luta junto ao poder público”, diz o professor de história Raimundo José de Oliveira, de 47 anos, um brasileiro que desafiou as estatísticas e trabalhou duro para mudar a própria vida e a de centenas de crianças da região.

Filho de uma empregada doméstica e de um trabalhador braçal, ainda criança, Raimundo descobriu na literatura um caminho. De livro em livro, os horizontes foram se ampliando, e o engajamento nas questões do bairro foi aumentando, até que Raimundo se tornou coordenador do Espaço Cultural Nossa Biblioteca.

“A leitura mudou a minha vida. Por isso, trabalho para que Guamá se transforme num bairro de leitores, com uma escola que incentive o desenvolvimento dos alunos e seu envolvimento nas questões da comunidade”, diz ele.

As mudanças pelo contato com a literatura, tão desejadas por Raimundo, extrapolam o desempenho escolar. As transformações também são visíveis no comportamento e na autoconfiança das crianças.

A mediadora de leitura Minéia Braga da Silva vive diariamente essas transformações e sabe que o contato com as histórias significa muito mais do que a superação das dificuldades de ler. Ela lembra com emoção a mudança vivida por Maicon Douglas, de 7 anos. Abandonado pela mãe e criado pela avó, o menino tinha problemas de socialização e era muito introvertido, além de não conseguir ler direito. Mas um dia, durante uma gravação para a TV, ele conseguiu realizar uma leitura em voz alta, em cima de um palco. “Parecia outra criança”, comemora Minéia. “Isso é muito comum, pois a leitura traz confiança, conhecimento e desprendimento”, explica.





“Somos cinco irmãos. Minha mãe era empregada doméstica. Tenho o mesmo nome do meu pai, que era trabalhador braçal. Aos 7 anos, comecei a trabalhar com ele na feira de açaí do Porto da Palha, que ficava a 3 quilômetros de distância de casa. Como não tínhamos dinheiro, a gente ia e voltava a pé. No caminho para a feira, eu catava o que encontrava: pegava coisas do lixo para fazer pipa, peteca, até que um dia encontrei uma edição do Antigo Testamento ilustrado. Eu tinha mais ou menos 12 anos e acabei gostando da história das Muralhas de Jericó e de Davi e Golias. A partir daquele dia, a leitura foi ganhando valor para mim.”



O meu pai se alfabetizou pelo rádio, mas era craque nas contas. Minha mãe tinha a letra muito bonita. Os dois só têm até o antigo primário, mas deram muito duro para que os filhos estudassem. Mas o dinheiro mal dava para comer, quanto mais para comprar livros.

Qualquer trocado que eu ganhava no trabalho ia para as despesas da casa. Quando faltava comida, nos alimentávamos com farinha e cabeça de peixe que ganhávamos na feira. Às vezes, pedíamos ajuda aos vizinhos. Éramos frequentemente despejados e, por isso, moramos em várias ruas do Guamá. Quando eu tinha 12 anos, a patroa da minha mãe comprou para a gente uma casa muito barata no bairro.

Minha mãe trabalhava como doméstica, e eu comecei a acompanhá-la para ajudar na faxina. Os patrões dela moravam em um bairro de classe média e tinham muitos livros em casa. Eles me chamaram para morar lá, por um tempo, de segunda a sexta. Acabei lendo muito. Dessa época, lembro de 'O encontro marcado', do Fernando Sabino.

No Guamá, a nossa casa ficava numa rua cheia de mato; quando chovia, alagava tudo, não tinha luz elétrica. Por isso, aos 16 anos, procurei o pessoal do Centro Comunitário pra reclamar da iluminação pública e reivindicar água encanada e asfalto. Nunca mais saí de lá. Virei voluntário e ajudava a freira responsável, irmã Madalena.

O país vivia a redemocratização. As reuniões eram politizadas – irmã Madalena era simpatizante da teologia da libertação e reforçou em mim a importância da leitura. Depois de participar do movimento social, eu não tive dúvida: queria fazer faculdade de história para entender os porquês.

Fui o primeiro morador da minha rua a passar no vestibular. Entrei na Universidade Federal do Pará (UFPA). Logo fui chamado para ser voluntário na coordenação do Espaço Cultural Nossa Biblioteca. Desde que me formei, nunca deixei de ensinar. Sou professor de história em duas escolas estaduais: Barão de Igarapé Miri e Frei Daniel de Samarate.



“Eu, que catava lixo à procura de material para fazer pipa, acabei encontrando o amor pela leitura e a força para lutar pela minha comunidade”.

Raimundo José de Oliveira



No bairro, aos poucos fomos conseguindo asfalto e iluminação, mas ainda éramos vistos como um dos locais mais violentos e discriminados da cidade. Entendi que precisávamos ir além da conquista dos serviços essenciais. A Biblioteca poderia exercer um papel fundamental na transformação cultural e social da comunidade.

Hoje, temos uma brinquedoteca para atrair novos leitores. Fazemos mediação de leitura: chamamos banda de música, poetas e pedagogos, e apresentamos obras literárias para as crianças. Criamos círculos de leitura semanais. Nossa meta é que cada criança leia o mínimo de dez livros por ano, além de qualificar a leitura dos adultos da comunidade, habituados apenas às páginas de esportes e policiais dos jornais.

As crianças que chegam aqui se transformam, como eu me transformei. Nosso coordenador financeiro, por exemplo, Carlos Alexandre, de 28 anos, entrou no Projeto aos 14, como voluntário. Perdeu amigos para o tráfico de drogas e soube no grupo de futebol sobre as atividades da Biblioteca. Assim, na adolescência, ele tomou gosto pela leitura, conseguiu se formar em física pela UFPA e agora faz doutorado na Holanda.

Há algum tempo, encontrei a antiga patroa da minha mãe. Ela ficou surpresa porque os filhos dela não tinham passado na universidade, mas eu sim. A vida é como um tecido. No meu caso, esses fios se cruzaram de uma maneira muito especial. Eu, que catava lixo à procura de material para fazer pipa, acabei encontrando o amor pela leitura e a força para lutar pela minha comunidade”.

Instituição: Espaço Cultural Nossa Biblioteca (ECNB)
Local: Guamá, Belém (PA)
Projeto apoiado: Construindo um Bairro de Leitores
Atendimentos: 1.000 pessoas por mês

Objetivo: promover o hábito de leitura em Guamá e comunidades vizinhas.

Belém (PA)

POSTO DE
PUERICULTURA
SUZANNE
JACOB
PARNAÍBA - PI

KELYNE
CRISTINA
NASCIMENTO





CINDERELA DA VIDA REAL

KELYNE CRISTINA NASCIMENTO CRESCER NA CASA DOS FUNDOS, DESTINADA AOS EMPREGADOS, DE UMA RESIDÊNCIA DE VERANEIO, NA CIDADE DE PARNAÍBA, NO PIAUÍ. ERA A NETA DOS CASEIROS, E A MÃE TRABALHAVA COMO DOMÉSTICA. AS CRIANÇAS DA CASA GRANDE FREQUENTAVAM ESCOLA PARTICULAR, TINHAM ROUPAS E BRINQUEDOS. ELA ASSISTIA A ESSA “OUTRA VIDA” QUASE COMO SE FOSSE UM FILME. ERA COMUM, DURANTE AS BRINCADEIRAS, OUVIR AS CRIANÇAS COCHICHAREM QUE NÃO ERA PARA DAR BOLA PARA A “FILHA DA EMPREGADA”. SENTIA-SE ISOLADA.

Aos 10 anos, sua família alugou uma casa na comunidade do Jardim João XXIII, e Kelyne começou a se relacionar com as crianças vizinhas livre do antigo rótulo. “Brincávamos com o barro usado na construção das casas de taipa, com caixas de leite em pó ou copos de manteiga vazios”, lembra ela, que hoje, percebe o valor dos jogos para resgatar os primeiros anos da infância.

A cidade é rica em belezas naturais – o Delta do Parnaíba é o único das Américas que deságua em alto-mar. Por outro lado, 77% da população vivem abaixo da linha da pobreza e 35% dos habitantes são analfabetos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Parnaíba está entre os 20 municípios mais pobres do país.

Diante desse contexto, Kelyne cresceu com todas as chances de se desviar da escola, não conseguir trabalho bem remunerado e perpetuar a situação de pobreza da família.

No entanto, no meio do caminho encontrou o Posto de Puericultura Suzanne Jacob (PPSJ), que oferece atividades lúdicas e educacionais para crianças e jovens de 15 municípios do estado, incluindo Parnaíba. Hoje, é professora de matemática e faz mestrado na área.

O PPSJ – antigo Lactário Suzanne Jacob – foi fundado em 1938, com a finalidade de fornecer leite, remédios e alimentos para as crianças da região, onde a taxa de desnutrição era alarmante. A partir de 1998, reinventou-se e passou a trabalhar para promover histórias como as de Kelyne, capazes de romper com a tradição de miséria do lugar.



“Um dia desses, encontrei uma antiga colega da comunidade João XXIII, que tem exatamente a minha idade e ainda estava cursando o 3º ano do ensino médio. Ela se atrasou nos estudos por ter se envolvido com



drogas e ter engravidado ainda adolescente. Quando éramos garotas, foi ela que me ofereceu maconha e loló, mas nunca aceitei.

Quando nos reencontramos, eu estava participando de um mutirão de limpeza em uma escola aqui da cidade.

'Tu trabalhas aqui? És zeladora?'

Respondi que sou professora de matemática do ensino médio. Ela não acreditou. Só aceitou que era mesmo verdade quando outro professor, que ouvia a conversa, confirmou.

Não namorei cedo, não engravidei, fui por muito tempo, como dizem, BV – 'boca virgem'. Só queria estudar e me destacar nas notas. Na adolescência,





quando conheci o Posto de Puericultura Suzanne Jacob, percebi que, encontrando as pessoas certas e aproveitando as oportunidades, o mundo podia abrir portas.

O posto ficava no outro extremo do meu bairro, mas decidi participar das oficinas. Fiz teatro, futebol, liderei campanhas de conscientização sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST), gravidez precoce, dengue... Arrecadei alimentos no grupo de jovens para entregar a famílias pobres e também participava na distribuição de leite. Ajudar uma criança a sair da desnutrição e ter uma vida saudável me dava uma alegria enorme.

O PPSJ faz um trabalho muito bonito com crianças e jovens que têm histórias parecidas com a minha. Foi importante eu sentir que podia ajudar quem, assim como eu, passava por dificuldades de todo tipo. Quando minha mãe não tinha dinheiro, cortavam a água e tínhamos que pegar no vizinho. Moramos em quase todas as casas



“Quando conheci o Posto de Puericultura Suzanne Jacob, percebi que, encontrando as pessoas certas e aproveitando as oportunidades, o mundo podia abrir portas”.

Kelyne Cristina Nascimento



do bairro porque éramos despejados por falta de pagamento do aluguel.

Nunca faltava às aula. Cheguei a ir com catapora, fingindo que não tinha nada, e nessa brincadeira empesteei a sala! Às vezes, o ônibus escolar não passava, e minha mãe não tinha dinheiro. Eu entrava na van e saía correndo no ponto da escola, dizendo que pagaria depois. Fui ficando mais confiante e menos tímida.

Acabei sendo indicada pela equipe do PPSJ para trabalhar como jovem aprendiz no Banco do Brasil. Durante dois anos, minha rotina era trabalhar de manhã, almoçar uma vitamina e estudar de 13h às 18h30. Tinha que manter as notas da escola para continuar no estágio. Essas oportunidades me deram ainda mais responsabilidade, e criei novas expectativas pra minha vida.

Passei para a faculdade de matemática na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Hoje, tenho especialização em metodologia do ensino superior e faço mestrado aos sábados. Passei num concurso para dar aulas de matemática em Viçosa, no Ceará. Acordo de madrugada e percorro toda semana 160 quilômetros de ônibus ou na minha moto.

Já aconteceu de eu estar sem moto e pegar carona com quatro pessoas diferentes no mesmo dia para não chegar atrasada na escola. Quero passar num concurso aqui em Parnaíba para ficar mais tempo com meu marido e meu filho, de 4 anos.

Graças às oportunidades que tive, posso dizer que sou uma pessoa realizada: construí uma família e tenho uma profissão que me permite compartilhar conhecimento e me dá muita satisfação”.

Instituição: Posto de Puericultura Suzanne Jacob (PPSJ)

Local: Centro, Parnaíba (PI)

Ano de criação: 1938 – chamava-se Lactário Susanne Jacob; passou a se chamar Posto de Puericultura (PPSJ) em 1998

Atendimentos: 658 crianças e jovens por ano

Projeto apoiado: Semeando Alegria e Reciclando Sonhos

Objetivo: atividades lúdicas para minimizar os efeitos da tragédia do rompimento da Barragem Algodões I; Projeto Reciclando Sonhos – promover o empoderamento e a formação pessoal, social e cultural de crianças e adolescentes catadores ou filhos de catadores de lixo por meio de música, esporte e cultura.

Parnaíba (PI)

ESCOLA - FÁBRICA
DE ESPETÁCULOS -
SPECTACULU
RIO DE JANEIRO - RJ

JULIANA
XAVIER
RUFINO





PALCO DA VIDA

O ANO É 1999. A ATRIZ MARISA ORTH E O CENÓGRAFO GRINGO CARDIA CAMINHAM POR NOVA DÉLI, IMPRESIONADOS PELA POBREZA QUE ATROPELA OS VIAJANTES NA CAPITAL INDIANA. ALI MESMO, COMPROMETERAM-SE A ABRAÇAR A IDEIA DE, AO VOLTAR PARA O BRASIL, CRIAR UM PROJETO SOCIAL QUE ABRISSE PORTAS AOS JOVENS DAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO.

NÃO SOMENTE PORTAS, MAS TAMBÉM PALCOS, COXIAS, CAMARINS...

ASSIM NASCEU A ESCOLA DE ARTE E TECNOLOGIA SPECTACULU, UM GALPÃO DE 500 METROS QUADRADOS NA REGIÃO PORTUÁRIA DO RIO, QUE FORMA JOVENS PARA ATUAR NAS ÁREAS TÉCNICAS DO TEATRO: CARPINTARIA CÊNICA, CAMARIM, ILUMINAÇÃO, CONTRARREGAGEM, VÍDEO, FOTOGRAFIA, CABELO, MAQUIAGEM.

O objetivo não é apenas formar mão de obra para responder à demanda do mercado, mas também contribuir para que os jovens construam metas e aprendam a desenhar estratégias para alcançá-las. “Se você tem entre 17 e 21 anos, estuda ou completou os estudos na rede pública de ensino e mora em área de vulnerabilidade, inscreva-se para o processo seletivo da Spectaculu”, diz o anúncio sobre o recrutamento para o ano de 2015 no *site* da ONG.

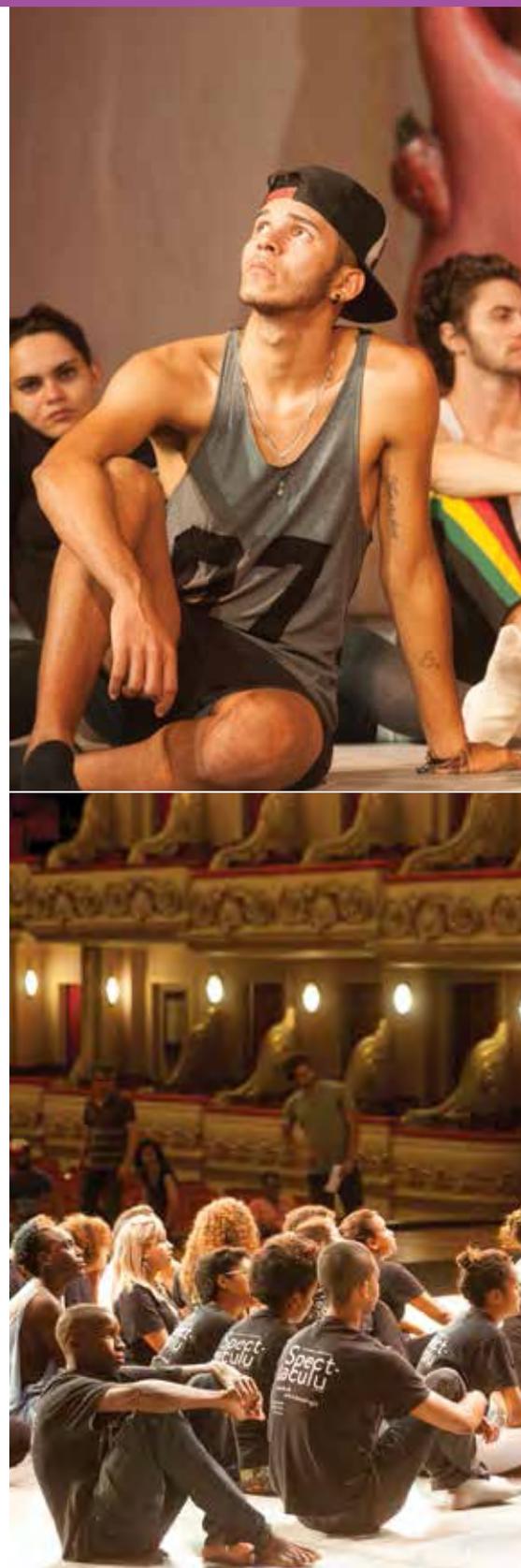
As portas são abertas para que vários desafios sejam enfrentados. Grande parte dos meninos e das meninas que chega ao Projeto jamais entrou em museus ou em teatros públicos, e um dos motivos é o receio de serem barrados pelos seguranças. Porém, eles saem da Escola prontos para começar a se aventurar no mundo da cultura dos espetáculos.

A tecnologia digital de alto nível foi introduzida, em 2008, pelo artista plástico Vik Muniz e por sua mulher, Malu Barreto, diretora de moda e arte. Desde então, o casal integra a direção da Escola, que já formou 1,5 mil alunos em seus 16 anos de existência. A Spetaculu contabiliza a inserção de alunos em 4 mil vagas de trabalho fixo, trabalho temporário e estágio.

Uma das marcas do Projeto é sua localização: a sede fica nas proximidades da Rodoviária, o que facilita o acesso dos jovens que moram longe da Zona Sul, região mais nobre da capital fluminense. Na cidade dominada pelo histórico antagonismo entre o morro e o asfalto, o Projeto lança uma luz no dilema da “cidade partida”, que cria categorias distintas de cidadãos com base no local em que vivem.

“Desde a primeira vez que entrei no galpão, fiquei encantada”, conta Juliana Xavier Rufino, 22 anos, moradora de Duque de Caxias, a 20 quilômetros do Rio. A garota cursava o ensino médio quando conheceu a Spectaculu. “Para mim, tudo sempre foi difícil: a falta de dinheiro para o transporte, o fato de ser negra e mulher, a dificuldade de acesso aos locais”.

A história de Juliana mostra que é possível superar desafios e vencer preconceitos de gênero, sociais e raciais. Ex-aluna dos cursos de contrar-





regragem e camarim e de tratamento de imagem, Juliana observa que a experiência a ajudou na afirmação da própria identidade: “As aulas contribuem para nos posicionarmos de forma mais segura nos trabalhos e na vida”.



“Minha mãe é uma dessas ‘mães coragem’ que existem por aí. Sou filha única, e ela me criou sozinha. Não conheci meu pai e pouco sei sobre ele. Nasci de um relacionamento que não deu certo. Fui criada na Penha, subúrbio do Rio de Janeiro, e depois nos mudamos para Duque de Caxias.

Conheci a Spectaculo por indicação de uma amiga, em 2011, quando estava no ensino médio. O primeiro curso que fiz foi o de contrarregragem e camarim, com noções de adereço. Achei encantadora a ideia de ajudar a fazer um espetáculo acontecer.



Na época do vestibular, eu não sabia se queria fazer cenografia ou turismo, mas acabei escolhendo o curso de produção cultural, no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). O sonho da minha mãe era que eu seguisse uma carreira mais estável. Minha avó ajudou a fundar a escola de samba Grande Rio, e minha mãe sempre trabalhou confeccionando figurinos e adereços para o Carnaval. Hoje em dia, esse mercado é bem organizado e profissional; mas quando eu nasci, minha mãe precisou trabalhar como doméstica para complementar o orçamento e me criar.

Para ela, ver a única filha, com 18 anos, trabalhando nesse meio do qual ela se afastou foi bem difícil. Ela tinha medo que eu engravidasse antes de terminar a faculdade e, por isso, as brigas foram se tornando tão frequentes que saí de casa e passei um mês morando com amigos.

As coisas só se acalmaram quando pude contribuir financeiramente, e ela entendeu que o trabalho era mesmo sério. Por orientação dos professores do Projeto, levei minha mãe pra assistir ao espetáculo



“A Spectaculu não só me ajudou a encontrar um trabalho que amo, mas me ensinou a encontrar um caminho só meu, que me possibilita crescer cada dia mais como pessoa e como cidadã”.

Juliana Xavier Rufino



‘Shrek’, no final de 2012, no teatro João Caetano, no centro da cidade. Eu fazia camarim e, no intervalo, a apresentei para a equipe. Ela entendeu que eu estava seguindo um bom caminho.

Além de toda a resistência da minha mãe, precisei enfrentar o machismo – a contrarregragem é dominada por homens. Eles, em geral, ficavam com as vagas por serem maiores e mais fortes. Já ouvi muito de colegas que eu ‘não daria conta’ do trabalho porque sou frágil e magra.

Custei a perceber que também teria de vencer o preconceito racial. Uma vez, fiz um estágio num espetáculo em cartaz em um shopping de um bairro nobre do Rio de Janeiro e percebia que, ao entrar, as pessoas me olhavam de forma diferente. Parecia que havia uma barreira entre mim e aqueles olhares.

O meu primeiro trabalho de camarim, figurino e adereço, foi com a atriz Rosane Gofman; ficamos dois meses em cartaz no Solar de Botafogo, em 2011. Eu pensava: ‘Nossa, estou me divertindo e ainda ganhando pra fazer isso!’.

Atualmente, estou direcionando minha carreira para a educação. Faço estágio no Centro Cultural da faculdade. Administramos o acervo de livros e os espaços da biblioteca. Por se localizar numa área central, a biblioteca atende crianças e jovens das comunidades próximas. Precisamos lidar com conflitos de relacionamento entre o público – muitos são crianças e jovens que cheiram cola e vivem em casas sem nenhuma estrutura. Mas o importante é que ajudamos nesse primeiro contato deles com o universo da cultura.

A Spectaculu não só me ajudou a encontrar um trabalho que amo, mas me ensinou a encontrar um caminho só meu, que me possibilita crescer cada dia mais como pessoa e como cidadã”.

Instituição: Escola-Fábrica de Espetáculos – Spectaculu

Local: Rio de Janeiro e Grande Rio

Ano de criação: 2006

Atendimentos: 50 jovens de 17 a 21 anos oriundos de bairros periféricos e comunidades do Rio de Janeiro e Grande Rio (Niterói, Baixada Fluminense e arredores)

Projetos apoiados: Oficinas de Formação Profissional nas Áreas

de Cenotécnica, Iluminação e Contrarregragem e Camarim

Objetivo: promover, por meio da arte, oportunidades de crescimento pessoal pela capacitação profissional e pela formação ética, estética e política, propiciando condições favoráveis ao desenvolvimento técnico e cognitivo dos jovens, a fim de inseri-los no mundo do trabalho e viabilizar a realização de seus projetos de vida.

Rio de Janeiro (RJ)

INSTITUTO
ILHAS DO
BRASIL
FLORIANÓPOLIS - SC



ZENAIDE
MARIA
DE SOUZA



SENHORA DO MAR

“NÃO PODEMOS DEIXAR NOSSOS SONHOS PARA TRÁS”. ESSA FRASE, DITA POR LEONARDO OLIVEIRA, DE 21 ANOS, UM EX-PARTICIPANTE DO INSTITUTO ILHAS DO BRASIL, EM FLORIANÓPOLIS, CAPITAL DE SANTA CATARINA, EXPRESSA A MOTIVAÇÃO DO PROJETO, QUE ATENDE 90 FAMÍLIAS E TRABALHA PARA PRESERVAR O MEIO AMBIENTE E FORTALECER A CULTURA DA COMUNIDADE DE PÂNTANO DO SUL, UMA DAS PRAIAS MAIS PRESERVADAS DA ILHA, LOCALIZADA EM SEU EXTREMO SUL. A COMUNIDADE É FORMADA BASICAMENTE POR PESSOAS QUE VIVEM DA PESCA ARTESANAL, HOJE BASTANTE AMEAÇADA PELOS PESQUEIROS INDUSTRIAIS. TRÊS ESCOLAS QUE OFERECEM ENSINO FUNDAMENTAL E UM POSTO DE SAÚDE SÃO AS ALTERNATIVAS DE SERVIÇOS PÚBLICOS EXISTENTES NO LOCAL. O RESTO É UM CENÁRIO DE FILME: UMA PRAIA DE ÁGUAS TRANSPARENTES E MUITA AREIA, EMOLDURADA POR MORROS COBERTOS PELA VEGETAÇÃO NATIVA DA MATA ATLÂNTICA.

Criado em 2004 pelo casal de biólogos Alexandre e Alessandra Castro, o Instituto Ilhas do Brasil foi concebido como uma organização de base comunitária. Contudo, para fincar raízes no Pântano do Sul, era preciso o aval dos moradores locais. Os fundadores do Instituto encontraram na pescadora Zenaide Maria de Souza, de 70 anos, o apoio necessário para conquistar a confiança das famílias.

“Sou filha de pescador e a única mulher que exerce a pesca artesanal de tainha aqui na região. Hoje, as empresas grandes vêm aqui com suas traineiras e suas redes, e levam quantidades enormes de peixe, numa velocidade maior do que os peixes se reproduzem”, diz Zenaide.

A “capitã”, como gosta de ser chamada, identificou no Instituto uma alternativa para as crianças e os adolescentes do Pântano. Com isso, ela embarcou no sonho de Alexandre e Alessandra e fortaleceu a iniciativa junto à comunidade, além de ter ajudado a elaborar, em 2005, o carro-chefe da ONG: o Estrelas do Mar, projeto que conta com o apoio do Criança Esperança e trabalha diretamente com crianças e adolescentes. A ideia é ensiná-los que os conceitos de sustentabilidade devem ser praticados no dia a dia e, ao mesmo tempo, fomentar o desenvolvimento socioeconômico do Pântano do Sul. “A dona Zenaide representa a história do Instituto”, resume Alessandra.

Essa história vem sendo renovada todos os dias, por meio das conquistas dos meninos e das meninas atendidos. Ana Carolina Martins recentemente completou 16 anos – sete dos quais como participante do Estrelas do Mar. “Escapei”, diz a garota. Das melhores amigas que teve no ensino fundamental, cinco engravidaram.

O pai da garota foi assassinado em uma briga, pelo tio, irmão da mãe dela, quando Carol tinha 8 meses. Vida dura. Dos 10 aos 14 anos, durante as temporadas de verão, ela trabalhou como garçoneiro em um dos restaurantes da praia. Com o dinheiro que recebia, comprava material escolar e roupas, além de ajudar a mãe.

Aluna do 2º ano do ensino médio, Carol se encontrou nas lutas marciais – é campeã de jiu-jítsu. Faz parte da equipe do lutador



Thiago Tavares, uma das mais competitivas do país nas chamadas MMA (*mixed martial arts*).

“Vai guerreira, vai!”: o grito com o qual os treinadores incentivam a garota também se reflete na sua vida e na vida de toda a comunidade de Pântano do Sul, como bem conta dona Zenaide.



“O Pântano do Sul era um lugar em que as meninas mal largavam as bonecas e já se tornavam mães. Muita falta de perspectivas. E crianças, cada vez mais novas, experimentando drogas. Aqui, só temos três escolas públicas em turno único. O que mais tinha era menino à toa pela praia. Ao mesmo tempo, a pesca artesanal foi perdendo força, por causa das grandes empresas – já não dá mais para ensinar os filhos e os netos a viver da pesca.”



A chegada do Instituto mudou muito a realidade aqui do Pântano. Acreditei neles desde o primeiro momento. Incentivei, falei para as mães levarem as crianças pra lá. Meus netos participaram do Projeto, e um deles, o Davi, de 12 anos, ainda está lá – ele tem problemas de aprendizagem e muita dificuldade de se comunicar. A equipe do Instituto nos ajuda muito a lidar com isso. Outro dia, um dos meus netos mais velhos me viu bebendo um refrigerante e me disse: 'Vó, pra que beber no canudinho, se você tem copo de vidro? Pare de usar tanto plástico'.

Em 2006, o Estrelas do Mar foi finalista do Prêmio Volvo Adventure, na Suécia. Concorreu com quatro projetos brasileiros e 320 iniciativas de 42 países. Na hora de os meninos viajarem para a Suécia, o meu filho Daniel deu aulas de inglês básico para todos.

A ONG criou uma espécie de rede de atendimento e solidariedade. Trabalha com os alunos das três escolas públicas e com a equipe do posto de saúde. Se as monitoras percebem que as meninas estão começando a namorar, chamam as enfermeiras do posto para organizar palestras sobre gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis. Há aulas de filosofia, ensinam a cuidar do meio ambiente, a reciclar o lixo e acompanham a vida escolar dos meninos. Há atividades o dia todo.

O resultado é que os jovens daqui, agora, conseguem entrar nas melhores escolas públicas da cidade, que ficam a 30 quilômetros, para continuar o ensino médio. Muitos estão indo para a universidade.

Quando o progresso chega e não tem organização, esculhamba tudo! Tem gente que para o carro na praia e sai com churrasqueira, latinhas de bebida, depois deixa tudo pra trás. Somos um dos últimos lugares no sul de Florianópolis que os turistas ainda não povoaram. O norte da ilha já está com cara de cidade. Aqui, ainda vivemos com simplicidade.





“O resultado é que os jovens daqui, agora, conseguem entrar nas melhores escolas públicas da cidade, que ficam a 30 quilômetros, para continuar o ensino médio. Muitos estão indo para a universidade”.

Zenaide Maria de Souza

Para tentar preservar isso, o Instituto criou um projeto de verão em que grupos de adolescentes são preparados para atender os turistas que vêm passar o dia. Eles guiam pelas trilhas, mostram as praias e tentam fazer com que esse pessoal deixe menos lixo na areia.

A vida da Carol mudou muito. Aos 9 anos, ela já estava à toa pela praia, com umas amigas esquisitas. Essa menina, que quase virou um problema, hoje é um orgulho. É campeã de lutas marciais, atende os turistas e encontrou uma forma muito linda de salvar a cadelinha dela, a Piri, que pegou cinomose.

A família não tinha condições de arcar com o tratamento. Decidiram pagar o veterinário, que tem consultório numa praia próxima, com peixe. Já foram mais de dez quilos. Todas as semanas, lá vai a Carol, carregando pescado na bicicleta dela para levar ao doutor.

Todas as quintas-feiras, temos coleta seletiva. Antes, isso não existia. Diariamente, venho trabalhar, caminhando pela areia. Dou uma paradinha na ONG, cumprimento as pessoas e tenho cada vez mais certeza de que, com eles, a nossa comunidade mudou para melhor.

Eu parei de estudar para trabalhar. Fui a primeira mulher a se divorciar na região, abri sozinha um quiosque para vender o meu pescado, e hoje esse quiosque se transformou num restaurante, visitado por gente de todos os lugares.

Tive oito filhos, todos completaram o ensino médio, e sete deles, a faculdade. Agora, os mais novos da região têm uma ‘segunda escola’, onde aprendem a respeitar os mais velhos, a fazer amigos e a entender que esta praia é a casa deles, tanto quanto o teto onde moram”.



Instituição: Instituto Ilhas do Brasil
Local: Pântano do Sul, Florianópolis (SC)
Ano de criação: 2005
Atendimentos: cerca de 600 pessoas por ano



Projeto apoiado: Estrelas do Mar
Objetivo: estimular o protagonismo e o empreendedorismo de crianças e jovens.



Florianópolis (SC)

PROMOVIDA –
AÇÃO SOCIAL
NOSSA
SENHORA DO
PERPÉTUO
SOCORRO
BRASÍLIA - DF

ALESSANDRA
ARAÚJO DE
FREITAS





ACORDES DA ESPERANÇA

COM VOZ SUAVE E JEITO DE MENINA, ALESSANDRA ARAÚJO DE FREITAS ENCONTROU UMA FORMA DE SUPERAR A INFÂNCIA MARCADA PELA VIOLÊNCIA DECORRENTE DO ALCOOLISMO DO PAI, DE QUEM SEMPRE TEVE MEDO. “QUANDO EU VIA O MEU PAI QUEBRAR TUDO EM CASA, SENTIA UMA MISTURA DE SOLIDÃO E ANSIEDADE”, DIZ ELA.

ALESSANDRA FOI CRIADA PELA MÃE, SOLANGE, DE 47 ANOS, EM UMA CASA DE CÔMODO ÚNICO, EM UM BAIRRO POBRE DE BRASÍLIA (DF). A MÃE PASSAVA O DIA TRABALHANDO E DEIXAVA A MENINA NA CASA DE VIZINHOS. VEZ POR OUTRA, O PAI APARECIA. “MINHA MÃE NÃO QUERIA QUE EU TIVESSE MEDO DELE, MAS ERA DIFÍCIL PRA MIM”, DIZ ALESSANDRA. QUANDO ELA FEZ 13 ANOS, O PAI FOI ASSASSINADO EM UMA BRIGA DE BAR. “O QUE MAIS ME DÓI É QUE ELE MORREU SEM EU TER CONSEGUIDO FALAR DIREITO COM ELE”, LAMENTA A GAROTA.

A música ajudou Alessandra a resgatar sua infância e a reescrever sua história. No Projeto Promovida, criado em 1998 em São Sebastião, a 26 quilômetros da capital federal, ela encontrou saídas para quebrar o ciclo de pobreza da família, além de apoio para seguir em frente.

São Sebastião é uma região administrativa com histórico de ocupação irregular, cujo núcleo urbano surgiu na época da construção de Brasília. Com o passar dos anos, acabou abrigando condomínios de classe média, o que acentuou a distância entre os novos moradores e os ocupantes considerados ilegais.

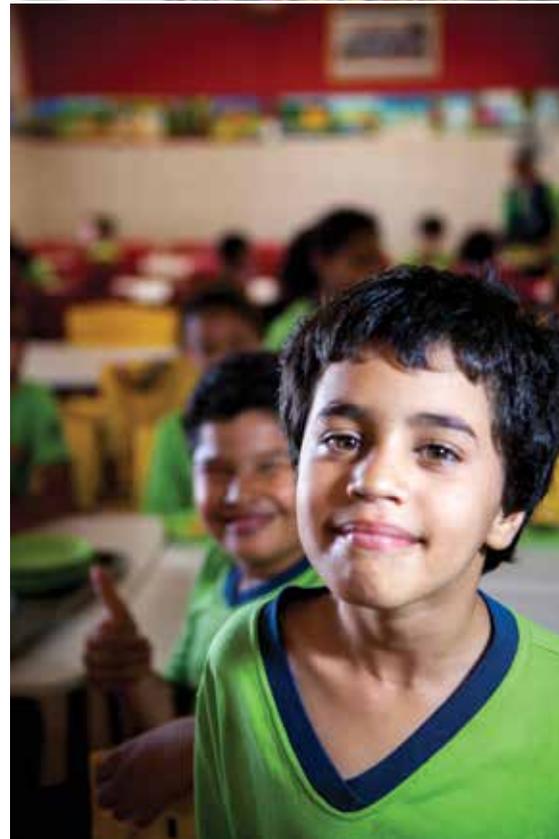
Quando surgiu, o Promovida tinha como foco crianças que viviam nas ruas. Atualmente, a Instituição, que tem forte viés pastoral, oferece educação e formação complementares ao ensino formal. Violão, balé, xadrez e inclusão digital são algumas das opções oferecidas às 200 crianças e adolescentes atendidos anualmente.

Aos 16 anos, Alessandra segue a sintonia da música: prepara-se para entrar na faculdade e quer se tornar musicista.



“Sou filha única, e meu pai era alcoólatra. Quando minha mãe descobriu que estava grávida, se separou dele. Ela trabalhava como vendedora, e morávamos num barraquinho só com quarto e banheiro, no Setor Residencial Oeste, em Brasília. O meu pai aparecia bêbado e quebrava as coisas. Eu tinha medo dele. Depois, ele deixou de aparecer por uns tempos.

Um dia, chegou a notícia de que ele tinha morrido. Ele estava num bar, se envolveu numa briga por causa de futebol e morreu esfaqueado. Eu já tinha 13 anos, e o que me deixa mais triste é que eu não estava falando com ele.



**“Vou ser musicista –
a música me transformou.
Passei a pensar em coisas
boas, em viajar e a sonhar
cada vez mais”.**

Alessandra Araújo de Freitas

Minha mãe nunca quis me separar dele, não queria que eu tivesse esse medo. Só que, quando ele tentava me ver, eu ficava assustada, fingia que estava dormindo. Essas foram as últimas lembranças que tive do meu pai.

Quando eu tinha 8 anos, minha mãe conheceu uma freira, que ajudava na coordenação do Promovida. Essa freira conseguiu uma vaga para mim e um emprego como monitora para minha mãe. Assim, ela poderia me levar e me pegar. Minha mãe já tinha trabalhado como professora de crianças, vendedora, empregada doméstica e merendeira em escola pública. Isso a ajudou a se adaptar bem ao Projeto.





A oportunidade que o Promovida nos deu mudou muito a nossa vida.

Quando minha mãe saía para trabalhar, ela pagava uma vizinha para me olhar. Ela tinha um monte de filhos e recebia dinheiro para cuidar de mim e de mais três crianças. Mas ela nem cuidava da gente – almoçávamos e passávamos a tarde largados pela casa. Eu passava o dia torcendo pro tempo passar rápido e minha mãe voltar logo do trabalho.

Assim que entrei pela primeira vez no Promovida, fiquei encantada. Várias crianças, parquinho, professores, monitores, almoço, lanche e jantar. No Projeto, tinha também recreação, apoio escolar e aula de informática. As equipes eram divididas por série. Quando entrei para a turma em que minha mãe era monitora, eu podia passar a tarde com ela.

Um dia, comecei as aulas de flauta doce com um professor voluntário. Comprei a minha flauta por R\$ 1,25. O professor disse que daria uma da marca Yamaha para quem se empenhasse mais. Ele ensinou o solo





da música 'Asa branca'. Quando ele passou o 'Bolero' de Ravel, eu me esforcei muito e consegui. Acabei ganhando a flauta!

Depois de um tempo, esse professor iniciou um projeto musical no Coral Canarinhos. Como era aos sábados, eu conseguia conciliar com as atividades do Promovida. A gente começava na flauta para, então, aprender outros instrumentos de sopro e de corda. Uma vez, assisti a um concerto no Teatro Nacional daqui de Brasília e fiquei encantada com o solo da violinista. Quando tive a oportunidade de aprender um instrumento de corda, nem pensei: escolhi o violino.

No Promovida, também fiz aulas de coral e participei de uma audição. Fui escolhida para ter aulas de canto lírico com mais dois alunos. Hoje, faço parte do Projeto Música das Esferas, já toquei o Hino Nacional com a Orquestra Sinfônica, e o maestro se tornou meu grande amigo. Aprendi técnica vocal e flauta contralto.

No Promovida, também conheci o Osmar, meu namorado. Ele toca contrabaixo. Crescemos juntos e estamos cursando o ensino médio. Este ano, eu passei na prova para a Escola de Música de Brasília, onde estudo violino e tenho aulas de teoria musical e de canto coral.

Com quase 40 anos, minha mãe se formou em pedagogia e, hoje, dá aulas para crianças numa escola particular. Eu gostaria de trabalhar para ajudá-la, mas preciso me empenhar para passar na faculdade de música.

Vou ser musicista – a música me transformou. Passei a pensar em coisas boas, em viajar e a sonhar cada vez mais".



Instituição: Ação Social Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Promovida)
Local: São Sebastião, Brasília (DF)
Ano de criação: 1998
Atendimentos: 220 crianças e adolescentes por ano
Projeto apoiado: Promovida – Gerando Vida e Esperança para Crianças e Adolescentes

Objetivo: prestar atendimento gratuito a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, por meio de atividades de convivência familiar e comunitária. Evitar a exposição nas ruas a riscos de violência, aliciamento para uso de drogas e exploração sexual.



GRUPO
CULTURAL
AFROREGGAE
RIO DE JANEIRO - RJ

MARCOS
VINÍCIUS
DOMINGOS





ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS

A REGRA IMPOSTA PELOS TRAFICANTES ERA CLARA: OS MORADORES DE VIGÁRIO GERAL NÃO DEVERIAM ULTRAPASSAR A FRONTEIRA DE PARADA DE LUCAS, E VICE-VERSA. MARCOS VINÍCIUS DOMINGOS, ENTÃO COM 19 ANOS, NÃO TEVE MEDO DA RESTRIÇÃO E ARRISCOU A VIDA PARA FAZER AULAS DE BATERIA NA ONG AFROREGGAE, EM VIGÁRIO.

DURANTE DÉCADAS, AS FAVELAS DE VIGÁRIO GERAL E PARADA DE LUCAS, NA ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO, PROTAGONIZARAM UMA RIVALIDADE HISTÓRICA. EM VIGÁRIO, QUEM DITAVA AS REGRAS ERA O COMANDO VERMELHO; NA COMUNIDADE VIZINHA, O TERCEIRO COMANDO. A ZONA DE TRANSIÇÃO – UMA RUA ESTREITA DE TERRA BATIDA – ERA CHAMADA DE “FAIXA DE GAZA”, NOME DO TERRITÓRIO QUE, HÁ DÉCADAS, É PALCO DE CONFLITOS ENTRE ISRAELENSES E PALESTINOS.

A “Gaza” carioca era uma linha de tiro. Quem mais sofria eram os moradores das duas comunidades, que, por anos, perderam o direito de visitar amigos e parentes, ou, simplesmente, o direito de ir e vir.

“Neste lugar, vou conseguir alguma coisa na vida”, pensava o garoto, hoje com 34 anos. Para chegar até lá, Marcos dava uma volta por fora das duas comunidades, para “despistar” de onde vinha.

O jovem Marcos estava certo. Hoje, o Grupo Cultural AfroReggae – que conta com o apoio do Criança Esperança – é uma referência não apenas para as duas favelas, mas para toda a cidade do Rio. Tem uma banda que arrasta 1 milhão de pessoas pela orla da cidade no Carnaval, além de oficinas de música, circo e teatro, e uma produtora de programas para a TV.

Fundado em 1992, o AfroReggae teve um papel fundamental na “pacificação” das duas favelas. O Grupo se especializou na mediação de conflitos e também criou alternativas para recuperar jovens chefes do tráfico, muitos dos quais se juntaram à instituição depois de cumprir pena em presídios. Além disso, o Grupo saiu fortalecido do triste episódio da chacina de Vigário Geral, em 1993, quando cerca de 30 homens encapuzados entraram na comunidade e, em busca de criminosos, mataram 21 moradores.

No dia 9 de maio de 1999, convidados pelo AfroReggae, os cantores Caetano Veloso e Toni Garrido tocaram em Vigário Geral com a banda da ONG. O show foi no Centro Integrado de Educação Pública localizado na fronteira entre as duas favelas, mais conhecido como Ciep Mestre Cartola – o “Brizolão”. O objetivo era apresentar “Orfeu”, de Cacá Diegues, e o elenco do filme também compareceu. Os moradores de Vigário lotaram o lugar; os de Parada de Lucas ficaram de fora. No entanto, como o evento foi televisionado, estes ficaram sabendo que “ali do lado” havia uma organização fazendo um trabalho incrível, oferecendo oportunidades e reordenando a estrutura da favela.





“Eu estava em casa, vendo TV, quando vi um amigo meu de Vigário tocando percussão na banda do AfroReggae, ao lado daqueles famosos todos. Pensei: tá rolando um lance maneiro em Vigário Geral, e eu vou dar o meu jeito para chegar lá”, lembra Marcos.

Hoje, não há mais fronteira entre Parada de Lucas e Vigário Geral. As duas comunidades são controladas pela mesma facção, o Terceiro Comando Puro, e ainda não contam com uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), o efetivo da Polícia Militar que atua como polícia comunitária em áreas violentas e dominadas pelo tráfico. O programa, que atualmente conta com 38 unidades, começou a ser implementado pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro no final de 2008.



“Tem noção do perigo que é estar aqui? Foi a primeira coisa que eu ouvi quando cheguei à sede do AfroReggae, em Vigário Geral, e disse que era morador de Parada de Lucas. Em vez de atravessar de uma comunidade para a outra, eu ia pela pista, do lado de fora. Na volta, era preciso entrar pela outra ponta de Parada de Lucas, para disfarçar de onde eu vinha. Valeu a pena: entrei para o Projeto Usina Musical.

Na virada para o ano 2000, a guerra entre as duas favelas se acirrou, e parei de fazer as aulas. Voltei para o AfroReggae quando inauguraram um núcleo de informática na associação de moradores de Parada de Lucas. Era o único espaço em que a gente tinha oportunidade de aprender alguma coisa. Naquele lugar, passava muita gente interessante: o núcleo atendia cerca de 600 pessoas por dia.

Em seguida, comecei a fazer oficinas de violino e pensava: ‘Neste lugar, vou conseguir alguma coisa da vida’. Na época, eu trabalhava no estacionamento de um supermercado. Como eu fazia um curso de informática, entreguei meu currículo ao Evandro João da Silva, nosso coordenador, que me convidou para dar aulas. Ele foi assassinado, durante um assalto, em 2009.

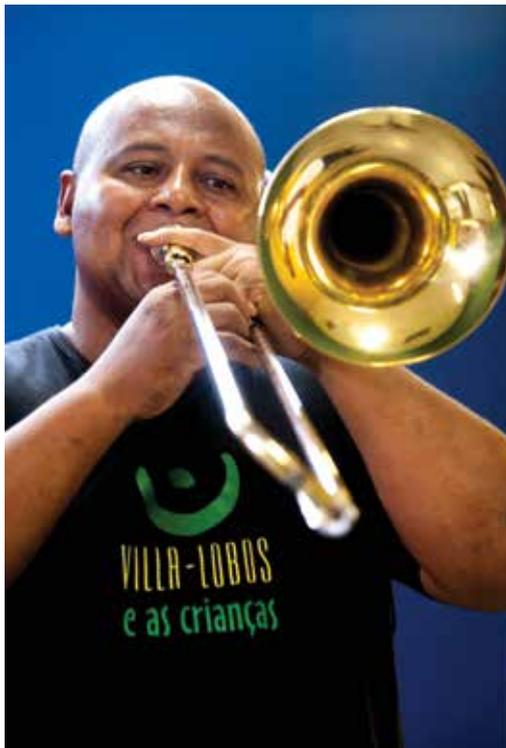
Comecei também a dar aulas no Complexo Penitenciário de Gericinó, em Bangu 3, uma área comandada por uma facção rival à que dominava a comunidade de Parada de Lucas. Desde o primeiro momento, deixei claro onde morava e nunca tive problemas. Uma vez, os alunos entraram quietos demais e perguntei o motivo: tinham acabado de matar um cara na galeria.

Fui o único filho dos meus pais criado pela minha família biológica, mas vivi com meus avós e tios. Não conheci meu pai, e minha mãe sumiu por aí quando eu tinha 3 anos. Meus outros dois irmãos – Márcio e Marlon – foram deixados ainda bebês num orfanato na Zona Oeste. Soube pelo Márcio que o Marlon tinha sido adotado por um casal de franceses. O acesso à internet me trouxe uma possibilidade inesperada: encontrar o meu irmão mais novo e me comunicar



“Essa mudança toda de vida não foi boa só para mim. Nós, do AfroReggae, ajudamos a divulgar a ideia de que é possível viver em paz. Falamos tanto disso que a cidade já nos ouviu”.

Marcos Vinícius Domingos



com ele. Hoje, ele se chama Matiè, tem 19 anos e estuda design automotivo em Londres.

Só comecei a estudar aos 7 anos, mas a minha família não tinha como comprar o material escolar. Os meus trabalhos de escola eram sempre mais feios, com menos cores, menos elaborados. Lembro com muita tristeza quando, anos depois, me ofereceram uma bolsa de 50% num curso preparatório para a escola técnica. Meu avô, feirante, não teria condições de pagar, mesmo com a ajuda da bolsa. Perdi a oportunidade de fazer um bom ensino médio, mas continuei com a ideia de ter que dar certo na vida, não apenas por mim, mas pela minha família.

Muitos dos que hoje estão no tráfico foram meus colegas de escola. Pouco tempo depois de entrar no AfroReggae, um desses amigos, o ‘Cabeça’, foi morto por traficantes. Por incrível que pareça, ele foi assassinado no muro da minha casa. Ouvi tudo durante a noite, insultos de um lado pro outro, e ele gritando. Eu só pensava que desejava algo diferente para mim e reforçava a ideia de que estava no caminho certo.

Consegui fazer faculdade de design e, agora, curso publicidade e propaganda. Graças ao AfroReggae, viajei para fazer um intercâmbio na Espanha, participei de oficinas de roteiro e conheci minha mulher, Rafaela. Ainda quero desenvolver o meu lado empreendedor e unir pessoas em prol de uma causa.

Essa mudança toda de vida não foi boa só para mim. Nós, do AfroReggae, ajudamos a divulgar a ideia de que é possível viver em paz. Falamos tanto disso que a cidade já nos ouviu”.



Instituição: Grupo Cultural AfroReggae
Local: Rio de Janeiro (RJ)
Ano de criação: 1993
Atendimentos: mais de 3 mil por ano
Projeto apoiado: Acorda, Lucas

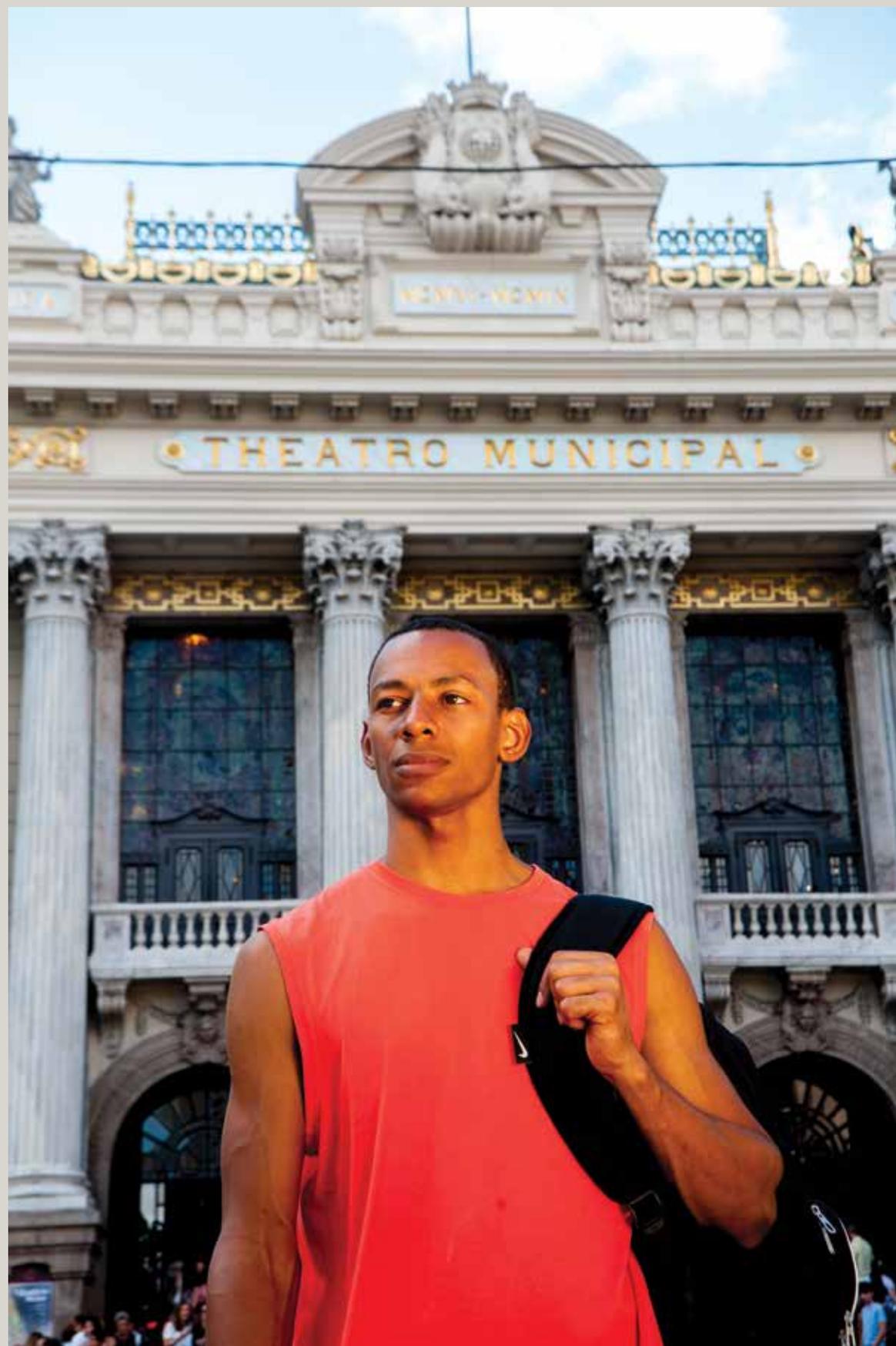


Objetivo: projeto de música voltado para a socialização de crianças e jovens moradores da comunidade Parada de Lucas. Integrante da Orquestra AfroReggae, em 2009, o Projeto reunia alunos de Parada de Lucas em uma orquestra de cordas; hoje, integram a Orquestra AfroReggae alunos do Grande Rio e da Baixada Fluminense.



Rio de Janeiro (RJ)

BALLET DE
SANTA TERESA
RIO DE JANEIRO - RJ



NATAN LOPES
DA SILVA



SAPATILHAS MÁGICAS

NATAN LOPES DA SILVA, 24 ANOS, MORA NO BAIRRO DO SANTO CRISTO, NA REGIÃO PORTUÁRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. NASCEU FILHO DE UM ESTIVADOR E TORNOU-SE BAILARINO. “A DANÇA ME ESCOLHEU QUANDO EU AINDA ERA ADOLESCENTE”, DIZ ELE. SEUS PRIMEIROS PASSOS FORAM NA DANÇA DE SALÃO, PULOU PARA A DANÇA DE RUA E, AOS 18 ANOS, ELE SE APAIXONOU PELO BALÉ CLÁSSICO.

UM ANO DEPOIS, APÓS PERDER O PAI EM UM ACIDENTE DE CARRO, NATAN QUASE DESISTIU DA DANÇA, MAS ENCONTROU NO BALLET DE SANTA TERESA INCENTIVO E APOIO PARA SEGUIR ADIANTE E, ASSIM, TORNOU-SE PROFESSOR. HOJE, É ALUNO DA ESCOLA DE DANÇA DO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO E ESTAGIÁRIO DO CORPO DE BAILE.

O Ballet de Santa Teresa foi criado em 2001, com base em um trabalho voluntário com arte-educação que a bailarina Vânia Farias de Queiroz realizava com crianças e adolescentes no Morro da Coroa – uma das dezenas de comunidades localizadas em Santa Teresa, tradicional bairro de artistas e intelectuais do Rio.

Um dia, Laís Santos, uma garotinha de 5 anos, encontrou com Vânia em uma escola da região; perguntou se ela era bailarina e se não queria ensiná-la a dançar. Semanas depois, Vânia procurou a Associação de Moradores da Coroa e se ofereceu para dar aulas de balé, o embrião do Projeto. Hoje, Laís – que continua dançando – se orgulha dessa história. “Meu sonho de usar sapatilha acabou mudando a vida de centenas de crianças”, conta.

Vânia tornou-se uma ativista pelos direitos da infância. Além de fundar o Projeto, ela atua, desde 2005, como conselheira dos Direitos de Crianças e Adolescentes. “Precisamos difundir no país a cultura do cuidado com a infância”, diz ela.

O Ballet de Santa Teresa vai além da dança: oferece reforço de leitura, gramática, redação, orquestra, canto coral e uma infinidade de atividades que visam à ampliação do repertório cultural das crianças e dos adolescentes da Coroa.



“Quando eu tinha 19 anos, meu pai morreu em um acidente de carro. Ele trabalhava como estivador no Porto de Itaguaí. Ao voltar do trabalho, de madrugada, depois de uma jornada longa, dormiu ao volante e bateu. Foi um acidente fatal. Eu tinha acabado um curso de desenho técnico e começaria a trabalhar numa grande empresa de óleo e gás.

Algumas horas antes do acidente, meu pai me ligou quando ainda estava no porto. ‘Filho, toma cuidado. Acidentes acontecem na vida, e a partir de agora, nesse novo emprego, você vai ganhar mais do que precisa.



Vão aparecer pessoas com má influência querendo te botar pra baixo, tome muito cuidado com isso', disse ele. Sei lá, quando penso nisso, parece que ele sabia o que iria acontecer e ligou para se despedir.

A morte dele me deixou totalmente perdido. O meu pai era o meu pilar, era quem me apontava direções. E eu estava muito dividido entre a dança – tinha começado há seis meses no Ballet de Santa Teresa – e o desenho técnico, que poderia me dar um emprego mais estável.

Quando soube do acidente do meu pai, fui atrás da Vânia. Ela foi fundamental naquele momento. Disse para eu pensar no que realmente o meu pai queria para mim e no que me faria mais feliz. Optei pela dança.

Saí da empresa onde trabalhava com desenho técnico e fui convidado para fazer estágio de professor no Ballet de Santa Teresa.

Vânia disse que se eu quisesse ser um profissional bem-sucedido, precisaria ter muita disciplina e seguir as regras dos bons bailarinos. 'Emprego e dinheiro virão depois', assegurava.





A dança me escolheu e me acolheu. Foi a vontade de fazer algo diferente que me levou aos 15 anos à dança de salão, depois à dança de rua e, aos 18 anos, ao clássico. Sentia que era um pouco mais travado do que a maioria dos meninos – o balé me ajudaria a ganhar alongamento e força.

Só que, no início, fui para uma aula de iniciantes e sentia vergonha de fazer aula só com crianças. É complicado ser o mais velho da turma e ter que aprender passos básicos. Em seis meses, passei do preliminar ao nível médio e fui incentivado a fazer prova para a Escola de Ballet do Theatro Municipal. Eu concorri com alunos que já dançavam há três anos, mas passei. Vibrei e comemorei, por mim e por meu pai.

Mais ou menos na mesma época, Vânia me convidou para ser professor do Projeto. Ela já vinha me preparando há um ano, meu deu livros e vídeos de dança, e me ofereceu um estágio.



“Quero estudar e dançar profissionalmente até o dia em que eu voltar para a sala de aula para ensinar, às crianças e aos adolescentes, o valor da dança. Sapatilhas podem levar muito longe”.

Natan Lopes da Silva



Tenho uma turma de manhã e duas à tarde. Antes de eu dar aulas, não tínhamos alunos meninos. Mas, a partir do momento em que um homem começou a dar aulas, os próprios pais quebraram esse tabu e passaram a trazer os filhos – assim como fazem nas aulas de futebol. A comunidade foi se acostumando.

O balé exige muito: é preciso concentração e disciplina, quase como se fosse um quartel. Dou aulas no Projeto duas vezes por semana; no restante do tempo, me dedico aos estudos na escola do Municipal. Estou no 2º ano técnico.

No Carnaval de 2015, fiz parte de um grupo de quatro bailarinos selecionados para participar da comissão de frente da Vila Isabel, no desfile do Sambódromo. É um grande orgulho entrar na avenida representando a Vila.

No Brasil, é muito difícil viver da arte, mas é muito importante persistir. Um dos conselhos do meu pai foi o de nunca desistir. Ele dizia: ‘Nunca volte pra trás; se encontrar um obstáculo, faça uma ponte e passe por cima’.

Aqui no Projeto, vejo muitas crianças chegarem rebeldes e sem educação. Outras são tão tímidas, mal dizem o nome. No Ballet de Santa Teresa, ajudamos os alunos a encontrar um caminho mais equilibrado e feliz. Oferecemos aulas de música, dança espanhola, educação física, idiomas e coral.

Acho que todos os dançarinos têm planos de entrar numa boa companhia. Quero estudar e dançar profissionalmente até o dia em que vou voltar para a sala de aula para ensinar, às crianças e aos adolescentes, o valor da dança. Sapatilhas podem levar muito longe”.



Instituição: Ballet de Santa Teresa
Local: Santa Teresa, Rio de Janeiro (RJ)
Ano de criação: 2001
Atendimentos: 100 pessoas por ano



Projeto apoiado: Sons do Mundo
Objetivo: inclusão social de crianças e adolescentes, por meio de programa para formação de orquestra.



Rio de Janeiro (RJ)

INSTITUTO
LUIZ BRAILLE
DO ESPÍRITO
SANTO

VITÓRIA - ES



HEYKE
NASCIMENTO



MENINO LUZ

A FAMÍLIA NASCIMENTO MORAVA EM UM CASEBRE PRECÁRIO EM CANAVIERAS, NO SUL DA BAHIA, QUANDO O FILHO HEYKE NASCEU PREMATURAMENTE AOS 7 MESES E COM A SAÚDE FRÁGIL. NINGUÉM SABIA COMO LIDAR COM AQUELE MENINO QUE CRESCIA TÃO DIFERENTE DOS DE MAIS. A AVÓ DIZIA QUE ELE NÃO SEGURAVA OS BRINQUEDOS DIREITO E QUE NÃO OLHAVA NOS OLHOS. O PAI, CLAYTON, TRABALHAVA COMO ASSISTENTE DE PEDREIRO E SE VIRAVA COMO PODIA PARA AJUDAR A MULHER, ELIANA, A CUIDAR DA ROÇA E DE UM FILHO TÃO DIFERENTE.

COM POUCO MAIS DE 1 ANO, O BEBÊ FOI ENCAMINHADO AO INSTITUTO LUIZ BRAILLE DO ESPÍRITO SANTO (ILBES), NA CAPITAL VITÓRIA. O DIAGNÓSTICO: CEGUEIRA CONGÊNITA.



Apesar disso, a história do menino baiano, assim como a de muitos meninos e meninas deficientes visuais, vem sendo pontuada por muita alegria e superação graças à ação do Ilbes, que conta com o apoio do Criança Esperança no projeto de alfabetização em braille: Aprendizado da Escrita em Braille.

“Muitos pais chegam aqui chorando”, conta a presidente do Ilbes, Elizabeth Mutz, que é deficiente visual. “Mostramos que a cegueira é, sim, uma limitação, mas de forma alguma o fim do caminho”. O Ilbes ajuda meninos e meninas a desenvolver os outros sentidos de forma mais aguçada, bem como a melhorar a mobilidade e a capacidade física e intelectual, para que tenham mais qualidade de vida. “Alegria e autoconfiança são fundamentais”, diz ela. A experiência ensinou a Elizabeth





que o cuidado com pais e responsáveis é tão fundamental quanto a assistência dada às crianças.

Heyke chegou ao Ilbes sem conseguir se locomover, agarrado às pernas da mãe. Logo começou a aprender a usar a bengala para se movimentar em casa, assim como todas as crianças da sua idade. Quando atingiu a idade da alfabetização, foi um dos alunos do projeto que ensina a linguagem braille. Os resultados vieram rapidamente: Heyke anda sozinho, se alimenta e se expressa tão bem, que todos à sua volta descobriram seu talento musical. “Quero ganhar um piano”, diz o menino, que, com 5 anos, frequenta a escola regular.

Orgulhosa, Elizabeth conta a história de outras crianças que, com suporte, ganharam o gosto pela infância. Daniel, um menino que chegou ao Ilbes com 8 anos dizendo que não gostava de ir à escola porque “não via quase nada”, descobriu o gosto pela matemática, e seu desempenho escolar melhorou como um todo. O diagnóstico: baixa visão (acuidade visual inferior a 30% no melhor olho). Já Andrew passou grande parte do primeiro ano de vida chorando. Hoje, aos 5 anos, é craque no futebol e popular entre os amigos.

Além de alfabetizar em braille, o Instituto, que atende cerca de 100 pessoas por dia, oferece atividades nas áreas de educação, informática, mobilidade e esportes. Além disso, ainda busca patrocínio para seus esportistas de atletismo, futebol, judô, levantamento de peso e arremesso de bola sonora (golbol).



“Sofri de hipertensão na gravidez do Heyke, e o parto levou mais de um dia para ser feito. Viajamos durante três horas, de Canavieiras até a unidade de tratamento intensivo (UTI) em que ele ficou internado, em Itabuna. Não tínhamos dinheiro para ir visitá-lo durante os 17 dias



de internação. Meu marido ganhava menos de um salário-mínimo por mês como operário da construção.

Começamos a estranhar o comportamento dele quando não aceitou mamar. Não tínhamos enxoval, estrutura nem alimento.

Quando Heyke completou 1 ano, um tio nos levou a Vitória para o bebê fazer exames. Os médicos me chamaram para conversar, me deram um copo d'água e disseram que meu filho era cego. Foi um baque. Eu chorava desesperada – achava que ele enxergava mal, mas fiquei com medo por ele quando disseram que ele não via nada.

No Ilbes, fui aprendendo a aceitar a condição do meu bebê e a ajudá-lo. A equipe o ensinou a andar, e ele largou das minhas pernas e começou a ficar mais autônomo. As professoras tomaram Heyke mais confiante e alegre. Não esqueço a primeira vez em que eu fui buscá-lo, e ele veio andando sozinho com um bonequinho nas mãos. Foi uma conquista maravilhosa!



“No Ilbes, fui aprendendo a aceitar a condição do meu bebê e ajudá-lo. A equipe o ensinou a andar, e ele largou das minhas pernas e começou a ficar mais autônomo. As professoras tornaram Heyke mais confiante e alegre”.

Eliana Nascimento, mãe do Heyke



O meu filho fez oficinas de estimulação precoce, para trabalhar sentidos como o tato e o paladar, e também uma introdução ao aprendizado do braille. No Instituto, ele passou a se alimentar melhor e está sendo acostumado ao uso da pré-bengala. Já come sozinho e está aprendendo a se vestir. Fomos orientados a buscar benefícios sociais e passe livre.

Heyke, com 5 anos, é o único deficiente visual de uma creche regular. Aprendeu a falar e a contar. Os coleguinhas ajudam a colocar os chinelos nos pés dele e a pegar a mochila.

Se não fosse toda essa ajuda que recebemos, talvez eu estivesse até hoje chorando e tentando fazer o meu Heyke andar. Agora, ele dança. É muito musical e adora o som da bateria. No Ilbes me falam: ‘Investe no Heyke, que ele será um bom músico’.

A vizinha deu um pandeirinho para ele. Na aula de música da creche, ele não quer nem saber de cantar, só de tocar. Outro dia, chegou em casa pedindo um piano. Compramos um de brinquedo: ‘Papai, quero um piano pesado’. O Heyke, que nos trazia tantas preocupações, hoje é a alegria da nossa família”.



Instituição: Instituto Luiz Braille do Espírito Santo (Ilbes)
Local: Grande Vitória (Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana e Guarapari)
Atendimentos: 50 alunos em 2012, e 100 alunos em 2013, com idades entre 0 e 28 anos

Projeto apoiado: Aprendizado da Escrita em Braille
Objetivo do projeto: proporcionar o aprendizado da escrita em braille a deficientes visuais.

Vitória (ES) ●

ASSOCIAÇÃO
PROJETO
CRESCER

LAURO DE FREITAS - BA

IURI
RODRIGUES





CRESCENDO JUNTO

GABRIEL, 17 ANOS, COSTUMAVA CONTAR AOS AMIGOS QUE ERA CUNHADO DE UM TRAFICANTE – ACABOU MORTO A TIROS.

VAILSON, 20 ANOS, GOSTAVA DE ANIMAIS E ADORAVA JOGAR FUTEBOL. ARRISCAVA UMAS ATUAÇÕES NO TEATRO. VIROU “AVIÃO” DO TRÁFICO E MORREU ASSASSINADO COM TANTOS TIROS QUE FOI DIFÍCIL PARA OS PARENTES RECONHECER SEU CORPO.

ROBERTO, 16 ANOS, VOLTAVA DA IGREJA, APÓS O JOGO ENTRE BRASIL E ARGENTINA, REALIZADO EM 19 DE SETEMBRO DE 2012. FOI ASSASSINADO COM UM LANCHE NAS MÃOS. NA COMUNIDADE, OS MORADORES COGITARAM QUE O MENINO FOI CONFUNDIDO COM OUTRA PESSOA, JÁ QUE ELE NÃO TINHA NENHUMA LIGAÇÃO COM O TRÁFICO.

Como característica comum, os três jovens viviam no bairro de Lagoa dos Patos, município de Lauro de Freitas, na região metropolitana de Salvador.

Enquanto a taxa de homicídio no Brasil é de 29,99 para cada 100 mil habitantes, em Lauro de Freitas essa taxa é de 76,64 para cada 100 mil. Além da violência, a população sofre com a falta de saneamento básico, de coleta de lixo e de oferta de educação pública de qualidade.

Nesse contexto de exclusão, chama atenção a alegria das crianças e dos jovens da Associação Projeto Crescer, fundada em 2000 pela socióloga Vânia Howard. Essa associação é fruto de um sonho: oferecer perspectivas e oportunidades às crianças e aos jovens da região, para que o tráfico de drogas não se torne um destino certo.

Luri Rodrigues Santiago da Conceição é um dos garotos do Crescer. Aos 19 anos, está concluindo o ensino médio e construindo a casa própria para a mãe. É ator de teatro amador e ajuda a divulgar o Projeto Crescer na região. Quem vê o rapaz, com o sorriso largo e uma atitude tão positiva diante da vida, não imagina o quanto ele caminhou para chegar ao momento em que a família terá um teto. “Vamos ter um lar”, diz ele.

Ainda menino, Luri sofreu quando a mãe foi obrigada a vender a casa da família para pagar as dívidas contraídas pelo marido com traficantes. Sentiu ainda mais tristeza ao ver seus amigos serem assassinados pela lei do crime que impera na cidade. “Hoje, caminho em terra firme por causa do Crescer”, afirma.

A coordenadora Lucymeire Ulmer explica que as crianças atendidas pelo Crescer vêm de famílias muito pobres, frequentam escolas precárias e enfrentam todos os tipos de dificuldade. “Aqui no Projeto, elas passam a entender o que significa ter oportunidade”, diz a coordenadora. Realizam oficinas de leitura, aprendem matemática de forma interativa, praticam esportes, estudam música e informática, montam peças de teatro e recebem reforço escolar para ajudar a fazer as lições de casa. O Crescer também busca facilitar a inserção dos jovens no mercado de trabalho, encaminhando-os para vagas de estágio.





A transformação mágica de meninos sofridos em crianças que sonham vai se revelando no dia a dia do Projeto. As aulas de teatro, por exemplo, deram a Danilo Dias, de 15 anos, a autoconfiança e a desenvoltura de que tanto precisava. Hoje, ele viaja pelo Brasil e se destaca no grupo Harambé – Nós é Nós de Teatro. Em 2014, no festival anual de artes do Crescer, ganhou o título de melhor ator.

Adriano Davi, de 7 anos, era um garotinho agressivo quando chegou ao Crescer. Hoje, ele se revela no tatame, lutando judô. Filho de uma usuária de drogas e de um pai traficante, o menino é criado pela avó e vive na mesma casa com cinco irmãos de pais diferentes – o pai e a mãe de Adriano foram assassinados. Nervoso, batia nos colegas e não conseguia se relacionar.

“Ele, Adriano, é um exemplo da possibilidade de trabalhar a agressividade das crianças por meio do esporte”, diz a professora de educação infantil Juliana Gndt. Outro dia, depois de empurrar um amiguinho, Adriano se mostrou

realmente arrependido: “Senti muita raiva, mas quis pedir desculpas”, contou o menino, que estendeu a mão para ajudar o colega caído.

Para aproximar os responsáveis pelos meninos e pelas meninas do Crescer – um universo quase paralelo, considerando a realidade de Lagoa dos Patos –, pais, mães, avós e outros familiares são convidados a participar de reuniões. Conversam com a equipe sobre drogas, cidadania e sexualidade, assuntos que, ao mesmo tempo, fortalecem as relações familiares e promovem discussões na comunidade.

Muitos pais se preocupam com gravidez precoce, violência e drogas. “Criamos um espaço para que sejam ouvidos, acompanhados e orientados, em grupo e individualmente”, explica a psicóloga e coordenadora pedagógica Andrea Santos da Luz, que destaca a importância da participação da família nas atividades escolares. “Fizemos um levantamento e vimos que a escola não era percebida pelos pais como algo importante. Por isso, desde 2007, procuramos fazer com que valorizem o desempenho escolar dos filhos”.



“Quando eu tinha 13 anos, nossa família começou a construir uma casa para finalmente escapar do aluguel. Um dia, cheguei e vi minha mãe chorando no meio da obra, que ainda não tinha teto nem porta. Ela estava ali porque soube que a Prefeitura iria derrubar as casas construídas em terreno ilegal e decidiu proteger a dela com o próprio corpo.

Fomos todos morar na obra: meu irmão, minha mãe, meu padrasto e eu.

Meu pai e minha mãe se separaram quando eu era pequeno. Ele era gari, e lembro até hoje que sempre chegava com brinquedinhos quebrados que encontrava no lixo. Sempre gostei de brincar e de inventar coisas.





Anos depois, minha mãe casou de novo. Meu padrasto trabalhava como guarda municipal, minha mãe sempre foi doméstica, e meu irmão mais velho, Oséias, vendia picolé na praia. Eu me dividia entre o Projeto Crescer e a escola.

No Crescer, adorava as oficinas de música e de teatro. Eu e meu amigo, Islan, ganhamos o festival de artes de 2010, com uma música de nossa autoria, em estilo soul, com voz e violão. Depois, um professor gravou no estúdio, e todos podiam ouvir a nossa música no CD. Realizei meu primeiro sonho de menino.

Nas oficinas de teatro, eu ia perdendo a timidez. Fizemos várias apresentações no Cine Teatro Lauro de Freitas, com um espetáculo em que fazíamos uma crítica à falta de qualidade do ensino público. Fomos assistidos por mais de 3 mil pessoas.

As coisas ficaram difíceis quando a mãe do meu padrasto morreu – ele se desestruturou e passou a usar crack. Minha mãe estava grávida, e meu padrasto cada vez mais agressivo: sumia com as coisas de casa e acabou perdendo o emprego. Dia sim, dia não, batia alguém lá na porta de casa cobrando uma dívida dele. Vendemos a casa, aquela mesma que lutamos tanto para proteger, para quitar a dívida. Minha mãe se separou quando meu irmão mais novo, que nasceu com uma leve deficiência motora, ainda era bem pequeno.

O Crescer me deu muito apoio, muito abraço. Eu precisava começar a trabalhar para ajudar minha mãe. Uma professora me inscreveu num curso de manutenção de microcomputadores e me preparou para a entrevista de emprego. Quando fiz 16 anos, consegui meu primeiro trabalho e uma bolsa de estudos.

Hoje, trabalho no Crescer. Sou meio ‘Severino Quebra-Galho’, faço de tudo um pouco: atendo ligações, envio e-mails, apresento o Projeto, divulgo ações na comunidade.

Falo com muito orgulho para as crianças do Crescer que estudei aqui e conto que meus amigos que desistiram do projeto acabaram



se envolvendo com drogas. Alguns morreram: Gabriel, Roberto, Vailson...

Estou construindo uma casa com a ajuda de um tio, que é pedreiro. Minha família vai, finalmente, ter um teto e um pouco de sossego. Minha mãe e eu fazemos pesquisa no computador, procurando piso e tintas. Aprendemos que podemos sonhar a partir do que conquistamos com o nosso trabalho.

Há dois anos, faço parte do Polo de Atores de Dramaturgia da Bahia. Pretendo comprovar minha experiência na área, tirar o registro profissional e tentar entrar em um projeto de remontagens de Shakespeare.

Penso que, como ator, vou ter ainda mais condições de divulgar o Crescer, um projeto que abre portas, aponta caminhos e muda a vida das crianças daqui”.



“Penso que, como ator, vou ter ainda mais condições de divulgar o Crescer, um projeto que abre portas, aponta caminhos e muda a vida das crianças daqui”.

Iuri Rodrigues



Instituição: Associação Projeto Crescer
Local: Lagoa dos Patos e adjacências,
Lauro de Freitas (BA)
Ano de criação: 2000
Atendimentos: 200 crianças de 3 a 16 anos
Projeto apoiado: Transformar para Crescer



Objetivo: contribuir para a inclusão social de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, por meio de ações socioeducativas.

Lauro de Freitas (BA)



AFMA –
AÇÃO SOCIAL
COMUNITÁRIA
TRAJANÓPOLIS - GO

KARLOS
EDUARDO
TAVARES





PORTAS ABERTAS

O CENÁRIO É O CERRADO, E O MÊS É JUNHO. A ESTAÇÃO MAIS SECA DO PLANALTO CENTRAL MAL COMEÇOU, E A VEGETAÇÃO DA ESTRADA QUE VAI DE BRASÍLIA A TRAJANÓPOLIS, NO MUNICÍPIO DE PADRE BERNARDO, EM GOIÁS, JÁ COMEÇA A FICAR MARROM. A TERRA ESTÁ SECA. A 116 QUILOMETROS DE BRASÍLIA, NO DISTRITO DE APROXIMADAMENTE 4 MIL HABITANTES, A MAIORIA DAS FAMÍLIAS TRABALHA EM FAZENDAS DE MILHO, SOJA E GADO. NESTE MOMENTO, AS MULHERES DA COMUNIDADE ESTÃO COLETANDO PENDÕES DE MILHO – AS FLORES QUE PRECISAM SER RETIRADAS MANUALMENTE, UMA A UMA, DE CADA UM DOS PÉS ANTES DA COLHEITA.

Enquanto passam o dia cruzando as plantações de milho em tratores, os filhos de muitas dessas trabalhadoras têm aulas de artesanato, culinária, jogam futebol, tocam na orquestra, fazem aulas de dança ou atividades na piscina. No cardápio, há quatro refeições por dia, atendimento médico e odontológico, e um *kit* de higiene pessoal em que não falta sequer condicionador de cabelo para as meninas.

Há 30 anos, a comunidade de Trajanópolis se uniu em torno de um projeto bastante ambicioso: oferecer às crianças e adolescentes uma educação capaz de quebrar o ciclo de exclusão das famílias. “Oferecemos oportunidades”, resume Rodrigo dos Santos Simões, presidente da Ação Social Comunitária (AFMA), que atende, nesta unidade, crianças a partir dos 2 anos de idade. O sonho de desafiar a realidade se faz presente desde a porta de entrada da instituição: todo o terreno é verde, em contraste com a paisagem ao redor. O conjunto de casas, onde funciona a creche e as outras atividades, é circundado por flores. E o mais evidente: é um projeto levado adiante por muitas mãos, muitas delas calejadas pela lida no campo.

“Cheguei aqui há 30 anos, com o meu marido, para trabalhar como caseira, mas resolvi caminhar junto com a AFMA. Estudei pedagogia na Universidade Estadual de Goiás (UEG), fiz pós-graduação em educação infantil e em psicopedagogia. Criei aqui meus três filhos, que hoje estão na universidade”, diz Marta Alves Cassiano, a coordenadora pedagógica do Projeto. O marido, Ademar Martins, é responsável pela parte administrativa – ele cuida das plantações, do curral, ajuda os idosos da comunidade a obter a aposentadoria. Resolve o que aparecer, enfim. A AFMA nasceu da iniciativa da irmã Maria de Lima da Silva, que tinha forte relação com a comunidade, e foi abraçada pelas famílias. Maria de Lima dedicou sua vida à Igreja evangélica e também às obras sociais que cuidava com grande dedicação. O tio de Ademar, por exemplo, doou o terreno inicial.

Essa corrente de adesões foi se fortalecendo com o tempo. Desse círculo virtuoso, emergiram histórias como as de Maria Lúcia de Oliveira, que entrou na AFMA para cuidar da limpeza. Motivada, foi estudar pedagogia. Como ela, há outras. Não por acaso, a palavra *afma*, em árabe libanês, significa “lugar de portas abertas”.





“A comunidade entendeu o valor da educação e acompanha de perto a vida escolar dos filhos”, diz Rodrigo, o presidente, que, como não pode atender todas as crianças, dá prioridade aos filhos das famílias mais pobres. O índice de repetência e de evasão escolar dos alunos matriculados na escola municipal que são acompanhados pela AFMA é próximo a zero. A instituição oferece creche e recebe crianças matriculadas na rede municipal no horário em que não estão na escola. Além disso, há oficinas para adolescentes da comunidade, realizadas com o apoio do Criança Esperança.

Muitas das jovens que chegaram à AFMA na adolescência, hoje, são mães de alunos da Instituição e têm uma estreita relação com o lugar. Percebendo nessa proximidade mais um potencial, a responsável pela cozinha, Aldelice Carlos, a “dona Delícia”, começou a ensiná-las a fazer bolos e biscoitos: “Elas vendem, fazem um dinheirinho e devolvem parte da renda para comprar mais material e cozinhar mais”, explica.

“Troquei muitas alfaces, cenouras, batatas, beterrabas e tudo mais que dá para plantar por material de limpeza aqui pra creche”, lembra dona Manuelita Gomes Barbosa, de 76 anos. “O pessoal não tinha dinheiro pra me pagar; então, eu dizia: ‘pode me dar em desinfetante’. Isso aqui era tudo seco. Hoje, está uma beleza”, diz, olhando com orgulho para as crianças pequenas que brincam na piscina no meio da tarde. A horta da AFMA, conduzida pela geração de moradores de dona Manuelita, recebeu um prêmio da Federação das Indústrias de Goiás (Fieg).

Há um mês, uma das netas de Manuelita, Lorryne Alves, de 14 anos, foi assassinada a facadas. Seu corpo foi encontrado com sinais de violência sexual perto da casa da família. A senhora idosa, que cultiva longos cabelos brancos, tenta, sem sucesso, não falar do assunto. “Esta semana saí um pouco de casa e vim logo mexer na horta”, diz, com os olhos marejados.

As mudanças que vêm acontecendo na comunidade de Trajanópolis são contadas pelo jovem Karlos Eduardo Tavares, 18 anos, representante legítimo da nova geração da AFMA.

“Minha mãe engravidou quando tinha 16 anos. Como ela não tinha como cuidar de mim, me entregou para os meus bisavós, que tinham mais condições. Fui morar com eles na fazenda, ainda bebê, aos 6 meses. Nessa época, todos eles eram jovens – minha avó, Vera Lúcia, que começou a horta aqui da creche, teve a minha mãe, Ana Paula, aos 15 anos.

Quando eu tinha 3, 4 anos, meu avô, que trabalhava na roça, foi envenenado por pesticidas, e viemos todos para Trajanópolis para ele se tratar. Comecei a vir para a creche com essa idade. Minha mãe estava casada de novo e grávida do meu irmão, Pedro Henrique, que hoje tem 15 anos. Eu continuei morando com meus bisavós.

Nossa família sempre foi muito unida. O primeiro alicerce se abalou quando a minha tia, Cirlene, irmã da minha mãe, foi assassinada pelo companheiro dela quando estava grávida, de oito meses, de uma menina. Ele disse que a arma disparou sem querer – ela foi atingida pelas costas, e a bala se alojou na cabeça do bebê. Quando eu tiver uma filha, vou dar a ela o nome de Lúvia, que seria o nome da criança que minha tia estava esperando.

Minha avó, Vera Lúcia, entrou em depressão. Acho que não queria mais viver. Uns cinco meses depois, ela melhorou e começou a fazer uma horta aqui para a creche. O que deu forças para a minha avó foi entender que ela poderia ajudar as crianças a se alimentar melhor. Plantar para a creche virou a vida dela. Sobrava tanta coisa que as mulheres faziam uma feira no fim de semana e ainda levavam um dinheiro pra casa.

Quando eu fiz 10 anos, precisei sair da AFMA para ajudar em casa. Estudava de manhã e trabalhava à tarde. Fui servente de pedreiro e ajudei numa granja. Foi assim até eu fazer 13 anos. Durante esse período, sempre me lembrava dos professores lá da AFMA, que sempre me incentivaram a estudar e me mostraram a importância do conhecimento.

Mais ou menos nessa época, minha mãe foi aprovada num concurso para auxiliar de serviços gerais da Prefeitura Municipal de Paulo Bernardo e



“A única coisa que ninguém toma de você é o ensino”.

Karlos Eduardo Tavares



foi enviada para trabalhar aqui na creche da AFMA. Ela recebeu muito incentivo, acabou fazendo faculdade de pedagogia e hoje é professora. Com esse dinheiro extra, ela e o meu padrasto construíram uma casa, o que seria muito difícil só com a renda dele como pedreiro.

Eu cresci apaixonado por futebol. Na AFMA, não perdia nenhuma oportunidade de jogar bola. Quando minha mãe passou a trabalhar, pude ir para a escola do Grêmio, que tem uma sede em Padre Bernardo. Aos 13 anos, cheguei a ser selecionado para jogar em Porto Alegre, mas fiquei só uma semana, porque tive muita saudade da família e também estava com pouco dinheiro.

Logo depois que voltei do Sul, o pessoal da AFMA me chamou para dar aulas de futebol. Como não tinham como me contratar, fui voluntário. Aqui, parece que somos todos irmãos. Naquela época, ninguém tinha uniforme e só trabalhávamos com duas bolas. Nesses cinco anos, as coisas melhoraram muito – temos uniformes, bolas, apito. Com o dinheiro que ganho aqui, pago a faculdade de radiologia. Nos fins de semana, faço curso de tomografia e um estágio em um hospital de Brasília.

Minha avó, Vera Lúcia, morreu aos 40 anos de câncer no colo do útero, uma doença que pode ser evitada. Mas ela era daquelas mulheres duras da fazenda que só vão ao hospital quando estão nas últimas – e foi isso que aconteceu. Estudo radiologia para poder ajudar mulheres na condição dela.

Ainda vou estudar medicina ou educação física. A única coisa que ninguém toma de você é o ensino”.

Instituição: AFMA – Ação Social Comunitária
Local: Distrito de Trajanópolis, Padre Bernardo (GO)
Ano de criação: 1985
Atendimentos: 440 crianças e jovens por ano

Projetos apoiados: Novas Ideias para Novas Conquistas (apoio à educação infantil, às atividades complementares e às oficinas de música, culinária e artesanato)

Objetivo: mobilizar pessoas e reunir recursos capazes de promover a inclusão social e a garantia de direitos de crianças e adolescentes.

Padre Bernardo (GO)



ASSOCIAÇÃO
DE APOIO
À CRIANÇA
COM HIV –

CASA VHIDA

MANAUS - AM

CLEOMAR
DA SILVA
CARVALHO





CELEBRAÇÃO DA VIDA

APÓS O NASCIMENTO DO SEU ÚNICO FILHO, CLEOMAR DA SILVA CARVALHO DESCOBRIU QUE ELA E O BEBÊ ERAM PORTADORES DO VÍRUS CAUSADOR DA AIDS. AINDA ASSUSTADA, BATEU À PORTA DA CASA VIDA, UM PROJETO CRIADO EM 1999 POR PROFISSIONAIS DE SAÚDE PARA DAR APOIO A CRIANÇAS PORTADORAS DO HIV, NA FUNDAÇÃO DE MEDICINA TROPICAL DO AMAZONAS.

“MEDICAMENTOS E LEITE NÃO SÃO SUFICIENTES PARA ATENDER ÀS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS E DE SUAS FAMÍLIAS”, AFIRMA SOLANGE DOURADO, DIRETORA-PRESIDENTE DA CASA. DESDE 2004, A CASA FUNCIONA COMO CRECHE E TEM VÁRIOS ESPAÇOS PARA ATENDIMENTO: HÁ SALAS DE AULA, QUADRA DE ESPORTES, ÁREA DE ATENDIMENTO MÉDICO, CONSULTÓRIOS ODONTOLÓGICO E PSICOLÓGICO E REFETÓRIO. AS CRIANÇAS ATENDIDAS CONTAM COM APOIO PSICOLÓGICO E PEDIÁTRICO. A POPULAÇÃO DE MANAUS, CAPITAL DO AMAZONAS, PARTICIPA, DOANDO ROUPAS, CALÇADOS E ALIMENTOS. A CASA IRRADIA VIDA.



Solange explica que mais de 90% das crianças são infectadas pelas mães. No início da epidemia, os homens eram o foco da doença. No entanto, “hoje em dia, a infecção ocorre com mais frequência em relações heterossexuais. Nesse contexto, muitas mulheres se infectaram e, conseqüentemente, mais crianças”, diz Solange.





“Descobri que tinha HIV quando o meu filho nasceu, em 2007. É muito provável que eu tenha sido infectada há uns 15 anos, pelo meu ex-marido, que não é o pai do meu filho. Aos 4 meses, o bebê começou a ter uma pneumonia atrás da outra. Foram dez internações. Um dia, a médica me perguntou se eu tinha feito o pré-natal. Respondi que sim, mas que o exame feito no posto de saúde deu negativo para HIV. Fizeram o teste no meu filho, a médica disse que ele era portador do vírus e me encaminhou para repetir o exame em um hospital de referência. Com o estresse das internações do bebê, a doença havia começado a se manifestar em mim. Eu levei um susto muito grande. Fiquei desesperada!

Quando fomos encaminhados pelo hospital à Casa Vhida, vi aquele monte de crianças brincando. A instituição parecia mesmo uma casa. Pensei: ‘Será que meu filho vai ter que morar aqui? Meu desconhecimento era total. Conversei com a psicóloga, me explicaram mais sobre o vírus e sobre o tratamento; perguntaram sobre o meu marido. Cheguei em casa, olhei para ele e não conseguia contar. Os quatro filhos dele já estavam sabendo. No dia seguinte, nos reunimos e fomos todos juntos para a Casa Vhida. Quando ele soube, desabou. Eu me segurei para parecer forte, mas chorava por dentro.

Eu me sentia culpada. Dizia que, se ele quisesse se separar de mim, eu seguraria tudo sozinha. Mas ele disse que nunca abandonaria a gente. Quando fez o exame, deu negativo. Ele só conseguia falar que preferia que o nosso vírus ficasse nele e livrasse a gente. Muito doloroso.

A batalha teve início com uma bateria de consultas, com a orientação da equipe da Casa Vhida: cardiologista, pneumologista, oftalmologista... A cada três meses, repetíamos os exames. A fase mais difícil foi quando meu filho começou a tomar as medicações e teve que ir aumentando a dose, para que a carga viral baixasse. Naquela época, também passei a tomar um coquetel mais forte.

Desde 2013, a carga viral do meu filho zerou. Ele está completamente saudável. É uma alegria! A médica que nos acompanha na Casa deu essa notícia maravilhosa. Se não fossem eles [da Casa Vhida], provavelmente não estaríamos aqui contando essa história.

Sou dona de casa, e meu marido é pedreiro. Tomamos muito cuidado, usamos preservativo. Mas este ano, pela primeira vez, o exame dele deu positivo para



o vírus. Quando descobri a doença, eu pensava: me leve logo, não quero dar trabalho pra ninguém. Hoje, tudo o que desejamos é estar vivos para criar o nosso filho, que tem 7 anos e não sabe da doença.

Ele reclama para tomar o remédio, mas eu digo que tem um bichinho no corpo dele e que a medicação é como um soldadinho de combate. Ele pergunta o nome do bichinho, e eu digo que os cientistas ainda não descobriram. As crianças atendidas pela Casa só são informadas sobre a doença na adolescência, quando começam a fazer uma chuva de perguntas. Este é o momento em que os pais, com a ajuda da psicóloga, dão a notícia aos filhos.

Vai dar tudo certo. Meu filho ama a Casa Vhida. Chega cedo para o café da manhã, participa das atividades de apoio escolar, brinca muito, almoça... Aos finais de semana, fazemos passeios com outras famílias e participamos de eventos. Já fiz oficina de salgados, pintura, artesanato e informática. Agora, começaremos na de ginástica





“Hoje, valorizo mais as coisas. Tenho vontade de trabalhar, fazer faculdade de jornalismo, que era o sonho do meu pai”.
Cleomar da Silva Carvalho



localizada. Recebo muito suporte emocional, porque é uma barra bem pesada e ter ajuda faz toda a diferença. A Casa ainda reforça a alimentação das crianças, fornecendo leite, cestas básicas e remédios.

Muitas mães chegam aqui completamente sozinhas; a família as abandona. Hoje, valorizo mais as coisas. Tenho vontade de trabalhar, fazer faculdade de jornalismo, que era o sonho do meu pai. No hospital, entrei para o grupo das Positivas, participo de reuniões e palestras de conscientização sobre o HIV. Este ano, perdi minha sogra. Morreu segurando a minha mão. Ela me dizia: ‘Não desista da vida’.



Instituição: Associação de Apoio à Criança com HIV – Casa Vhida
Local: Dom Pedro I, Manaus (AM)
Ano de criação: 1999
Atendimentos: 1.130 crianças e jovens por ano
Projeto apoiado: Fazendo da Vhida uma Alegria



Objetivo: proporcionar acesso social, suporte em educação e saúde, bem como a convivência em um ambiente adequado às crianças que vivem com HIV/Aids.



INSTITUTO
CENTRAL DE
CIDADANIA
DUQUE DE CAXIAS - RJ



DAVI CAMPELO
DA SILVA



MENINO MESTRE

FILHO DE CATADORES, O MENINO DAVI CAMPELO DA SILVA PASSOU A METADE DA INFÂNCIA NO ENTORNO DO LIXÃO DE GRAMACHO, EM DUQUE DE CAXIAS (BAIXADA FLUMINENSE). SUA REALIDADE: RESTOS E FALTA DE PERSPECTIVAS. AOS 4 ANOS, VOLTANDO DA ESCOLA, ELE VIU UMA FILA E, MESMO SEM SABER PARA O QUE ERA, PEDIU À MÃE QUE O INSCREVESSE. ERAM VAGAS PARA O INSTITUTO CENTRAL DE CIDADANIA (ICEC), QUE ESTAVA SE INSTALANDO NO LOCAL. UM ANO DEPOIS, NO NATAL DE 2005, ENTÃO COM 5 ANOS, O MENINO, QUE FAZIA AS LIÇÕES DE CASA SENTADO NO CHÃO, DISSE QUE GOSTARIA DE GANHAR UMA MESA E UMA CADEIRA PARA ESTUDAR.

Surpreendida, a equipe do ICEC realizou o desejo de Davi, que chegou ao Instituto tão desnutrido que mal tinha forças para se alimentar.

Ao longo de 12 anos de existência, o Instituto ajudou a transformar a vida de Davi, de sua família e de outros milhares de “Davis”, com ações em quatro cidades da Bahia e na baixada fluminense, no Estado do Rio de Janeiro.

Apoiar iniciativas que melhorem a qualidade de vida de populações pobres é a filosofia do ICEC. Davi era apenas mais um menino do Lixão de Gramacho – até 2012, o maior da América Latina, agora desativado. Contudo, além de receber alimentação e roupas, ele aprendeu com a equipe da ONG o que julga ser seu bem maior: o gosto pelo estudo e pela leitura. Mudou de perspectiva. Hoje, ele sonha: quer ser ator ou juiz.

“Paramos de comer restos do Lixão, quando minha mãe conseguiu receber uma cesta básica com a ajuda do Instituto”, lembra Davi. No levantamento de perfil socioeconômico realizado pelo ICEC, em 2013, foi constatado que mais de 60% das famílias consumiam restos de alimentos recolhidos no local.

Gerações cresceram – e muitos talentos se perderam – na imensidão insalubre de Gramacho. Davi, no entanto, não se limitou a sobreviver. Com a ajuda do Projeto, tem conseguido quebrar o ciclo de miséria da própria família. “Minha maior alegria foi quando ensinei minha mãe e meu pai a assinar o nome”, conta, com orgulho.

No Projeto Pé na Escola, apoiado pelo Criança Esperança, Davi aprendeu o sentido da palavra *oportunidade*. Recebeu aulas de apoio escolar, leitura, informática, capoeira e futebol. Graças a todo esse incentivo, conseguiu se manter na escola. Em 2015, foi convidado para realizar um intensivo de capacitação no ICEC e ocupar a função de monitor da oficina de informática.

Davi deseja seguir estudando e realizar um novo sonho: deixar a comunidade de Maruim, onde até hoje não há saneamento básico para os cerca de 4 mil moradores, e a água é transportada em carrinhos de mão. “Ainda sentimos cheiro de lixo hospitalar. Dá tontura, dor de cabeça”, afirma Davi.



“Aprendi que é possível ter uma vida que não seja usar drogas, ir preso, morrer e deixar a mãe chorando”.

Davi Campelo da Silva

“Meus pais nunca me deixaram faltar às aulas. Eu tinha 4 anos, mas não entendia quase nada do que as professoras diziam. Vinha pro ICEC e, novidade, entendia tudo. As pessoas me explicavam direitinho, com calma, e nunca gritavam. Além disso, me ajudavam com o dever de casa.

Numa das primeiras festas de final de ano, pediram para eu fazer uma cartinha pro Papai Noel. Pedi mesa e cadeira, já que estudar no chão de casa não dava muito certo, não. Minhas três irmãs, que são mais novas, também gostaram muito do presente, mas o pessoal do ICEC achou diferente eu não ter pedido um brinquedo.

No ICEC tinha comida – café da manhã e lanche. Isso pode parecer simples, mas na minha casa nunca tinha bastante comida, e o que tinha não era tão bom. Quando a minha mãe começou a receber cesta básica, parou de catar comida do Lixão. Fiz amigos, e minha mãe ia a palestras e também ganhava roupas, sapatos e remédios.

Quando eu tinha 6 anos, pedi para beber água durante a aula de informática e vi várias mães assinando um papel para pegar a cesta básica. Vi minha mãe naquele meio, mas ela parecia nervosa, agitada; olhava para os lados. Em vez de assinar o nome, ela colocou o dedo numa tinta e carimbou o papel. ‘Não sei escrever, meu filho’, explicou.



Naquele momento, decidi que, quando eu fosse grande e pudesse ensinar, ela não passaria mais essa vergonha. E assim aconteceu. Com 8 anos, ensinei minha mãe e meu pai a assinar o nome: 'Sa-le-te Campelo' e 'Mar-cos José da Silva'. Foi a minha maior alegria!

Agora, minha mãe tem carteira de identidade com assinatura. Ela trabalha como faxineira na escola onde eu estudo. Diz que tem orgulho de mim e que vai voltar a estudar de noite. Vou levá-la, assim como ela fazia comigo quando eu era pequeno. Do mesmo modo que a equipe do ICEC me ajudou com os deveres, vou ajudar minha mãe.

Outro dia, ela fez uma faxina e, em vez de receber os R\$ 100,00 combinados, chegou em casa com sete notas de R\$ 10,00. Ela tinha que pagar a conta de luz, e estava faltando dinheiro. Mostrei para ela que, quem não sabe contar, pode ser enganado.

Eu, que me enrolava em matemática, agora ensino meus pais a contar o dinheiro e a usar a caixa eletrônico. É muito difícil viver sem essas coisas que todo mundo usa, como banco, cartão de débito, compras no supermercado... É como se a gente não fizesse parte da vida da cidade.

Quero muito melhorar de vida, para tirar a minha família daqui. Tem muito tiroteio, e morre gente na rua. Já perdi um amigo, porque o irmão dele roubou e fugiu. Como vingança, ele foi assassinado num mato aqui perto.

Atualmente, vou ao ICEC só para fazer aula de informática, que é bom para a gente se conectar e aprender a digitar. Penso em ser juiz ou ator.

Este ano, uma colega e ex-aluna daqui do ICEC, a Ingrid, passou para uma escola de formação de professores, em Caxias. Eu também posso chegar lá!

Aprendi que é possível ter uma vida que não seja usar drogas, ir preso, morrer e deixar a mãe chorando. Vejo crianças pequenas que não aguentam nem carregar a arma direito. Penso muito na minha sorte de, ainda pequeno, ter pedido para entrar naquela fila que nem sabia direito para o que era”.





Instituição: Instituto Central de Cidadania (ICEC)
 Local: Jardim Gramacho, Duque de Caxias (RJ)
 Ano de criação: 2003
 Atendimentos: em média 100 crianças por ano
 Projeto apoiado: Pé na Escola

Objetivo: incentivar a educação em tempo integral, combater a evasão escolar e o trabalho infantil.

Duque de Caxias (RJ)





NOSSO RECONHECIMENTO

VERA
CORDEIRO
ASSOCIAÇÃO
SAÚDE CRIANÇA

RIO DE JANEIRO - RJ



REGIÃO SUDESTE





REESCREVENDO VIDAS

A ASSOCIAÇÃO SAÚDE CRIANÇA, COM SEDE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, PODE SER APRESENTADA POR SEUS 50 TÍTULOS E PRÊMIOS CONQUISTADOS AO LONGO DE 23 ANOS E DE MAIS 50 MIL ATENDIMENTOS. HÁ 12 ANOS, VENCEU O PRÊMIO DE PROJETO SOCIAL MAIS INOVADOR DO MUNDO (*GLOBAL DEVELOPMENT AWARD*). ALÉM DISSO, OS RESULTADOS DO TRABALHO DO SAÚDE CRIANÇA FORAM CHANCELADOS PELO DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE DE GEORGETOWN, EM WASHINGTON, NOS ESTADOS UNIDOS, E SUA METODOLOGIA HOJE É REPLICADA POR 23 INSTITUIÇÕES SOCIAIS EM TODO O BRASIL.

No entanto, essa não seria a forma plena de se apresentar o trabalho da equipe da médica Vera Cordeiro, fundadora da Associação. Ela conduz uma instituição capaz de reescrever a história de vida de milhares de crianças que batem à porta do Hospital da Lagoa com pneumonia, anemia, doenças de pele e um sem fim de males crônicos. São meninos e meninas bem pequenos, a maioria criada apenas pelas mães. Mulheres quase todas negras, sempre muito pobres, sem dinheiro para remédios, alimentação ou transporte público. Em geral, moram em casas extremamente precárias. Ainda assim, são mulheres que raramente perdem a fé. “Elas têm um brilho no olhar e uma dignidade impressionantes”, afirma Vera, ao falar de pessoas que reescrevem a própria história em condições adversas. “A maternidade é a maior força que existe no universo”, comenta Vera.

A Associação Saúde Criança atende toda a família das crianças encaminhadas pelo Hospital da Lagoa, utilizando uma ferramenta chamada *Plano de Ação Familiar*, composta por cinco áreas de atendimento: saúde, educação, geração de renda, habitação e moradia.

“Nunca esperei receber tanto carinho em um atendimento. Hoje, a Tiffany consegue sentar, descer do sofá e se alimenta normalmente. O que pode parecer pouco para alguns, para a nossa família é uma grande conquista”, diz Stefany Constantino, de 28 anos, que passou por uma verdadeira saga desde o nascimento da filha.

Tiffany, hoje com 11 anos, chegou ao Saúde Criança em 2011, com diagnóstico de paralisia cerebral e citomegalovirose congênita (CMV), um vírus cuja incidência está associada às condições socioeconômicas da população. Aos 7 anos, a menina pesava 17 quilos, quando o peso indicado para essa idade é, em média, 23 quilos.

No Saúde Criança, a família recebeu leite, remédios, cestas básicas e uma cadeira de rodas. A casa onde vivem foi reformada. Além disso, Stefany e o marido realizaram a oficina de culinária oferecida pela Associação e, anos depois, conseguiram comprar o maquinário da padaria que mantêm em casa e que garante o sustento da família.



“Entendi que precisávamos fundar uma instituição que desse conta dos aspectos psicossociais da doença. Se a miséria não é a causa real da doença, ela a agrava muito. Muitas crianças têm tuberculose porque não comem”, explica Vera, e diz ainda: “A miséria é multidimensional”. Existem a dimensão da falta de moradia, a dimensão psicológica e a falta de conhecimento. “Nós vamos no cerne da inclusão social”, completa.



“Sempre me interessei pelas pessoas por trás da doença. Trabalhei 20 anos no Hospital da Lagoa – metade deles atendendo crianças. O hospital é público, com uma equipe médica excelente. Mesmo assim, muitas crianças com doenças infecciosas – como pneumonia – ou anemia falciforme (genética e hereditária) ficavam internadas por uma semana, tinham alta e voltavam um mês depois.

Lembro de uma garotinha chamada Priscila, que sofria de pneumonia de repetição. Ela recebia alta e, menos de um mês depois, estava de volta pelo mesmo motivo



ou com diarreia e desnutrição. A pneumonia era apenas uma desculpa para a miséria aparecer. E não adianta 'medicalizar' a miséria. Percebi que havia um círculo vicioso: miséria, internação e morte. Muitas vezes, o real motivo da doença não estava no hospital.

Alguns casos foram fundamentais para o desenho da metodologia da Associação. Um deles é o do filho de uma mulher chamada Pedrina. O menino tinha ido para uma clínica de subúrbio sem nenhuma estrutura. Recebeu soro de forma errada, e sua mão necrosou. Ele era praticamente um bebê, tinha menos de 2 anos.

Depois que todas as equipes médicas avaliaram o menino, só havia uma conclusão: seria preciso amputar a mão. Quando fui falar para Pedrina que ela precisaria prepará-lo para a cirurgia em uma semana, ela me disse: 'E a senhora tem um emprego para me arrumar? Minha patroa me mandou embora, e a minha única alternativa é ir para a rua pedir esmola pro meu filho sem mão'. Tive a certeza de que teríamos que fundar algo que fosse além das paredes do hospital.

Não adianta tratar da infecção respiratória e a criança dormir num quarto sem ventilação. Aqui, tivemos crianças fazendo quimioterapia que dormiam em quartos onde passavam ratos.

E a metodologia realmente funciona. Nossa estatística mostra que as crianças atendidas pela Associação têm uma queda de 60% nos dias de reinternações; já as famílias têm um aumento de renda de 38%.

Um dia, bateram aqui a Cristiana e seus dois filhos, Ricardo, hoje com 10 anos – era ainda um bebê –, com anemia falciforme, e Thiago, hoje com 18 anos.

A casa dessa família, em um subúrbio de Duque de Caxias, era inadequada para uma criança doente. O marido tinha ido embora, e Ricardo era internado no CTI [centro de terapia intensiva] com muita frequência. Chegou a ter um AVC [acidente vascular cerebral]. Já o irmão, Thiago, sofria bullying na escola porque gostava de música clássica e era discriminado pelos colegas.



“A miséria é multidimensional. Tem a dimensão da falta de moradia, a dimensão psicológica e a falta de conhecimento. Nós vamos no cerne da inclusão social”.

Vera Cordeiro



Um parceiro da Associação deu uma bolsa numa escola privada para o Thiago. Esse menino deslanchou. A mãe aprendeu a fazer artesanatos incríveis e começou a gerar renda para a família. A casa foi reformada, e o marido voltou. Os vizinhos passaram a querer uma casa igual à deles. Cristiana coordenou uma mobilização para legalizar o loteamento. Conseguiram água, eletricidade e coleta de lixo. Essa mulher transformou a vida dela e a dos vizinhos.

Quando ela vem aqui, sempre me impressiono com a dignidade dela. Um dia, ela me olhou e disse: ‘Na formatura do ensino médio do meu filho, Thiago usou uma frase do Isaac Newton – sim! ela repetiu a citação de Newton – para explicar a transformação pela qual passou nossa família: Mãe, chegamos até onde chegamos porque viemos carregados nos braços de um gigante. E esse gigante é o Saúde Criança’.

Choro até hoje”.

Instituição: Associação Saúde Criança
Local: Jardim Botânico, Rio de Janeiro (RJ)
Ano de criação: 1991
Atendimentos: 590 crianças e jovens e 443 adultos por ano
Projeto apoiado: Profissão Beleza

Objetivo: a Instituição promove o bem-estar biopsicossocial de crianças e famílias que vivem abaixo da linha da pobreza, ao compreender a saúde de forma integrada e como instrumento de inclusão social. O Projeto oferece cursos profissionalizantes, instrumentos de trabalho (kits profissionalizantes) e doações, além de capacitar familiares para a geração de renda.

Rio de Janeiro (RJ)

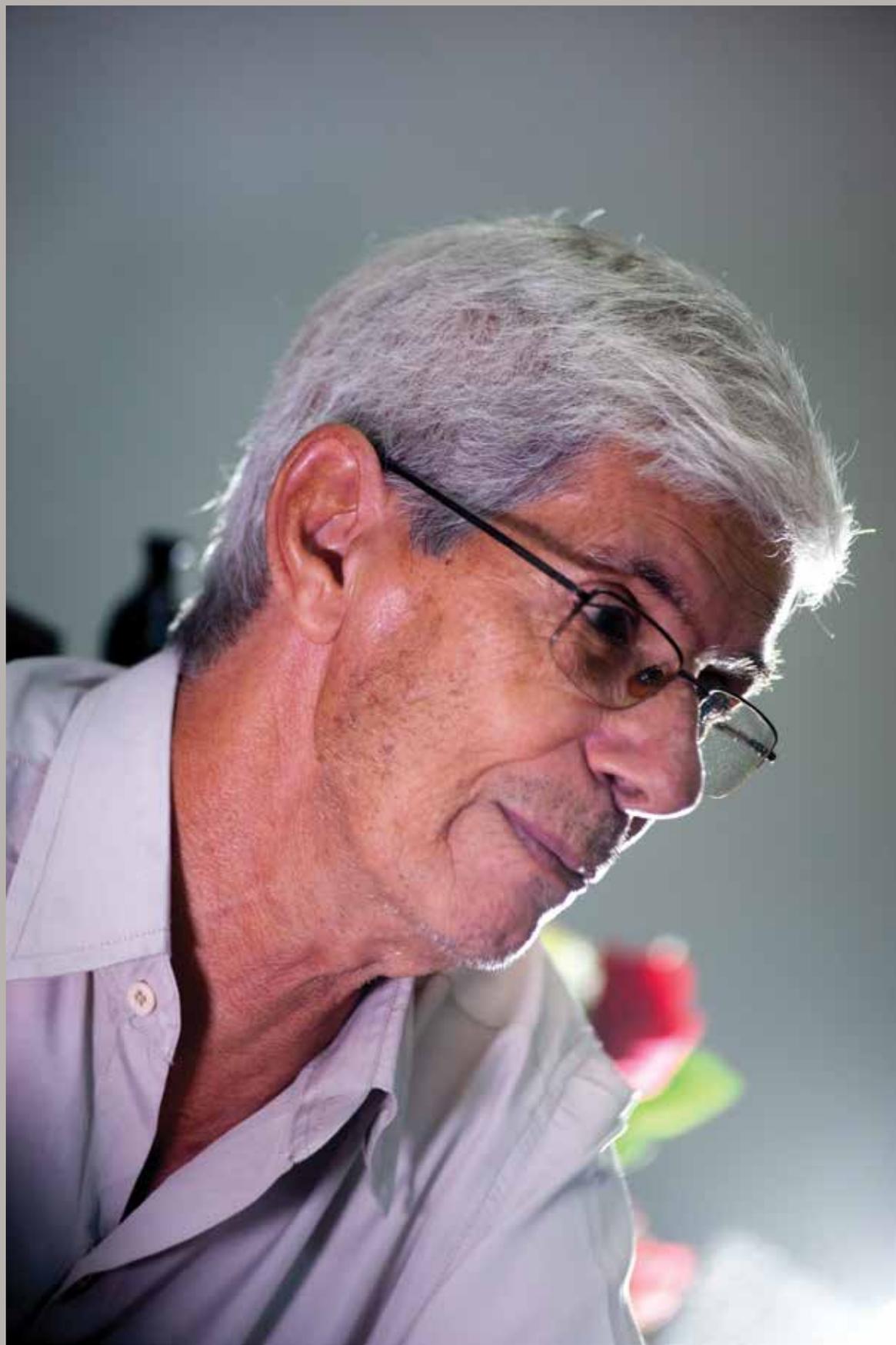
PADRE
BRUNO SECCHI

MOVIMENTO
REPÚBLICA DE EMAÚS

BELÉM - PA



REGIÃO NORTE





PARTILHANDO SONHOS, GARANTINDO DIREITOS

O PARÁ É UM DOS ESTADOS BRASILEIROS COM O MAIOR NÚMERO PROPORCIONAL DE CASOS DE VIOLAÇÕES AOS DIREITOS DA INFÂNCIA. NO TOPO DO PROBLEMA ESTÁ A EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL. A ÚLTIMA PESQUISA REALIZADA PELO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL (DPRF), EM 2013, REVELA QUE O PARÁ OCUPA O SEGUNDO LUGAR NO RANKING NACIONAL DO COMÉRCIO DE SEXO INFANTIL NAS ESTRADAS, ATRÁS APENAS DO MATO GROSSO. POBREZA EXTREMA, EDUCAÇÃO PÚBLICA PRECÁRIA, FALTA DE PERSPECTIVAS E INSTITUIÇÕES FORTALECIDAS PELO CORPORATIVISMO HÁ DÉCADAS ALIMENTAM O CICLO DAS GERAÇÕES PERDIDAS.



A história da defesa dos direitos de crianças e adolescentes, na Amazônia e no Brasil, é marcada pela presença do padre Bruno Sechi, de 75 anos, um dos fundadores do Movimento República de Emaús, que atua com esse e com outros tipos de violações. Com sua figura frágil e magra, de fala mansa, Bruno é um gigante nessa luta. O Emaús denuncia, acompanha os casos mais graves na Justiça, conscientiza a mídia e a população da cidade de Belém para a importância da valorização da infância e mobiliza parceiros no exterior.

O Movimento atende meninos e meninas e, assim, abre portas – por vezes, frestas – capazes de salvar histórias e reescrever destinos. O apoio do Criança Esperança também faz parte da luta do Emaús pelos direitos da infância.





Meninas vendendo balas e sendo exploradas sexualmente nas esquinas e nos mercados fazem parte da paisagem de Belém. Do mesmo modo, a atuação incessante do Emaús está sempre presente. Localizado em um dos bairros mais pobres e violentos da capital, o Benguí, e cercado por esgoto a céu aberto, o Movimento atua em três frentes: a socialização, que tem como foco a educação para a cidadania; a profissionalização, que objetiva a inserção no mercado de trabalho; e a linha de defesa e garantia de direitos, representada pelo trabalho do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca-Emaús).

“Concentramos as atividades no Benguí, um bairro de periferia, muito pobre, para fazer um trabalho preventivo com crianças e adolescentes. O tráfico de drogas e a marginalidade não podem ser as únicas alternativas na vida dessa população”, diz o padre.

Em 2007, o país assistiu à prisão de uma adolescente de 15 anos, detida por furto e encarcerada durante 26 dias na mesma cela com 20 homens, na cidade de Abaetetuba, a 100 quilômetros da capital. Franzina, media 1,50 metro e pesava 38 quilos no momento da prisão por determinação judicial. Foi estuprada e torturada até o caso virar notícia nacional, e ela entrar para o programa de proteção a crianças e adolescentes ameaçados de morte. Foi necessário um processo de intervenção articulado para que a vítima não fosse transformada em algoz pelas autoridades, como apontavam os debates iniciais. O Cedeca-Emaús atuou como assistente de acusação.

O embrião do Emaús surgiu em 1970, com a inquietação do padre italiano, recém-chegado a Belém, e de um grupo de jovens diante da situação de meninos que vendiam sacolas, jornais, frutas e outros produtos no Mercado Ver-o-Peso, um dos cartões postais da cidade.

Esses pequenos vendedores fizeram parte de uma geração que não frequentou a escola e era perseguida pela polícia, como se o fato de serem ambulantes os tornasse marginais. A situação despertou a atenção de um grupo que se mobilizou para criar, no centro da cidade, justamente próximo aos pontos de venda, um restaurante conhecido como República do Pequeno Vendedor. No local, esse grupo organizou os meninos em cooperativas.



Quase dez anos depois, em 1980, surgiu a Escola Cidade Emaús, no Benguí, inspirada na filosofia da educação popular de Paulo Freire. E assim, de conquista em conquista, padre Bruno montou o primeiro Centro de Defesa do Menor do Brasil, que defendeu a menina de Abaetetuba e cujo modelo se multiplicou, atingindo mais de 30 unidades em vários estados do país.

Em 1985, o Emaús coordenou o primeiro ano de existência do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, cuja articulação foi fundamental para a consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado em julho de 1990. Padre Bruno afirma que os desafios em relação aos direitos de crianças e adolescentes são muito grandes, mas reconhece avanços em todo o país.





“Temos que reconhecer os avanços. A realidade dos meninos que vivem e trabalham nas ruas está diferente do que era há 20 anos. No Mercado Ver-o-Peso, por exemplo, houve uma redução significativa na utilização do trabalho infantil. Mas há ainda muito o que fazer. Infelizmente, algumas experiências positivas, que deveriam inspirar políticas públicas, não perduram com as mudanças de governo.

Procuramos trabalhar em rede com outras instituições do bairro – escola, centro comunitário, posto de saúde – para fortalecer essa teia de atendimento aos meninos. As crianças chegam aqui atraídas pelo futebol, pela música, pela dança, pelo curso de informática e, aos poucos, estão nesse processo de formação para o exercício da cidadania. Nos cursos de profissionalização, temos convênio com empresas para que os jovens trabalhem meio expediente com carteira assinada, garantindo um dia livre para a formação. Na linha da garantia dos direitos, temos convênios com os governos federal e estadual, no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte, e com instituições internacionais, como, por exemplo, no trabalho com meninas alvo de exploração sexual.

Toda essa construção, que começou na década de 1970, foi se revelando algo inovador. Organizamos cooperativas de jornaleiros e de saqueiros. Em 1972, começamos as campanhas de arrecadação, mobilizando a cidade. Caminhões passavam por diversos bairros recolhendo doações, que eram transformadas e vendidas nos mercados e nas feiras.

Também na década de 1980, começamos a pensar numa experiência-piloto para manter os meninos na própria comunidade – ações que poderiam servir de exemplo para futuras políticas públicas. Todo o nosso trabalho sempre teve essa característica: o objetivo não é resolver o problema, mas servir de referência para uma política pública mais abrangente.

Observamos que as crianças não frequentavam a escola por dois motivos: o ensino não respondia às necessidades e à realidade delas, e também porque o seu tempo era tomado pelo trabalho. Assim,

começamos a idealizar uma escola aqui no Benguí, onde havia muitos meninos trabalhando nos comércios e na feira. A ideia era trazer as famílias que viviam na extrema pobreza para morar num mesmo local, onde fosse possível viver, produzir e estudar, compartilhando o espírito cooperativo participativo.

Criada em 1982, a Escola Cidade Emaús funcionou em tempo integral, em convênio com a rede pública, por cerca de duas décadas. No local, havia criação de animais e plantações; as salas de aula seguiam o estilo de malocas, com teto de palha, tudo adaptado à região. As crianças estudavam e também aprendiam no ambiente de produção. A matemática, por exemplo, era ensinada no viveiro de frangos. Foi uma experiência muito bonita, por onde passaram cerca de 1.100 alunos.

Em 1985, percebemos a importância de consolidarmos um movimento da sociedade civil, sem relação com o governo. A partir de uma reunião realizada em Belém, divulgamos uma carta aberta aos meninos e às meninas em situação de rua de todo o Brasil. Foi quando surgiu o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMNR), que teve seu primeiro encontro em maio de 1986 no Parque da Cidade, em Brasília. Naquele momento estava, de fato, nascendo algo novo. O próximo passo foi a articulação, durante a Constituinte, para garantir um capítulo pelos direitos da criança e do adolescente – o artigo 227 da Constituição Federal – e, depois, para a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado em julho de 1990.

Os desafios apareciam, e a gente metia a cara.

No rastro do ECA e dos movimentos de defesa da infância, muitas temáticas foram colocadas na pauta nacional, como exploração sexual e trabalho infantil doméstico. Mas ainda há muito o que se fazer. É preciso garantir o direito à creche, ao saneamento básico. Na periferia de Belém, o esgoto a céu aberto recebe o mesmo tratamento desde 1900. No campo da educação, ainda há muito a aprender em termos de participação e organização dos jovens.



“Estamos atentos aos desafios, mas não somos salvadores da pátria. Só acreditamos na vida da participação e da organização”.

Padre Bruno Secchi

Nossas entidades ainda estão engatinhando, por exemplo, na aplicação de medidas socioeducativas. A solução não é reduzir a maioria penal, mas cumprir a lei. É preciso assegurar que as experiências positivas se tornem política pública, e não de governo. A sociedade civil também precisa fazer a sua parte, atuando com autonomia. Estamos atentos aos desafios, mas não somos salvadores da pátria. Só acreditamos na via da participação e da organização”.



Instituição: Movimento República de Emaús
Local: Benguí, Belém (PA)
Ano de criação: 1970
Atendimentos: 1.400 crianças e jovens por ano
Projeto apoiado: Arte de Viver



Objetivos: enfrentamento da violência sexual contra adolescentes do sexo feminino, em situação de rua e risco social e pessoal em Belém; uso da arte para mudança pessoal e social, com foco na questão de gênero e no resgate da autoestima.



Belém (PA)

CINTIA
FLORIT

RS

PARADESPORTO

PORTO ALEGRE - RS



REGIÃO SUL





ATLETAS CIDADÃOS

VINICIUS TEM 9 ANOS E UMA DEFICIÊNCIA FÍSICA CONGÊNITA, QUE COMPENSA COM UMA PRÓTESE NA PERNA DIREITA. AO DESCOBRIR QUE O FILHO HAVIA NASCIDO COM UMA DEFICIÊNCIA, O PAI NÃO ACEITOU E ACABOU SAINDO DE CASA. PASSADOS ALGUNS ANOS, ESSE PAI FOI CONVIDADO A ASSISTIR A UMA APRESENTAÇÃO DE DANÇA DO FILHO – FICOU EMOCIONADO. TESTEMUNHOU, EM UM CAMPEONATO DE BASQUETE EM CADEIRA DE RODAS PARA ADULTOS, A AUTONOMIA QUE A CRIANÇA PODERIA CONQUISTAR. CHOROU, ARREPENDIDO POR NÃO TER SIDO MAIS PRESENTE. ACABOU SE TORNANDO ATIVISTA DA ORGANIZAÇÃO QUE APOIA O SEU FILHO NESSES ÚLTIMOS TRÊS ANOS.

Essa associação é a RS Paradesporto.

“Seguimos o caminho inverso do assistencialismo, que explora o que eu chamo de ‘imagem triste da deficiência’”, diz Cíntia Florit Moura, que desde 2000 coordena os projetos e organiza a parte administrativa. Ela é, essencialmente, a alma da ONG.

Localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, a Associação RS Paradesporto mantém a Escola Paralímpica, que oferece aulas de informática, esportes, natação e dança. A ideia é estimular a autonomia de crianças e jovens com deficiências físicas, para que possam se locomover com independência, lutar por seus direitos e se inserir no mercado de trabalho. É a única instituição no Rio Grande do Sul – e uma das poucas no país – que alia atividades de formação à luta pelos direitos de pessoas com deficiências.

À medida que os atletas da RS Paradesporto conquistam medalhas, aumenta a visibilidade do tema e, assim, a Associação prossegue a divulgação de sua bandeira, no Brasil e no mundo. Atletas como Altemir Luis de Oliveira, recordista brasileiro de atletismo em cadeira de rodas, Aser Mateus de Almeida Ramos, vice-campeão brasileiro de salto em distância, e Giácomo Braga, atleta de basquete em cadeira de rodas e campeão pan-americano da seleção oficial, são parte dessa missão.

O desafio é grande. Cíntia relata ter sido procurada por algumas empresas que tinham apenas o objetivo de preencher as cotas trabalhistas para deficientes exigidas por lei. “Já ouvi que ninguém precisaria ir trabalhar, só dar o nome. A nossa luta é mudar esse paradigma”, afirma.

Muitas vezes, essa mudança exige a revisão das relações familiares, para que os pais deixem os filhos mais independentes e estes consigam, assim, desenvolver seu potencial. “Ajudamos a cortar o cordão umbilical entre as famílias e as crianças e adolescentes com deficiência. A superproteção, muitas vezes, é um empecilho para que eles se tornem autônomos”, diz Cíntia. No início do atendimento, muitas



famílias chegam à sede do Projeto empurrando a cadeira de rodas dos filhos. “O apoio do Criança Esperança nos permitiu, entre outras coisas, contratar transporte escolar para levar e trazer os atletas para treinar. As crianças menores passam por um período de dois meses de adaptação e já começam a vir nas vans do Projeto para as atividades”, relata a coordenadora.

“O que mais me encanta é conhecer cada aluno de perto. Aqui, enxergamos detalhes que a maioria das pessoas, quando encontra um deficiente, não vê. Essas crianças e jovens costumam ter poucas oportunidades; por isso, o nosso trabalho faz muita diferença”, afirma Cíntia, uma entusiasta das ações com foco na inclusão de deficientes.



“Sempre fui apaixonada por esportes, mas, ao praticá-los, sofria muitas lesões. Há cinco anos, tive o diagnóstico de uma síndrome do tecido conjuntivo, a síndrome de Ehlers-Danlos. Só então fui entender o porquê das lesões tão frequentes. Acabei tendo que operar os pés, e me afastar das quadras e das aulas de educação física.

Em função da minha própria trajetória, comecei a perceber que seria bom associar o esporte à fisioterapia. Levar alegria ao tratamento de pessoas com deficiências, em um ambiente que não fosse monótono. Hoje, realizo esse sonho na Escola Paralímpica Gaúcha. O trabalho com pessoas que têm algum tipo de deficiência é apaixonante.

A Associação RS Paradesporto foi criada em 2005, por Luiz Portinho, hoje meu marido, para garantir, por meio de uma figura jurídica, a participação de jogadores adultos nos torneios oficiais de basquete em cadeira de rodas. Quando fui convidada para integrar a diretoria, em 2010, já trabalhava como voluntária no basquete adulto e no Projeto Piá Basqueteiro, dando aulas para crianças e jovens em cadeira de rodas. Esse projeto foi reformulado e passou a se chamar Escola Paralímpica Gaúcha.

Com o apoio do Criança Esperança, foi possível formalizar a Escola, contratando profissionais como fisioterapeuta, assistente social, psicopedagoga, professor de educação física, estagiário e técnica de enfermagem. Compramos 30 cadeiras de rodas apropriadas para crianças e alugamos duas vans para o transporte. Hoje, eu coordeno seis projetos que atuam de forma integrada.

Na área de educação para os direitos, o trabalho tem início no momento em que os nossos alunos vão para a rua, pegam ônibus e entram na fila prioritária, até a defesa dos seus direitos por meio do nosso corpo jurídico. Temos uma demanda de cerca de 50 ações judiciais por dia e priorizamos os casos mais graves de violações.

A evolução dos direitos da criança e do adolescente com deficiência é muito lenta, fruto de muitas batalhas no Ministério Público. Graças



“O que mais me encanta é conhecer cada aluno de perto. Aqui, enxergamos detalhes que a maioria das pessoas, quando encontra um deficiente, não vê. Essas crianças e jovens costumam ter poucas oportunidades; por isso, o nosso trabalho faz muita diferença”. Cintia Florit



ao trabalho da Associação, conseguimos aprovar, em 2010, uma lei que determina que todas as escolas municipais de Porto Alegre devem oferecer atividades esportivas para alunos com deficiência [Lei nº 10.939/2010]. Só que, na prática, esses alunos são excluídos ou dispensados das aulas de educação física. A lei prevê convênios e parcerias se a escola não tiver como disponibilizar, mas nem assim ela é cumprida.

Nosso trabalho tem como foco o estímulo à autonomia, para que crianças e jovens possam se locomover com independência, fazer a própria higiene, trabalhar...

As histórias de superação são muito fortes. É emocionante testemunhar o desenvolvimento desses meninos e dessas meninas. Para que os amigos e os familiares entendam, respeitem e aprendam sobre as deficiências, trabalhamos com o que chamamos de ‘inclusão reversa’. Convidamos amigos, alunos de escola e familiares sem deficiência a participar por um dia das nossas atividades e fazer atividades orientadas pelos nossos alunos ‘guerreirinhos’, como costumamos chamá-los.

A nossa escola de esportes funciona no contraturno escolar, em quadras e piscinas cedidas por outras instituições. Temos uma fila de cerca de 150 crianças querendo entrar, mas não podemos atendê-los até conseguirmos uma sede própria. Esse é um sonho que trabalhamos diariamente para realizar”.

Instituição: RS Paradesporto
Local: Centro, Porto Alegre (RS)
Ano de criação: 2005
Atendimentos: 145 crianças e jovens por ano

Projeto apoiado: Escola Paralímpica Gaúcha
Objetivo: oferecer atividades com foco no esporte e na educação para os direitos, a saúde e a cidadania dos deficientes físicos.



Porto Alegre (RS)

GILBERTO
MENDES

INSTITUTO CULTURAL
FLAUTA MÁGICA

CUIABÁ - MT



REGIÃO CENTRO-OESTE





O MAGO DA FLAUTA

GILBERTO MENDES TRANSFORMA LAMA E POEIRA EM ACORDES DE VILLA-LOBOS, HÄNDEL, MOZART... FAZ DE MENINOS E MENINAS "PÉ NO CHÃO", QUE VIVEM EM CASAS PRECÁRIAS, MÚSICOS APLAUDIDOS NO BRASIL E NO EXTERIOR. É MAESTRO, MAS PODERIA SER CHAMADO DE "MAGO DA FLAUTA DOCE".

EM 1998, GILBERTO CRIOU O INSTITUTO CULTURAL FLAUTA MÁGICA, NO JARDIM VITÓRIA, BAIRRO VIOLENTO DE CUIABÁ, CAPITAL DE MATO GROSSO. O LOCAL É PRECARIAMENTE SERVIDO POR ÁGUA ENCANADA E SANEAMENTO BÁSICO. O PROJETO COMEÇOU EM UMA ESCOLA MUNICIPAL, COM APOIO DA PREFEITURA, QUE CEDEU O ESPAÇO E OS PRIMEIROS INSTRUMENTOS. CERCA DE UM ANO DEPOIS, O NOVO SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO INFORMOU QUE O PROJETO SE ENCERRARIA E MANDOU UM FUNCIONÁRIO AO JARDIM VITÓRIA PARA RECOLHER AS FLAUTAS.

Depois de tentar argumentar com o funcionário da Prefeitura que “flauta em armário não toca”, Gilberto acabou na delegacia, pois se recusou a entregar os instrumentos e abrir mão do trabalho que vinha sendo realizado com o grupo. O delegado acabou pedindo que ele assinasse um termo de responsabilidade e deu ao maestro a guarda dos instrumentos. Gilberto foi dar aulas, como voluntário, na paróquia do bairro, em um espaço cedido pelo padre.

Vivia então do salário que recebia como professor de física no Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) de Cuiabá. As coisas realmente se complicaram quando o padre ficou sem dinheiro para pagar a conta de luz da paróquia, já que a despesa havia aumentado por conta dos ensaios do grupo. “Ele não tinha mais de onde tirar dinheiro”, lembra o maestro.

Foram salvos pelo gongo.

Dias depois, eles receberam apoio de um dos diretores da companhia de eletricidade do Mato Grosso – as Centrais Elétricas Mato-grossenses (Cemat) –, que, ao assistir a uma apresentação dos meninos, interveio junto à Prefeitura para que o grupo voltasse a ter um espaço para ensaiar. Nessa época, 70 alunos passaram a dividir uma sala de aula minúscula e com pouca ventilação. A temperatura média em Cuiabá gira em torno dos 27 graus, com 94% de umidade. Conclusão: a sala de ensaios era praticamente uma sauna. “Foi um período difícil”, sintetiza Gilberto.

Em 2001, Gilberto e os meninos respiraram aliviados. O Projeto foi selecionado e incluído na pesquisa que resultou no livro “Cultivando vidas, desarmando violências”, além de ter recebido da UNESCO um prêmio no valor de R\$ 21.000,00. Com esse dinheiro, compraram flautas profissionais e uniformes para as apresentações e – o mais importante – devolveram as flautas emprestadas pela Prefeitura. Ao contar essa história, o maestro sempre lembra que jamais sumiu um instrumento sequer do Projeto, embora os alunos guardem em suas humildes casas flautas que custam mais de R\$ 1.000,00. Hoje, o Projeto também oferece aos alunos canto coral e balé clássico.





Com o apoio do Criança Esperança, aumentou a visibilidade do Flauta Mágica. Os meninos foram notícia no Jornal Nacional, e a TV Globo produziu um documentário sobre o grupo. Também conseguiram patrocínio para a gravação do primeiro CD, “As flautas mágicas”, em 2007. Gravaram novamente em 2011.

Recentemente, em setembro de 2014, Gilberto e 32 alunos do Flauta Mágica voltaram à Europa para uma turnê de 16 dias entre a Áustria e a Alemanha; aproveitaram e fizeram turismo na Suíça. Na viagem, gravaram, ainda, o primeiro DVD ao vivo, no *Weltmuseum*, em Viena, e foram aplaudidos de pé em todas as apresentações.



“Os nossos alunos são meninos e meninas que vivem em casas precárias, estudam em escolas que deixam a desejar e passam necessidade em casa. Muitas vezes, para vir aos ensaios, após as chuvas, eles enfrentam montes de lama. E quando não é lama, é poeira. Não há calçamento na maioria das ruas do bairro.

Para ser um bom músico, é preciso ter referências musicais de qualidade – os alunos chegam aqui acostumados a ouvir música muito ruim. Não é exagero dizer que, aqui no Projeto, eles ganham um ‘banho de cultura’: assistem a DVDs de ótimos espetáculos, leem livros e assistem a filmes. Muitos têm que aprender até noções básicas de higiene. A maioria vive em casas onde não há chuveiro ou vaso sanitário. Quando há alunos novos indo para as turnês, ensinamos a comer com talheres e a se comportar em público.

Estamos aqui para formar médicos, advogados, arquitetos... Para ensiná-los a sonhar e a conquistar objetivos. E eles vão em frente. Somos tão exigentes que criamos entre os meninos o conceito de padrão Flauta Mágica de qualidade.

Minha história com a música começou ainda na infância, em Montes Claros, Minas Gerais. Eu passava horas atento ao rádio e, um dia, ouvindo o Trio Esperança cantando 'Dominique', fiquei tão fissurado que decidi estudar música. Eu e meu irmão fazíamos pandeiros com latas de goiabada.

Éramos dez filhos. Uma época, quando vendia picolés para ajudar em casa, ficava horas parado em frente ao Conservatório para ouvir o som lindíssimo de um piano. Aos 16 anos, comprei um violão com o meu salário de ajudante em uma loja de alumínio.

Em casa, seria impensável eu dizer que queria ser músico. 'Profissão de malandro e vagabundo', diria meu pai. Passei a infância flertando com a música e saí de casa aos 18 anos. Morei em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde trabalhei como ajudante de pedreiro.

Quando meus pais me encontraram morando numa favela, na periferia da Zona Leste da capital paulista, decidiram me levar de volta para Sete Lagoas, a 70 quilômetros de Belo Horizonte. Tive contato com o Clube da Esquina, de Milton Nascimento e dos irmãos Borges. Vivi uma evolução musical significativa e fiz parte de uma banda de voz, violão e flauta doce, que chegou a ter certo sucesso. Foi nessa época que cursei a faculdade de física e estudei no Conservatório.

Cheguei a trabalhar como maquinista das linhas de trem Sete Lagoas–Corinto e Sete Lagoas–Belo Horizonte, mas acabei passando num concurso para dar aulas de física na Escola Técnica de Cuiabá. De lá para dar aulas para as crianças do Jardim Vitória foi só mais um passo.

A flauta doce é bem discriminada no universo musical. A flauta custa só R\$ 20,00, mas tem um som lindo, que nunca é explorado como deveria. Além disso, é fácil de aprender a tocar.

Todos os músicos que conheço dizem que aprender partitura é difícil. Mas não é. Depois de terminar minha formação no Conservatório, decidi não fazer teste para a seleção de alunos aqui no Flauta Mágica.



“Estamos aqui para formar médicos, advogados, arquitetos... Para ensiná-los a sonhar e a conquistar objetivos. Somos tão exigentes que criamos entre os meninos o conceito de *padrão Flauta Mágica de qualidade*”.

Gilberto Mendes



As crianças que chegam precisam se mostrar atentas e se sentir bem no Projeto. O resto é com a gente.

Há uma falta de crença na capacidade das pessoas. Quer um exemplo? Em um curso regular de música, os professores passam seis meses falando no ouvido dos alunos sobre teoria. Comigo é: ‘Vamos tocar!’. No primeiro dia de aula, eu mostro como posicionar os dedos e digo para seguir em frente.

Antes da última viagem à Europa, em setembro de 2014, eu estava com o grupo concentrado na sala de ensaios. De repente, entraram 12 ex-alunos aplaudindo a turma. Eles foram lá para falar aos mais novos sobre a importância das aulas e das viagens. Estavam se referindo à turnê que fizemos pela França, em 2004. Foi muito emocionante.

Em 2002, uma das nossas alunas, a Neura Lúcia, saiu do Projeto para ter bebê. Nessa viagem que fizemos, a filha dela – que já tem 12 anos – participou da turnê, tocando flauta. Ela realizou o sonho dela e o da mãe.

Em todas as apresentações, fomos aplaudidos de pé. Garanto que não é porque fazemos parte de um projeto social, mas pela qualidade da música apresentada.

Viajar é importante para divulgar o trabalho do Flauta Mágica. Mas a ideia principal é acordar esses meninos para que tenham sonhos mais ousados. Na Alemanha, visitamos a fábrica que produz a flauta mais conceituada do mundo, a Mollenhauer, que custa cerca de R\$ 2.000,00. Um dos músicos do grupo, o ‘Baiano’, que vende picolés a R\$ 1,00 aqui no bairro, ganhou uma de presente”.

Instituição: Instituto Cultural Flauta Mágica
Local: Jardim Vitória, Cuiabá (MT)
Ano de criação: 2002
Atendimentos: 800 crianças e jovens por ano

Projeto apoiado: Consolidação da Expansão das Ações do Instituto Flauta Mágica
Objetivo: formação para a educação musical e a cidadania.



CESARE
LA ROCCA
PROJETO AXÉ

SALVADOR - BA



REGIÃO NORDESTE





O MAIS BELO DOS AXÉS

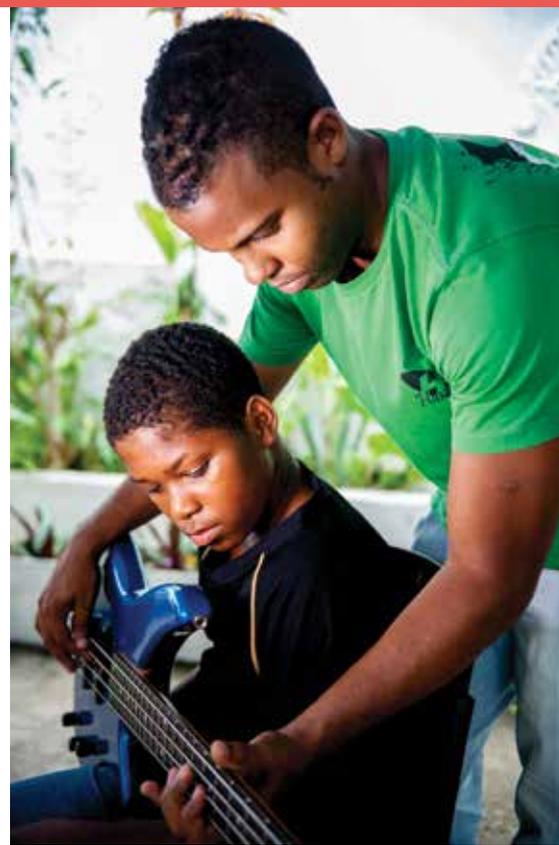
SUANE SUELEN PASSOU QUASE NOVE ANOS DE SUA INFÂNCIA PEDINDO DINHEIRO NOS SINAIS DE TRÂNSITO DA PRAIA DA PITUBA, EM SALVADOR. LUCIANA XAVIER, ATÉ OS 13 ANOS, CONSIDERAVA AS RUAS DA CAPITAL BAIANA SEU SEGUNDO LAR – VENDIA JORNAL NO ITAIGARA, BAIRRO DE CLASSE MÉDIA ALTA, E FICAVA HORAS PERAMBULANDO POR LÁ, EVITANDO VOLTAR PARA CASA.

No entanto, em vez do destino quase previsível das crianças que vivem nas ruas – gravidez precoce (no caso das meninas), uso de drogas, desamparo e maus-tratos vindos de toda parte –, as duas são atualmente profissionais bem-sucedidas. Luciana tem licenciatura em *design* de moda, com formação em uma faculdade brasileira e cursos na Itália e em Portugal; já Suane, que também estudou na Itália, é cantora profissional, contratada por corais e grupos de câmara.

A mágica que abriu portas para Suane, Luciana e outras 21 mil crianças e adolescentes é o Axé. O Projeto foi criado em 1990 pelo italiano Cesare de Florio La Rocca, um homem surpreendente que tatuou suas digitais na luta pelos direitos da infância no Brasil. Cesare criou uma metodologia específica para atender crianças e adolescentes que vivem nas ruas, a *arteducação*, que combina educação e arte e é, hoje, referência nacional. Por meio da beleza presente nas artes – dança, capoeira, música, canto, artes plásticas, moda e estamparia – a metodologia oferece alternativas ao que, na década de 1990, o país considerava como “infância perdida”: meninos e meninas que vivem nas ruas.

Atualmente, no Brasil, há cerca de 24 mil crianças e adolescentes vivendo nas ruas. São meninos e meninas pobres, quase todos negros e pardos (72% do total) que, segundo a pesquisa realizada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), acabam nas ruas, principalmente em razão de brigas familiares (63%). O mesmo levantamento indica que apenas 6,7% dos meninos e das meninas que vivem nas ruas concluíram o ensino fundamental. Em outras palavras: estão praticamente condenados a uma vida adulta marcada pela exclusão e pela pobreza.

Essa dura realidade é enfrentada no dia a dia pelos educadores de rua do Axé, que há 25 anos percorrem as vias públicas da capital baiana exercitando o que chamam de “paquera pedagógica”. Inicialmente, estabelecem contato com os meninos e as meninas que estão nas ruas. Em seguida, formam vínculos que levam as crianças e os





adolescentes primeiramente a uma das unidades educativas do Axé, em Salvador – espaços pedagógicos onde se realizam as oficinas de *arteducação*, baseadas na ética e nos direitos humanos.

Em algum momento desse contato, os educadores chegam à casa da família das crianças e dos adolescentes para que o universo desses meninos e meninas seja mais bem compreendido pela equipe. A presença do educador de rua tem se mostrado tão efetiva que, atualmente, esses profissionais – função criada pelo Axé com base nas teorias de Paulo Freire – fazem parte de muitas políticas públicas voltadas para essa população.

É nas aulas práticas das unidades educativas do Axé, nas cirandas pedagógicas e no Centro de Formação – voltado para a profis-



sionalização – que meninos e meninas aprendem e refinam suas habilidades. Turnês, espetáculos, oficinas, formações, visitas a museus e a locais históricos, concertos e filmes fortalecem a formação.

“As crianças não precisam apenas de direitos, mas também de conhecimentos e, mais do que tudo, de desejos”, diz Cesare, um dos redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aprovado em 1990. “*Arteeducação* é uma metodologia de resgate de crianças em situação de risco”, diz Cesare, que foi ainda vice-representante do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Brasil, entre 1985 e 1990.

Em seu percurso, o Axé tem tecido parcerias com artistas de primeira linha e, dessa forma, abriu espaços para divulgar o talento dos seus alunos, o que tornou possível que os meninos e as meninas atendidos também brilhassem nos palcos do país e da Europa. Em junho de 2014, durante a Copa do Mundo realizada no Brasil, dançarinos e músicos do Axé subiram ao palco do Auditório do Parque Ibirapuera, em São Paulo, com a cantora italiana Fiorella Mannoia, no lançamento do CD “Sud”. A parceria entre o Axé e Mannoia começou em 2010, em uma turnê pela Itália, e segue firme até hoje.

No início da década de 2000, quando a loja do Projeto – localizada no Pelourinho, onde também estão as unidades educacionais – passou por dificuldades, a estilista baiana Luciana Galeão se juntou ao Projeto e deu uma nova cara à atual Axé Design. “O Axé é pioneiro nessa mistura de moda com responsabilidade social”, diz Luciana Xavier, ex-aluna que hoje responde pelo espaço.

As ruas de Salvador ainda abrigam os chamados “capitães de areia”, retratados no romance de Jorge Amado – meninos e meninas pequenos, para quem as esquinas são uma segunda casa. Por outro lado, o desafio de enfrentar o ciclo de pobreza das crianças que vivem nas ruas agrava-se em todo o país, pelo consumo do *crack* e das novas drogas. Além de atrair os meninos para uma nova vida, agora é preciso ter meios para se vencer a dependência química.





O Axé, no entanto, segue em frente. O Projeto conta com um Centro de Formação de educadores sociais, que dissemina a *pedagogia do desejo* – conceito criado por Paulo Freire – no país e no exterior.

Com quase 80 anos de idade, Cesare segue influenciando gerações de educadores que acreditam na construção de um país mais justo.



“Aos 27 anos, morava em Florença, na Itália, e sonhava em ser diplomata. Num estalo, em janeiro de 1968, aos 29 anos, decidi largar a vida de burguês italiano e vim para a Amazônia, trabalhar com crianças e adolescentes. Pensava que, como embaixador, eu poderia ser útil apenas aos interesses do meu país, mas se me dedicasse à causa das crianças e dos adolescentes, poderia ser parte dessa mudança com a qual eu tanto sonhava.

Em 1969, há quase 46 anos, em Manaus, já tinham crianças que dormiam no pátio da catedral – aquela situação me impressionou muito. Fundamos o Centro Social Nossa Senhora das Graças, no Beco do Macedo, na época, uma favela da capital [amazonense]. Criamos uma escola profissionalizante para 400 adolescentes e uma pré-escola.

Doze anos depois, em 1981, entendi que minha contribuição estava concluída e me mudei para o Rio de Janeiro, para trabalhar como assessor técnico na extinta Funabem [Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor]. De lá, fui para o UNICEF e, depois de três anos, em 1985, fui nomeado representante-adjunto do UNICEF no Brasil, em Brasília.

Em Brasília, comecei a pensar dentro desse contexto de mudanças profundas do Brasil, a partir da redemocratização. Acreditei que aquele seria um momento histórico para implementar um projeto que fosse capaz de, ao mesmo tempo, incluir na pauta do Brasil os direitos das crianças – que estavam sendo discutidos no âmbito da nova Constituição

e do Estatuto da Criança e do Adolescente – e criar um espaço onde teriam o direito de ser felizes.

Ao sair do UNICEF, recebi alguns convites, mas somente um apontava na direção do sonho: a Terra Nuova, uma ONG italiana de cooperação internacional me chamou para coordenar um projeto com meninos de rua em Salvador. Meu princípio inegociável era não repetir o que já se fazia no Brasil.

Queria dar a melhor educação aos mais pobres. Eu rejeitava a tese de que, para quem nada tem, qualquer coisa serve. Além disso, defendia o profissionalismo dos educadores e um sistema de formação permanente. Não queria instalar oficinas de carpintaria, corte e costura ou manicure. Queria arte e cultura a serviço da educação.

É impossível educar sem estética, sem beleza, sem arte e cultura.

Ou seja: me recusei a realizar um projeto educativo pobre para pobres. E a Terra Nuova aceitou o desafio, juntamente com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua [MNMMR], que deu um apoio fundamental do ponto de vista político e institucional para um projeto que ainda nem tinha nome. Trabalhávamos para garantir aos filhos da exclusão o direito à vida com 'V' maiúsculo.

Uma tarde, eu estava em casa, na Praia de São Tomé de Paripe, em Salvador, e observava o pôr do sol, pensando em qual poderia ser o nome do projeto. Naquele momento, algumas crianças corriam na praia. Eram todas negras e estavam banhadas pelo sol do fim de tarde. Decidi chamar de Axé, que no candomblé é o princípio vital, a energia que move todas as coisas. O nome homenageia a cultura afro-brasileira e afirma que a criança é o axé mais precioso de uma nação.

No início, fui crucificado... Falar de beleza e colocar as crianças para dançar e jogar capoeira? As pessoas me diziam que eu estava doido. Que aquelas crianças só queriam encher a barriga, que estavam morrendo de fome. Ninguém se interessaria por dança, música... Aqui, na Bahia, temos a predominância dos elementos afros, dos quais o Axé se apropriou, mas



“As crianças não precisam apenas de direitos, mas também de conhecimentos e, mais do que tudo, de desejos”.

Cesare La Rocca



a arte e a beleza são universais. Acreditamos que conseguiríamos estimulá-los por meio desses elementos e seguimos em frente.

Nos primeiros tempos do Projeto, as crianças olhavam para os educadores e diziam: ‘Eu não tenho nada a perder’. Elas estavam nos dizendo que não tinham sonhos nem desejos. Lembro que, em 1993, tínhamos 50 ingressos para ver um espetáculo de dança no Teatro Castro Alves. E se jogassem o teatro abaixo? Era uma dúvida. Já pensou se roncassem na plateia?

Não aconteceu nada disso. Ao final do espetáculo, nos olharam e perguntaram: ‘Por que não podemos dançar também?’. Essa é a força da pedagogia do desejo. No Axé, os chinelos de dedo convivem com as sapatilhas.

O desejo dos meninos e das meninas criou o Axé Design, a Companhia de Dança, a Orquestra de Câmara e tudo o que hoje temos aqui. Claro que, se superestimamos, haverá frustrações no meio do caminho, mas cabe a nós, educadores, colocar um ‘paraquedas psicológico’ para que a criança chegue ao solo em segurança, num campo de realizações possíveis.

No dia a dia do Axé, vejo que a arte e a educação são cada vez mais conjugadas – a arte é a própria educação. Eu me considero um homem que usa essa combinação para tentar contribuir para a transformação dos outros.

No fundo, tenho convicção de que a minha missão é esta: tentar transformar as pessoas para que elas sejam mais felizes. É importante dizer que eu mesmo fui profundamente transformado pelas crianças. Elas me deram essa energia fortíssima de ter a disposição de mostrar aos outros a alegria de mudar e de transformar”.



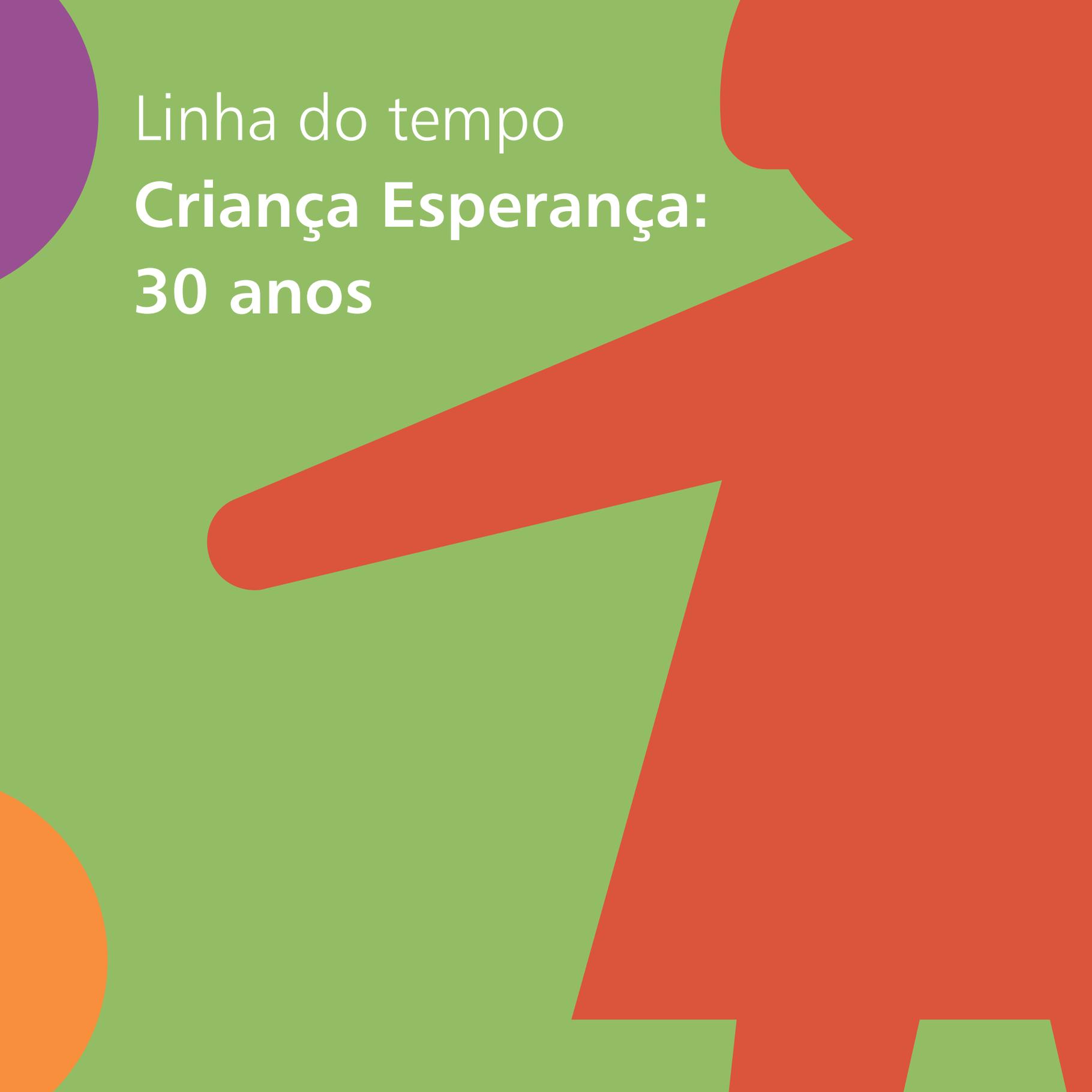
Instituição: Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente
Local: Salvador (BA)
Ano de criação: 1990
Atendimentos: 1.400 crianças e jovens por ano, totalizando 14.000 atendidos



Projeto apoiado: Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente
Objetivo: contribuir para a promoção da inclusão social de crianças, adolescentes e jovens que vivem nas ruas, em situação de risco, na cidade de Salvador.







Linha do tempo

**Criança Esperança:
30 anos**

1986

Direitos: a lei que regulamenta a infância é o Código de Menores, que entrou em vigor em 1927, foi alterado em 1979 e teve vigência até 1990. A doutrina vigente até então estigmatizava crianças e adolescentes em situação irregular e não os protegia. As crianças que vivem nas ruas são chamadas de “pivetes” e “trombadinhas”. A redemocratização do Brasil intensifica o debate em torno dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Mobilização: realização do I Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua, em Brasília, que conta com a participação de cerca de 500 jovens.

Saúde: a taxa de mortalidade infantil chega a 50 para cada mil crianças nascidas vivas. É criado o personagem-símbolo da campanha de vacinação contra a poliomielite, o Zé Gotinha.

Criança Esperança: a TV Globo e o UNICEF lançam a Campanha Criança Esperança e colocam no ar um programa com nove horas de duração, que apresenta pontos importantes da Declaração Universal dos Direitos da Criança, visando a mobilizar o país sobre os direitos da infância.

1987

Mobilização: o movimento em defesa dos direitos da infância ganha força no âmbito da Assembleia Constituinte.

Contexto: o ganhador do Prêmio Nobel da Paz Elie Wiesel – escritor romeno sobrevivente dos campos de concentração nazistas – compara os 7 milhões de crianças que vivem nas ruas brasileiras à tragédia do Holocausto.

Repercussão: o protagonista do filme “Pixote, a lei do mais fraco” – realizado em 1980 por Hector Babenco –, Fernando Ramos da Silva, com 19 anos, morre durante uma operação da Polícia Militar em Diadema, região metropolitana de São Paulo.

Criança Esperança: a Campanha firma parceria com a Pastoral da Criança e participa da mobilização pela redução em 50% da mortalidade infantil, proposta para o período de 1990 a 2005.

1988

Contexto: é promulgada a nova Constituição brasileira, que ficou conhecida como Constituição Cidadã. São inseridos no texto os artigos 227 e 228 que tratam exclusivamente dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Comemoração do 40º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Mobilização: criação do Fórum Nacional Permanente de Entidades Não Governamentais de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Fórum DCA), um dos principais articuladores da mobilização social em torno da causa da infância.

Criança Esperança: a Campanha mobiliza parlamentares pelos direitos da infância e realiza um *show* com o tema da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O programa, transmitido pela TV, é premiado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo UNICEF, pela ação de mobilização em favor dos direitos da infância na Constituinte.

1989

Contexto: aprovação, na Assembleia Geral da ONU, da Convenção sobre os Direitos da Criança, que, além de proteger a infância, impõe sanções aos Estados signatários que descumprem suas determinações.

Mobilização: o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMRR) promulga simbolicamente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), durante o seu segundo encontro nacional.

Denúncia: a imprensa denuncia o assassinato de meninos que vivem nas ruas de Vitória, no Espírito Santo; na cidade do Rio de Janeiro, crianças e adolescentes são conduzidos pela Polícia Militar ao Juizado de Menores por estarem nas ruas.

Educação: o Brasil soma 35 milhões de analfabetos. Metade das crianças é reprovada já no primeiro ano do ensino fundamental.

Saúde: é registrado o último caso de poliomielite no Brasil.

Criança Esperança: a Campanha divulga ações básicas de saúde.

1990

Contexto: no dia 13 de julho, é aprovada a Lei nº 8.069, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que regulamenta o artigo 227 da Constituição Federal. A partir disso, é instituída no Brasil a doutrina de *proteção integral* – uma fundamental e inovadora mudança de paradigma nas questões da infância. O Código de Menores é revogado, e o Brasil promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU, por meio do Decreto nº 99.710.

Um estudo do Banco Mundial situa o Brasil no terceiro lugar entre os países com a pior distribuição de renda.

Representantes de mais de 150 países se reúnem no Encontro Mundial de Cúpula pela Criança da ONU, em Nova York, e traçam sete metas para a década.

Denúncia e extermínio: o Fórum DCA denuncia a existência de grupos de extermínio em vários estados brasileiros e impulsiona a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o tema. Um relatório do UNICEF revela que 15 milhões de crianças viviam nas ruas do Brasil.

Educação: a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) cria o Programa Educação para Todos (EPT), que, entre seus seis objetivos, visa a aumentar a qualidade da educação básica para as crianças e reduzir o analfabetismo entre adultos durante a década.

Criança Esperança: o *show* expõe a violência e denuncia a situação de crianças e adolescentes que vivem nas ruas. O Programa também denuncia as altas taxas de mortalidade infantil de crianças com até 1 ano de idade, de 47,8 mortes a cada mil nascidos vivos.

1991

Mobilização: o Brasil começa a implementar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). É criado o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

Extermínio: uma CPI investiga o extermínio de crianças e jovens que vivem nas ruas. Em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, uma chacina na favela Nova Jerusalém vitima cinco adolescentes. Um sobrevivente de 16 anos se torna símbolo da resistência à violência.

Compromisso: o Pacto pela Infância, um movimento idealizado pelo UNICEF, conta com a adesão de mais de 100 representantes da sociedade civil organizada e de instituições públicas brasileiras. Governadores traçam um plano de ação para combater a mortalidade infantil.

Criança Esperança: o *show* exibe imagens de Renato Aragão escalando o Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro.

1992

Direitos: estados e municípios se mobilizam para implementar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Em todo o país, começam a ser implementados os Conselhos da Criança e do Adolescente. Comunicadores se organizam para criar a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), que estabelece a Rede Jornalistas Amigos da Criança.

Mobilização: governadores se reúnem para a assinatura de uma Declaração de Compromisso em torno de quatro pontos: saúde, ensino fundamental, combate à violência contra as crianças e cumprimento das metas estabelecidas na Cúpula Mundial pela Infância.

Trabalho infantil: o Brasil e outros seis países aderem ao Programa Internacional para a Erradicação do Trabalho Infantil (Ipec), lançado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Cerca de 3,8 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, entre 10 e 14 anos, trabalham.

Saúde: implementação do Plano Nacional de Eliminação do Sarampo.

Criança Esperança: o Programa aborda temas relevantes como a prevenção de doenças na primeira infância, mortalidade infantil e materna, e violência contra crianças e adolescentes.

1993

Contexto: promulgação da Lei nº 8.742, a Lei Orgânica da Assistência Social (Loas), que define a Assistência Social como direito do cidadão e dever do Estado, e parte integrante do Sistema Nacional de Seguridade Social.

Violência: uma chacina na Igreja da Candelária, no centro da cidade do Rio de Janeiro, choca o país. O sociólogo Herbert de Souza, o "Betinho", lança a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

Mobilização: criação da Frente Parlamentar pela Criança e pelo Adolescente.

Violência sexual: o relatório da CPI da Prostituição Infantil influencia a criação de políticas públicas de enfrentamento ao problema. Surgem, ainda, policiais especializados nesse tema.

Criança Esperança: o *show* aborda direitos, violência, desnutrição e mortalidade infantil.

1994

Direitos: começa a ser discutida a articulação entre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei Orgânica da Assistência Social (Loas) para assegurar a proteção integral de crianças e adolescentes.

Toma posse a primeira formação do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). O Conselho tem, entre suas atribuições, a coordenação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS).

Tráfico: a Organização dos Estados Americanos (OEA) institui a Convenção Interamericana sobre Tráfico Internacional de Menores, que estabelece um sistema de cooperação jurídica para prevenir crimes contra menores de 18 anos.

Saúde: a poliomielite é erradicada. Gestantes infectadas pelo HIV têm acesso ao medicamento AZT (via oral).

Trabalho infantil: criação do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI).

Criança Esperança: no ano do tetracampeonato da Seleção Brasileira de Futebol, conquistado na Copa dos EUA, jogadores sobem ao palco para dar apoio à causa da infância. O tema do *show* é a Convenção dos Direitos das Crianças.

1995

Direitos: o Conanda cria diretrizes para a infância e organiza a I Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Mobilização: a Fundação da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) lança o Programa Empresa Amiga da Criança.

A TV Globo lança uma campanha na novela “Explode coração”, que expõe a realidade de crianças e adolescentes desaparecidos, e que ajuda a encontrar 60 crianças.

Gestão: o governo federal incorpora a Assistência Social, com status de política pública, no Ministério da Previdência, que passa a se chamar Ministério da Previdência e da Assistência Social. É realizada a I Conferência Nacional de Assistência Social.

Criança Esperança: os dez anos da Campanha do Criança Esperança foram o tema do *show*.

1996

Direitos: aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que teve como relator o antropólogo Darcy Ribeiro. Escolas públicas devem se adaptar para prestar atendimento a pessoas com deficiências.

O Conanda elege como pauta o tema “menores infratores”. O Fórum DCA e outras entidades monitoram debates sobre a redução da idade penal, na mídia e no Congresso Nacional.

Exploração sexual: realização, na Suécia, do I Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças, que resultou na Declaração de Estocolmo e na Agenda para a Ação, adotada por 122 países.

Trabalho infantil: o governo brasileiro cria o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti). Em 1995, 13,74% dos brasileiros de 5 a 15 anos de idade trabalham.

Criança Esperança: o especial apresentado na TV tem como tema o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

1997

Direitos: o Congresso Nacional aprova a Lei nº 9.534, que garante a gratuidade do registro civil e da primeira certidão de nascimento a todas as crianças brasileiras, independentemente de comprovação da renda familiar.

Mobilização: realização da II Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Seu objetivo é avaliar os sete anos de vigência do ECA.

A novela “A indomada” denuncia o turismo sexual e a exploração de menores. O drama da personagem Grampola, interpretada pela atriz Karla Muga, gerou uma grande repercussão na mídia nacional, fortalecendo o combate a esse tipo de crime e sendo base para estudos.

Violência: em Brasília, jovens de classe média queimam o indígena Galdino, enquanto dormia na rua. Segundo o Ministério da Saúde, entre 1979 e 1995, ocorreu um crescimento de 702% nas taxas de homicídios cometidos por jovens no Distrito Federal.

Exploração sexual: criação da Comissão Interinstitucional da Região Centro-Oeste de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Circo), com a participação de 1.628 municípios.

Criança Esperança: o Programa faz campanha sobre a certidão de nascimento gratuita. Ecologia, prostituição infantil e exploração de menores foram alguns dos temas abordados pela Campanha neste ano.

1998

Contexto: comemoração da primeira década de vigência da Constituição Federal de 1988 e dos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Direitos: a Emenda Constitucional nº 20 proíbe não apenas o trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de 18 anos de idade, mas também qualquer tipo de trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos.

Pesquisa: um estudo realizado pelo Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria), pela Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente (Amencar), pelo UNICEF e pela UNESCO, revela que 7 milhões de crianças e adolescentes trabalham no Brasil e que 69,8% dos adolescentes têm baixa escolaridade. Além disso, o estudo aponta que o trabalho precoce é a causa da ausência de pelo menos um terço dos alunos das escolas públicas.

Violência: a UNESCO começa a publicar anualmente o “Mapa da violência”, que revela a dimensão da violência letal envolvendo jovens. O trabalho foi realizado em parceria com o Instituto Ayrton Senna. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), neste ano, ocorreram 36 óbitos por arma de fogo para cada 100 mil jovens brasileiros.

Mobilização: realização da Marcha Global pela Erradicação do Trabalho Infantil no Mundo e da Conferência da OIT, na Suíça. No Brasil, a TV Globo promove a Campanha Leitura nas Férias e arrecada 1 milhão livros.

Saúde: a mortalidade infantil cai 30,9% em relação a 1989, segundo dados do IBGE.

Criança Esperança: artistas incentivam a maior participação dos pais no processo de aprendizagem de seus filhos e pedem melhorias no ensino fundamental.

1999

Mobilização: lançamento do Plano Nacional de Enfrentamento do Trabalho Infantil e da Violência Sexual.

Educação: a TV Globo e suas afiliadas lançam o Programa Amigos da Escola, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento das escolas públicas.

Ensino: a taxa de analfabetismo cai 22,6% em relação a 1992, passando de 17,2% para 13,3%. Entre os adolescentes de 15 a 17 anos, a queda é de 54,8%, passando de 8,2% para 3,7%.

Saúde: 27% dos partos realizados no Sistema Único de Saúde (SUS) são de jovens entre 10 e 19 anos – neste ano, aproximadamente 705 mil adolescentes se tornaram mães.

Pesquisa: a Fundação Perseu Abramo (FPA) revela que jovens elegem o desemprego e a violência como os principais problemas do país. Entre 1989 e 1999, o número de óbitos por homicídios de jovens brasileiros aumentou 51,6% – taxa em muito superior ao aumento de homicídios na população total, que foi de 45,5%.

Direitos: realização da Campanha Nacional do Registro Civil. Mais de 1 milhão de meninas e meninos brasileiros ainda não têm assegurado seu direito a um nome.

Criança Esperança: a Campanha denuncia a violência contra as crianças, seu abandono e sua presença em lixões.

2000

Direitos: o ECA completa uma década em vigor. A Câmara dos Deputados aprova o Orçamento Criança e Adolescente (OCA), um projeto do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) que monitora e divulga a execução orçamentária de programas públicos voltados para a infância.

A Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente estabelece metas de criação dos Conselhos Tutelares em todo o país.

Contexto: a ONU comemora o Ano Internacional da Cultura de Paz e lança os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). A UNESCO divulga o Manifesto 2000, redigido por um grupo de ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, que recebe a adesão de mais de 50 milhões de pessoas. O Brasil é o campeão, com quase 15 milhões de adesões.

Políticas públicas: a UNESCO lança o Programa Abrindo Espaços, que tem como objetivo abrir escolas públicas nos finais de semana, no âmbito da cultura de paz. Em 2004, o Programa se tornaria uma política pública nacional, chamada Escola Aberta.

Monitoramento: o IBGE lança o Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI), que chama atenção para a importância do desenvolvimento integral das crianças ao longo dos seis primeiros anos de vida.

Trabalho infantil: o Brasil ratifica a Convenção 182 da OIT, a Convenção sobre a Proibição e a Ação Imediata para a Eliminação das Piores Formas de Trabalho Infantil.

Exploração sexual: criação do Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, em 18 de maio. O Programa de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes é inserido no Plano Plurianual do governo federal.

Criança Esperança: o Programa atinge a marca dos 4.570 projetos apoiados em todo o país; o esporte é o tema do *show*. As Organizações Globo recebem do UNICEF um diploma em reconhecimento à responsabilidade social do Programa. Lançamento, em dezembro, do Espaço Criança Esperança Cantagalo (RJ).

2001

Mobilização: realização da IV Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Com o tema “Violência é covardia: as marcas ficam na sociedade”, o evento resultou no Pacto pela Paz.

Justiça: no Distrito Federal, os jovens que mataram o indígena Galdino são condenados.

Trabalho infantil: uma pesquisa do IBGE indica que 502 mil crianças e adolescentes, entre 5 e 17 anos, trabalham em casas de famílias – 90% são meninas. Entre os trabalhadores, 61% são afrodescendentes.

Violência: realização, em 14 estados e no Distrito Federal, da pesquisa “Violências na escola”, lançada pela Representação da UNESCO no Brasil. Esse estudo torna-se referência no debate sobre o enfrentamento do problema.

Exploração sexual: realização, no Recife, Pernambuco, do Encontro Nacional de Jovens contra a Exploração Sexual e, no Japão, do II Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças. A ONG End Child Prostitution and Trafficking divulga que pelo menos 80% dos pedófilos são cidadãos do mesmo país das vítimas.

Criança Esperança: a TV Globo abre o sinal do *show*, para que qualquer emissora possa transmiti-lo; são inaugurados os Espaços Criança Esperança do Rio de Janeiro e de São Paulo.

2002

Contexto: o Fórum Social Mundial é realizado pela segunda vez em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; nesta edição, inclui uma oficina voltada para crianças e adolescentes, com a finalidade de discutir a solidariedade entre os povos.

Direitos: os Estados-membros da ONU ratificam o Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança Relativo à Venda de Crianças, Prostituição e Pornografia Infantil. No Brasil, é criado o Fórum Nacional da Criança e do Adolescente, com representação em todos os estados.

Pesquisa: em nove anos, a taxa de homicídios entre jovens cresceu 88,6%, segundo o “Mapa da violência IV”, publicado pela UNESCO. No Brasil, jovens morrem mais por armas de fogo do que em muitos países em situação de guerra. Entre os quase 49 mil jovens mortos no ano, 15 mil foram vitimados por armas de fogo.

Violência: a Pesquisa “Drogas nas escolas”, realizada pela UNESCO, indica que, dos alunos que possuem armas de fogo, 70% admitem já as terem levado para a escola. Quatro de cada dez professores ouvidos atribuem a violência ao envolvimento dos alunos com drogas.

Mobilização: a novela “Coração de estudante” aborda a síndrome de Down. O personagem vivido pelo ator Luiz Felipe Badin luta contra o preconceito. A novela faz campanha para a contratação de pessoas com Down.

Cultura: o filme “Cidade de Deus”, dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, mostra o cotidiano de crianças e adolescentes de comunidades localizadas em áreas de risco e dominadas pelo tráfico de drogas no país.

Criança Esperança: é inaugurado o Espaço Criança Esperança de Belo Horizonte, Minas Gerais; o *show* é realizado na capital mineira, com a participação inédita do jornalismo da TV Globo.

2003

Contexto: um levantamento realizado pela UNESCO e pelo Ministério da Justiça revela que um em cada três jovens mortos no país fora ferido por bala. No período, das 550 mil vítimas fatais por armas de fogo, 44% tinham entre 15 e 24 anos.

Mobilização: é sancionado o Estatuto do Desarmamento. A mobilização em torno do tema resulta na redução de 8,2% no número de mortes causadas por armas de fogo no Brasil. A novela “Mulheres apaixonadas” faz campanha pelo Estatuto do Desarmamento.

Uma campanha do Ministério da Educação (MEC) chama atenção para a taxa de evasão escolar, que atinge a média nacional de 10% ao ano.

Saúde: um estudo do UNICEF revela que, em 95% das cidades do Semiárido brasileiro, a mortalidade infantil é superior à média nacional.

Criança Esperança: o *show* apoia a Campanha do Desarmamento.

Entre 1986 e 2003, o Criança Esperança arrecadou mais de R\$ 130 milhões e apoiou cerca de 4,8 mil projetos, que beneficiaram mais de 2,7 milhões de crianças e adolescentes.

2004

Educação: o MEC cria o programa que abre escolas públicas nos finais de semana. Baseado no Programa Abrindo Espaços, elaborado pelo UNESCO, a ação foi implementada em 10 mil escolas, que atenderam 2,6 milhões de jovens.

Mobilização: empresários criam a Associação dos Empreendedores Amigos da UNESCO, para dar suporte a ações da Organização no país.

Governadores de 11 estados assinam um pacto nacional para reduzir a mortalidade infantil na região do Semiárido.

Trabalho infantil: o Brasil celebra dez anos de luta contra o trabalho infantil.

Eventos: a cidade do Rio de Janeiro sedia a Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, o maior fórum mundial de produtores de conteúdo e pesquisadores na área.

Contexto: criação do grupo Brasil +7, que reúne Brasil, Bolívia, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Nicarágua, Paraguai, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, com o objetivo de reduzir a mortalidade infantil por HIV/Aids na África.

Criança Esperança: a TV Globo e a UNESCO iniciam parceria no Criança Esperança. Amplia-se o escopo do Programa, que passa a incluir a juventude.

2005

Direitos: no ano em que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) completa 15 anos em vigor, a VI Conferência do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) trata do controle social da situação da infância.

Mobilização: é criado o Movimento Todos pela Educação, com apoio da TV Globo e da UNESCO.

Criança Esperança: a UNESCO lança seu primeiro edital à frente do processo seletivo da Campanha Criança Esperança. O Programa passa a apoiar projetos de justiça restaurativa, uma metodologia inovadora, adotada em alguns lugares do país.

2006

Direitos: o Brasil reduz, de 24,8% para 12,7%, o número de crianças de até 1 ano de idade sem registro civil de nascimento.

Contexto: a OIT divulga uma pesquisa que revela que, entre 2000 e 2004, em todo o mundo, ocorreu uma queda de 10% no número de crianças usadas como mão de obra.

Pesquisa: um levantamento realizado pela extinta Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) de São Paulo, com 1.190 internos, mostrou que 41% dos adolescentes não estavam matriculados na escola antes da internação.

Violência sexual: o governo federal lança o Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual Infantojuvenil no Território Brasileiro (Pair), cujo objetivo é integrar ações municipais, estaduais e federais.

Criança Esperança: o tema central da Campanha é a violência contra crianças e adolescentes.

2007

Direitos: o governo federal apresenta a Agenda Social Criança e Adolescente, com foco em crianças e adolescentes em situação de violência. A Agenda envolveu 47 ações, 14 ministérios, ONGs, organismos internacionais, estados e municípios.

Mortalidade infantil: o Ministério da Saúde anuncia que, desde 2004, o Brasil vem conseguindo reduzir, em 5% ao ano, as mortalidades materna e neonatal.

Criança Esperança: a atriz Fernanda Montenegro sobe ao palco do *show* para falar sobre a importância da educação: 17 milhões de brasileiros de todas as idades não sabem ler nem escrever. O Programa ganha o prêmio Top Educação, na categoria Social, da revista “Educação”.

2008

Legislação: o texto do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é modificado para punir a pedofilia na internet. O Brasil é o terceiro país do mundo a criminalizar fotomontagens que fazem a conexão entre crianças e qualquer contexto pornográfico.

Direitos: o governo cria o Programa Empresa Cidadã, que concede benefícios fiscais às empresas que ampliem de quatro para seis meses o prazo da licença-maternidade.

Educação: lançamento do programa “Globo educação”.

Pedofilia: uma pesquisa revela que as denúncias de abusos contra crianças e adolescentes na internet cresceram 75%, entre janeiro e setembro de 2008 (dados da SaferNet Brasil).

Contexto: a Declaração do Rio de Janeiro – que visa a prevenir e eliminar a exploração sexual de crianças e adolescentes – é aprovada durante o III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Trabalho infantil: o governo brasileiro promulga um decreto que reconhece a lista das Piores Formas de Trabalho Infantil, indicadas pela OIT.

Criança Esperança: a UNESCO e a TV Globo assinam um acordo para renovar a parceria no Programa Criança Esperança, na sede da Organização, em Paris. O *show* celebra os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

2009

Legislação: passa a vigorar a nova Lei da Adoção (Lei nº 12.010), que dá prioridade à reintegração das crianças e dos adolescentes à própria família, antes do encaminhamento a um abrigo.

Educação: o número de alunos matriculados na educação profissional sobe 14,7% em relação a 2007, segundo o Censo Escolar da Educação Básica. No mesmo período, o número total de crianças em creches aumenta 10,9%.

Saúde: o Ministério da Saúde faz um pacto para reduzir a mortalidade infantil, em 5% ao ano, com os governos dos seguintes estados: Acre, Amazonas, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Contexto: uma megaoperação mundial contra a pornografia infantil, liderada pela Alemanha, revela uma rede que envolvia 9 mil suspeitos em 91 países. O Brasil está entre os primeiros da lista.

Abuso: é sancionada uma lei que agrava a pena de quem pratica abuso sexual contra crianças e adolescentes. Empresas de telefonia e operadoras de cartão de crédito passam a colaborar com as investigações nesses casos. Outra lei permite que motéis flagrados com crianças e adolescentes sejam fechados.

Crianças desaparecidas: a Associação Brasileira de Busca e Defesa a Crianças Desaparecidas (ABCD), conhecida como “Mães da Sé”, revela que cerca de 50 mil crianças e adolescentes desaparecem todos os anos no Brasil e que 15% deles nunca mais voltam para suas casas. A Câmara dos Deputados instaura uma CPI para investigar a questão e cria o Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Desaparecidos.

Criança Esperança: a UNESCO e a TV Globo lançam o livro “Criança Esperança: mobilizando pessoas, transformando vidas”. O Programa Criança Esperança e a parceria entre UNESCO e TV Globo são destaques na cerimônia de abertura do Fórum de Parceiros da UNESCO, durante a 35ª Conferência Geral da Organização, em Paris.

2010

Direitos: no ano em que o ECA completa 20 anos de vigência, é criado o Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente (SGDCA), instância que articula Estado, famílias e sociedade civil em três eixos: defesa, promoção e controle.

Trabalho infantil: o Censo do IBGE 2010 revela que mais de 1 milhão de crianças e adolescentes, de 10 a 14 anos, trabalham. O problema é mais grave nas Regiões Norte (9%) e Nordeste (8%). A boa notícia vem da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), que revela uma queda no trabalho infantil: a taxa caiu de 11,6%, em 2007, para 7,2%, em 2011.

Educação: o Relatório de Monitoramento Global de EPT da UNESCO indica que os índices de repetência e abandono escolar no Brasil são os mais elevados da América Latina.

Criança Esperança: o Programa completa 25 anos. A UNESCO e a TV Globo lançam o livro “25 anos criando oportunidades”. Na campanha deste ano, o programa “Fantástico” lança o Mesão da Esperança, formado por artistas da Rede Globo que atenderam às ligações das pessoas que quiseram doar.

2011

Direitos: o governo brasileiro lança e divulga o Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes para a próxima década.

Medida socioeducativa: o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) cria o Programa Justiça ao Jovem, e equipes inspecionam as unidades de internação do país. Constata-se que, na maior parte dos estados, as medidas socioeducativas são executadas de forma irregular. Neste ano, o país contabiliza 18 mil adolescentes presos por atos infracionais graves. Em mais de 10% dos estabelecimentos, foram registradas situações de abuso sexual e, em 5%, ocorrências de mortes por homicídio. Um quarto dos estabelecimentos visitados já havia enfrentado rebeliões ou motins.

Gestão: o governo lança o Plano Decenal de Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes para a próxima década.

Monitoramento: o Disque Denúncia recebe o triplo de denúncias de violações aos direitos humanos de crianças e adolescentes, em comparação com o ano anterior. As mais frequentes são negligência (40,88%), violência psicológica (24,34%), violência física (21,67%) e violência sexual (11,53%), segundo dados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR).

Trabalho infantil: o governo federal lança o Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente Trabalhador, com o objetivo de eliminar as piores formas de trabalho infantil, até 2015, e erradicar a totalidade do trabalho infantil, até 2020. As metas foram assumidas pelo Brasil e por todos os países signatários do documento.

Criança Esperança: com o tema “Geografia sentimental do Brasil”, o espetáculo contou a história do país por meio da música, da dança e da cultura regional, inspirando-se na obra do pintor paulista Cândido Portinari. A 26ª edição bateu recorde de arrecadação: mais de R\$ 18,5 milhões.

2012

Rede de proteção: promulgação da lei que regulamenta os processos de escolha dos Conselhos Tutelares e discrimina as atribuições dessa instância de proteção (Lei nº 12.696).

Recuperação: criação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), que regulamenta a execução das medidas destinadas aos adolescentes infratores. O Sinase tem como princípio a ênfase no caráter pedagógico e socializador das medidas socioeducativas.

Pesquisa: o Ministério da Justiça e alguns parceiros revelam que, entre 2005 e 2011, pelo menos 337 pessoas, a maioria mulheres e meninas, foram enganadas ou coagidas e se viram obrigadas a deixar o Brasil para trabalhar como prostitutas. Pernambuco, Bahia e Mato Grosso do Sul são os estados que registram os maiores números de casos de exploração sexual. Os principais destinos dessas mulheres são Suíça, Espanha e Países Baixos. A novela “Salve Jorge”, da TV Globo, trata do tema.

Contexto: o Escritório das Nações Unidas contra as Drogas e o Crime (UNODC) alerta que, entre 2010 e 2012, meninas e mulheres representaram 70% das pessoas traficadas em todo o mundo. Uma em cada três vítimas é criança, o que representa um aumento de 5% em relação ao período analisado anteriormente, entre 2007 e 2010.

Denúncia: a exploração sexual de menores repercute na mídia, com a denúncia do aliciamento de meninos que se prostituíam nas ruas de São Paulo e em países da Europa. A metrópole brasileira é apontada como o centro do tráfico de adolescentes. Reportagens revelam que garotos, a partir dos 14 anos, são aliciados no Ceará, no Rio Grande do Norte e no Piauí.

Mobilização: é criada a CPI da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. O Disque 100, mantido pela SDH, registrou, entre 2003 e março de 2011, 52 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes em todo o país. A Região Nordeste está em primeiro lugar no número de casos, seguida pela Região Sudeste.

A novela “Amor eterno amor” apoia serviços de busca a crianças desaparecidas. Ao final de cada episódio, são mostradas fotos de crianças desaparecidas. A campanha foi uma parceria da Globo com a Fundação da Infância e Adolescência.

Acesso: resultados preliminares do Censo Escolar MEC/Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – indicam o aumento de 7,64% no número das matrículas em educação especial na rede pública brasileira, em relação ao ano anterior. A baixa presença dos alunos com deficiências no ensino regular aponta para as dificuldades de inclusão no sistema de ensino.

Trabalho infantil: o IBGE revela uma ligeira queda nas taxas de trabalho infantil, entre 2011 e 2012. O percentual de crianças e adolescentes engajados em atividades de trabalho passou de 8,6%, em 2011, para 8,3%, em 2012. Por outro lado, a taxa de homicídios entre a população de até 19 anos aumentou 194,2%, entre 1980 e 2012.

Criança Esperança: o programa “A esperança é o que nos move” homenageou o povo brasileiro, ao retratar a história da formação da identidade nacional do país.

2013

Legislação: criação do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852), que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e as diretrizes das políticas públicas de juventude, bem como o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve).

Maioridade penal: o debate em torno da maioridade penal volta à pauta do Congresso Nacional.

Acesso: ocorre a redução do problema da fome no país. Segundo o IBGE, a quantidade dos domicílios brasileiros considerados em situação de insegurança alimentar grave caiu de 5% para 3,2%, entre 2009 e 2013. Há 10 anos, 6,9% dos domicílios brasileiros estavam nessa situação. A pesquisa abrange os 65,2 milhões de domicílios do país.

Todos pela Educação: um levantamento, realizado com base na PNAD, revela que apenas 54,3% dos estudantes brasileiros concluem o ensino médio até os 19 anos. A proporção é inferior ao índice de 63,7%, estabelecido pelo Movimento Todos pela Educação como uma das metas a serem atingidas até 2022. A meta para o ensino fundamental prevê que 84% dos alunos encerrem esse ciclo aos 16 anos – apenas 71,7% conseguiram.

Contexto: o papa Francisco é escolhido sumo pontífice e lidera a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro. O primeiro papa de origem sul-americana visita a Favela da Varginha, em Manguinhos, onde afirma que, enquanto a desigualdade social não for resolvida, não haverá “paz duradoura”. Em Copacabana, ele discursa para 1 milhão de pessoas e se reúne com menores infratores, fazendo um alerta contra a violência policial no Brasil. “Candelária nunca mais”, declara o papa, referindo-se à chacina cometida por policiais, que deixou oito mortos em 1993.

Protestos: o aumento do preço das passagens do transporte público desencadeia uma onda de protestos, liderada por jovens. A repressão policial às manifestações chama atenção da imprensa e incentiva ainda mais a adesão popular às mobilizações. Os movimentos sociais pautam as passeatas, levantando temas como educação, corrupção política, má qualidade dos serviços públicos, gastos públicos com a Copa do Mundo e com os Jogos Olímpicos no país, entre outros assuntos.

Criança Esperança: a Campanha passa a ocupar um dia inteiro na grade de programação da TV Globo, o Dia da Esperança.

2014

Legislação: o Brasil aprova a “Lei da Palmada” (Lei nº 13.010), que pune adultos que impõem castigos físicos, bem como tratamentos cruéis ou degradantes na educação de crianças e adolescentes. Também são aprovadas as leis que asseguram a convivência de crianças e adolescentes com pais privados de liberdade (Lei nº 12.962) e a que classifica como hediondo o crime de favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de crianças ou adolescentes (Lei nº 12.978).

Cultura: lançamento do programa “Como será?”, uma parceria entre o jornalismo e a área de Responsabilidade Social da Globo, dedicado ao conhecimento, à educação, à sustentabilidade e à mobilização social.

Educação: aprovado o Plano Nacional de Educação. O PNE estabelece 20 metas e estratégias para o setor nos próximos dez anos, entre elas, um investimento de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) no setor.

Mobilização: lançamento da Campanha Quem Lê Viaja, de incentivo à leitura nas férias.

A Globo apoia a campanha da ONG Childhood contra a exploração sexual de crianças durante a Copa do Mundo. Especial do “Globo repórter” denuncia que o trabalho infantil ainda não acabou no Brasil e expõe a ineficácia da fiscalização. O “Fantástico” exibe o quadro “Educação.com”, dirigido pelos cineastas Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi.

Reconhecimento: o indiano Kailash Satyarthi e a paquistanesa Malala Yousafzai recebem o Prêmio Nobel da Paz, pela luta em favor das crianças e dos jovens e pelo direito de todos à educação. Cerca de 15 milhões de crianças e adolescentes são afetados, ao longo do ano, por conflitos violentos em todo o mundo. Pelo menos 230 milhões de pessoas nessa faixa etária vivem em países ou regiões afetadas por conflitos armados.

Pesquisa: o Relatório de Monitoramento Global de EPT da UNESCO, alinhado aos ODM das Nações Unidas, indica a dificuldade de o Brasil atingir o seu segundo objetivo, que consiste em assegurar a universalização da educação básica até 2015. O compromisso de EPT foi assinado por 164 países, no Fórum Mundial de Educação, realizado em Dacar, no Senegal, em 2000.

Trabalho e etnia: os meninos negros são as principais vítimas do trabalho infantil no Brasil: 5,8% dessa população, de 5 a 15 anos, desenvolvem algum tipo de trabalho. Entre os meninos brancos, a taxa de ocupação de crianças e adolescentes da mesma faixa etária é de 3,7%. Entre a população feminina de 5 a 15 anos, a taxa é de 2,9% entre as negras, e 2% entre as brancas. Os dados são do Sistema Nacional de Indicadores em Direitos Humanos (SNIDH).

Exploração sexual: um mapeamento realizado pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) revela que as estradas federais abrigam 1.969 pontos “vulneráveis” à exploração sexual de crianças e adolescentes. Destes, 566 pontos foram considerados críticos, 538 de alto risco, 555 de médio risco e 310 de baixo risco. A Região Sudeste é a que apresenta mais trechos de vulnerabilidade, seguida pela Região Norte.

Criança Esperança: o *show* reúne mais de 20 artistas da música popular brasileira. Com o tema “Esperança: quem recebe, ganha. E quem doa também”, a Campanha traz histórias reais de doadores e beneficiados pelo Programa.

2015

Contexto: um em cada cinco adolescentes do mundo não frequenta a escola e, à medida que envelhecem, aumenta o risco de não frequentarem ou desistirem das salas de aula. Em todo o mundo, 121 milhões de crianças e adolescentes não estudam, apesar da promessa da comunidade internacional de cumprir os objetivos de Educação para Todos até 2015. As informações são da UNESCO e do UNICEF.

Acesso: o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) passa a atender moradores de rua, adolescentes que cumprem medidas socioeducativas e pessoas com deficiências.

Direitos: no dia 31 de março, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados aprova a admissibilidade da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 171/1993, que reduz a maioria penal, de 18 para 16 anos. Nessa etapa, a CCJ analisou apenas a constitucionalidade, a legalidade e a técnica legislativa da PEC. A Câmara cria uma Comissão Especial para examinar o conteúdo da proposta, e em 17 de junho aprova a redução para crimes tipificados como hediondos e outros considerados violentos. Até a ocasião do lançamento deste livro, em julho, o projeto segue em discussão, e ainda precisa ser aprovado pelo plenário da Câmara dos Deputados, em dois turnos, e pelo Senado.

Criança Esperança: completa 30 anos de atividade ininterrupta. É o maior e o mais antigo programa de mobilização social do país, reconhecido pela ONU como um exemplo. Entre 1986 e 2015, apoiou pelo menos 5 mil projetos sociais, beneficiando mais de 4 milhões de crianças e adolescentes em todas as regiões do país.



Bibliografia



ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>>.

ABRAMOVAY, M. et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond; Brasília: UNESCO, 1999.

ABRAPIA. *ABRAPIA: Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência*. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br>>.

ABRIL.COM. *Revista Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/>>.

ANDI. *Site ANDI: Agência de Notícias dos Direitos da Infância*. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/>>.

ANNA. *ANNA Observa: observatório interamericano de explotación sexual comercial de niños, niñas y adolescentes*. Disponível em: <http://www.annaobserva.org/web/public/anna_portugues.html>.

ASSIS, S. G. de. *Traçando caminhos numa sociedade violenta: a vida de jovens infratores e seus irmãos não infratores*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Ministério da Justiça, UNESCO, 1999.

ASSOCIAÇÃO COMITÊ RIO DA AÇÃO DA CIDADANIA, CONTRA A FOME, A MISÉRIA E PELA VIDA. *Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida*. Disponível em: <<http://www.acaodacidadania.com.br/>>.

BRASIL. Câmara dos Deputados. CCJ aprova tramitação de PEC da maioria penal. *Câmara Notícias*, 31 mar. 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITO-E-JUSTICA/484871-CCJ-APROVA-TRAMITACAO-DE-PEC-DA-MAIORIDADE-PENAL.html>>.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979. Institui o Código de Menores. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 11 out. 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6697.htm>.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 14 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>.

BRASIL. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 8 dez. 1993. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8742.htm>.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 21 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>.

BRASIL. Lei nº 12.696, de 25 de julho de 2012. Altera os arts. 132, 134, 135 e 139 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para dispor sobre os Conselhos Tutelares. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 26 jul. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12696.htm>.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – Sinajuve. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 06 ago. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>.

BRASIL. Lei nº 12.962, de 8 de abril de 2014. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, para assegurar a convivência da criança e do adolescente com os pais privados de liberdade. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 09 abr. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12962.htm>.

BRASIL. Lei nº 12.978, de 21 de maio de 2014. Altera o nome jurídico do art. 218-B do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal; e acrescenta inciso ao art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para classificar como hediondo o crime de favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 22 mai. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12978.htm>.

BRASIL. Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*. Brasília: Presidência da República Federativa do Brasil, 27 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm>.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portal*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.html>>.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)*. Disponível em: <<http://pronatec.mec.gov.br/>>.

BRASIL. Ministério da Justiça. *Cadernos de enfrentamento ao tráfico de pessoas no Brasil, 5 v.* Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/sua-protecao/trafico-de-pessoas/publicacoes>>.

BRASIL. Ministério da Justiça. *Portal*. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/>>.

BRASIL. Ministério da Justiça. Departamento de Polícia Rodoviária Federal. *Mapeamento identifica 1.969 pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias brasileiras*, 25 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.prf.gov.br/PortalInternet/visualizacaoTextoComFotos/faces;jsessionid=B0F44126C34346443D533C1DD1A40DCF.node30187P00?id=299826>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portal*. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>>.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil. *Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente Trabalhador*. 2.ed. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A398D4C9A013996C7E6B01D8A/Plano%20Nacional%20de%20Preven%C3%A7%C3%A3o%20e%20Erradica%C3%A7%C3%A3o%20do%20Trabalho%20Infantil%20e%20Prote%C3%A7%C3%A3o%20ao%20Adolescente%20Trabalhador.pdf>>.

BRASIL. Presidência da República Federativa do Brasil. *Portal Palácio do Planalto*: Presidência da República Federativa do Brasil. Brasília: Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/>>.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Disque denúncia*. Brasília: SDH/PR. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/disque-direitos-humanos/disque-direitos-humanos>>.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Observatório Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Brasília: SDH/PR. Disponível em: <<http://www.obscriancaeadolescente.org.br/?id=beg>>.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo* (Sinase). Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/programas/sistema-nacional-de-medidas-socioeducativas/sistema-nacional-de-atendimento-socioeducativo-sinase-1>>.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Sistema Nacional de Indicadores em Direitos Humanos* (SNIDH). Disponível em: <<http://snidh.sdh.gov.br/>>.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. *Drogas nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128719porb.pdf>>.

CECRIA. *Dez anos de Estatuto da Criança e do Adolescente*: avaliando resultados e projetando o futuro. Brasília: Cecria, UNICEF, UNESCO, Amencar, 2000.

CNJ. *Programa Justiça ao Jovem*. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/atos-administrativos/atos-da-presidencia/264-rodape/acoes-e-programas/programas-de-a-a-z/justica-ao-jovem/13112-programa-justica-ao-jovem>>.

CONANDA. *Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes*. Brasília, 19 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.institutopersonalservice.org.br/UI/arquivos/CONANDA.pdf>>.

DIMENSTEIN, G. *A guerra dos meninos: assassinato de menores no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DOWDEY, L. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

EBC. *Agência Brasil*: Empresa Brasil de Comunicação. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/>>.

EDITORA TRÊS. *Revista Isto É*. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br/capa>>.

ESTADAO.COM.BR. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<http://estado.com.br/>>.

FNDCA. *Fórum Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <<http://www.forumdca.org.br/>>.

FOLHA.COM. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>>.

FUNDAÇÃO ABRINQ. *Portal Fundação Abrinq, Save the Children*. Disponível em: <<http://www.fundabrinq.org.br/portal/default.aspx>>.

GALDINO, M.; REI, M. A. Maioridade penal: três propostas aguardam votação na CCJ. Senado Notícias, 31 mai. 2013. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/05/31/maioridade-penal-tres-propostas-aguardam-votacao-na-ccj>>.

GLOBO.COM. *Criança Esperança*. Disponível em: <<http://criancaesperanca.globo.com/>>.

GLOBO.COM. Dilma Rousseff manda suspender kit anti-homofobia, diz ministro. *G1*, 25 mai. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html>>.

GLOBO.COM. *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/>>.

GLOBO.COM. Malala Yousafzay e Kailash Satyarthi recebem formalmente o Nobel da Paz. *G1*, 10 dez. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/malala-yousafzay-e-kailash-satyarthi-recebem-formalmente-o-nobel-da-paz.html>>.

GLOBO.COM. *Memória Globo*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/>>.

GLOBO.COM. Menor agredido e preso a poste é apreendido no Rio após assalto. *G1*, 21 fev. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/menor-agredido-e-presos-poste-e-detido-no-rio-apos-assaltar-turista.html>>.

GLOBO.COM. Papa Francisco visita comunidade de Varginha, no Rio de Janeiro. *Jornal Nacional*, 25. jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/papa-francisco-visita-comunidade-de-varginha-no-rio-de-janeiro.html>>.

GLOBO.COM. Protestos pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos. *G1*, 21 JUN. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>>.

GOMES FILHO, J. F. *Crianças e adolescentes no semi-árido brasileiro*. Brasília: UNICEF, 2003.

GREGORI, M. F. (Org.). *Desenhos familiares: pesquisa sobre família de crianças e adolescentes em situação de rua*. Brasília: UNESCO, Fundação Bank Boston; São Paulo: Editora Alegro, 2000.

IBGE. *Censo 2010*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/pt/censo-2010>>.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/>>.

IBGE. *Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>.

IBGE. *Trabalho infantil*. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/trabalho infantil/ outros/ graficos.html>>.

INEP. *Censo da educação básica, 2012: resumo técnico*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2012.pdf>.

LEITE, L. C. *Meninos de rua: a infância excluída no Brasil*. São Paulo: Atual Editora, 2001.

NOLETO, Marlova J. *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. Brasília: UNESCO, 2008. (Coleção abrindo espaços: educação e cultura para a paz). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178532por.pdf>>.

OLIVEIRA, M. Redução da maioria penal não resolve criminalidade, afirma Gurgel. *G1*, 20 mai. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/reducao-da-maioridade-penal-nao-resolve-criminalidade-afirma-gurgel.html>>.

OIT. *Portal*. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/>>.

PNUD. *Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/odm.aspx>>.

SAFERNET BRASIL. *Site SaferNet Brasil*. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/>>.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Portal*. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/>>.

UNESCO. *Alcançar os marginalizados*: relatório de monitoramento global de EPT, 2010, relatório conciso. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001865/186525por.pdf>>.

UNESCO. *Criança Esperança*: mobilizando pessoas, transformando vidas. Brasília: UNESCO, TV Globo, 2009.

UNESCO. *Criança Esperança*: 25 anos criando oportunidades. Brasília: UNESCO, TV Globo, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001897/189760por.pdf>>.

UNESCO. *Educação para Todos 2000-2015*: progressos e desafios, relatório de monitoramento global de EPT, 2015, relatório conciso. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf>>.

UNESCO. *Ensinar e aprender*: alcançar a qualidade para todos, relatório de monitoramento global de EPT, 2013-2014, relatório conciso. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>>.

UNESCO. *Mortes matadas por armas de fogo no Brasil, 1979-2003*. Brasília, 2005. (Série debates; 7). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139949por.pdf>>.

UNESCO. *Portal*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/brasilia>>.

UNICEF. *Relatório da situação da infância e adolescência brasileiras*. Brasília, 2003.

UNICEF. *Portal*. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/>>.

UNODC. *Global report on trafficking in persons*. Vienna, 2012. Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/glotip/Trafficking_in_Persons_2012_web.pdf>.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência*: os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO; Rio de Janeiro: Garamond, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129886porb.pdf>>.

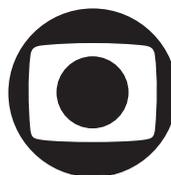
WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência II*: os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, 2000. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129885porb.pdf>>.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência III*: os jovens do Brasil; juventude, violência e cidadania. Brasília: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001266/126639por.pdf>>.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência IV*: os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001351/135104porb.pdf>>.

CRIANÇA ESPERANÇA

30



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-98273-02-0



9 788598 273020